

PORTFOLIO

BRUNA LONGO



BRUNA LONGO
E-mail: brunaflongo@gmail.com
<http://www.brunalongo.weebly.com>
Celular: +5511 99627-7432

CURRICULUM VITAE RESUMIDO

Atriz, dramaturga, pesquisadora corporal, diretora de movimento e educadora. Mestre em Movement Studies pela Universidade de Londres com experiência no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos. Colaborou com a companhia dinamarquesa Odin Teatret, dirigida por Eugenio Barba, de 2006 a 2010, e foi membro da Cia. da Revista, de São Paulo, de 2010 a 2016. Criadora do espetáculo *Criatura, Uma Autópsia*, fricção entre a vida de Mary Shelley e seu romance *Frankenstein*, indicada como melhor atriz no Prêmio Aplauso Brasil 2019, com o qual participou de festivais na Turquia, Angola, Turquia, Cabo Verde e Argentina; e de *Queda de Baleia ou Canto Para Dançar Com Minha Morte*, que teve temporada de estreia sucesso de crítica e público no cemitério do Redentor em São Paulo, capital, e pelo qual foi indicada ao Prêmio APCA 2025 na categoria melhor atriz.

CURRICULUM VITAE COMPLETO

Formação

- Mestrado em Movement Studies (Pedagogia do movimento para Atores), Royal Central School of Speech and Drama – University of London, Reino Unido, 2010 – reconhecido pela Reitoria de Pós-graduação da Universidade de São Paulo, Brasil.
- Bacharelado em Comunicação Social – Cinema e Vídeo, Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, Brasil, 2000.
- Técnico Profissionalizante como atriz, Teatro-escola Célia Helena, São Paulo, Brasil, 1999.

Experiência Profissional em Teatro Como Atriz

2025 - *Queda de Baleia ou Canto para Dançar com a Minha Morte*. Criação de Bruna Longo com codireção de Vitor Julian. Indicado ao Prêmio APCA 2025 – Melhor Atriz.

2021 - *Criatura, Uma Autópsia – versão audiovisual*, Fricção entre *Frankenstein* e a vida de sua autora Mary Shelley. Criação de Bruna Longo. Como parte do Projeto Anônimo Muitas Vezes Foi Mulher, de sua concepção, contemplado pela 11ª Edição do Prêmio Zé Renato. Temporada virtual nas redes virtuais dos teatros Cacilda Becker, Arthur Azevedo, João Caetano e Alfredo Mesquita.

- *Cada Qual no Seu Barril - versão audiovisual*, dramaturgia corporal de Bruna Longo e Daniela Flor com direção de Kleber Montanheiro. Pelas plataformas virtuais do Espaço Cia. da Revista, São Paulo, Brasil. Pela Lei Aldir Blanc.

Desde 2019 - *Criatura, Uma Autópsia*, Fricção entre *Frankenstein* e a vida de sua autora Mary Shelley. Criação de Bruna Longo. *Indicada ao Prêmio Aplauso Brasil na categoria Melhor Atriz (2019)*

2018 - *Os 3 Mundos*, de Fábio Moon e Gabriel Bá, com direção de Nelson Baskerville. Teatro Popular do SESI.

2016 - *Um Dez Cem Mil Inimigos do Povo*, dramaturgia de Cassio Pires sobre texto de Henrik Ibsen, trilha sonora original de Ricardo Severo e direção de Kleber Montanheiro.

2014/15 - *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque de Hollanda. Direção de Kleber Montanheiro. Centro Cultural Banco do Brasil - SP

2013 - *Crônicas de Cavaleiros e Dragões*, de Paulo Rogério Lopes, inspirado em livro de Tatiana Belinsky. Direção de Kleber Montanheiro. Teatro Popular do SESI.

2012/15- *Kabarett*, dramaturgia e direção de Kleber Montanheiro. Cia. da Revista – MINITEATRO, São Paulo, Brasil.

2012 /16- *Cabeça de Papelão*, dramaturgia de Ana Roxo sobre conto de João do Rio. Direção de Kleber Montanheiro. Cia. da Revista, São Paulo, Brasil. Indicado a dois prêmios SHELL e dois prêmios Cooperativa Paulista de Teatro. Recebeu Prêmio de Melhor Atriz no Festival de Teatro de Taubaté (setembro de 2013).

2011 - *Carnavalha*, recriação dramatúrgica de Bruna Longo para *Ascensão e Queda da Cidade de Mahagonny*, de Bertolt Brecht. Direção de Kleber Montanheiro. Cia. da Revista, São Paulo, Brasil.

desde 2011- *Cada Qual no Seu Barril*, dramaturgia corporal de Bruna Longo e Daniela Flor com direção de Kleber Montanheiro. Cia. da Revista, São Paulo, Brasil. Indicado a seis prêmios FEMSA de Teatro Infantil e Jovem, incluindo melhor espetáculo e melhor atriz (Bruna Longo)
- *À Beira do Mar Aberto*, de Caio Fernando Abreu. Parte da MiniMostra Caio – MINITEATRO, São Paulo, Brasil.

2009 - *Ur-Hamlet 09*. Direção de Eugenio Barba. Odin Teatret. Apresentações no Festival *The World as a Place of Truth*, como parte do Ano de Grotowski, em Wrocław, Polônia.

2008 - *The Marriage of Medea*. Direção de Eugenio Barba. Odin Teatret. Apresentações no Festuge 2008 em Holstebro, Dinamarca.

2007 - *Landrus & Cassia*, escrito e dirigido por Brian O'Connor. American Shakespeare Center, Virginia, EUA.

- *Shentai – The Circus Must Go On*. Direção de Martha Mendenhall. Performers Exchange Project, Zen Monkey Project e Living Education Center. Virginia, EUA.

2006 - *Ur-Hamlet*. Direção de Eugenio Barba. Odin Teatret. Apresentações no Ravenna Theatre Festival (Itália), Hamlet Sømmer no Castelo de Kronborg em Helsingør e em Holstebro, Dinamarca.

2004 - *O Nome*, de Jon Fosse. Direção de Denise Weinberg. Direção Corporal: Neide Neves. Apresentações no Teatro Popular do SESI e Unidades do Sesi no interior do estado, São Paulo, Brasil.

2002 - *O Rei do Brasil*, de Luís Alberto de Abreu. Direção de Renata Zhaneta. São Paulo, Brasil.

- *Semana de Arte Moderna de 22 – 80 Anos Depois*. Direção de Nicole Aun. Cia. dos Truões, em São Paulo, Brasil.

- *Meu Poetinha – Uma Homenagem a Vinicius de Moraes*. Cia. dos Truões, em São Paulo, Brasil.

1999 - *Sobre Antigone, Sob Sófocles*, Sófocles. com textos de Bertolt Brecht e Heiner Müller. Direção de Marco Antonio Rodrigues.

- *duas luas*. Direção de Nicole Aun. Cia. dos Truões, São Paulo, Brasil.

Como Diretora

2020 – *Sonho de Uma Noite de Verão*, de William Shakespeare, formatura de alunos d'A Voz em Cena.

2016 - *Boca Cheia D'água*, co-direção com Marcelo Carrusca para texto de Livia Gaudêncio e Cecília Bilansky. Cia. O Trem (Belo Horizonte, MG)

2011 - *O Diário de Anne Frank*, com adolescentes do curso de formação da Globe - SP.

Como Diretora de Movimento

2026 – *Nós, os Justos*. Texto e direção de Kiko Rieser.

2025 – *Carne Viva*, direção e texto de Luh Maza. Consultoria de movimento.

2024 - *A Jornada em Busca do Pássaro Azul*, adaptação de Angela Ribeiro para obra de Maurice Maeterlinck e direção de Kleber Montanheiro.

2023 – *Circo de Mão*, solo de Ronaldo Aguiar com dramaturgia e direção de João Junior.

2023 – *3x1 Tebas*, de Solange Dias e direção de Juliano Barone.

2023 – *Estufa – Falso Testemunho*, de Angela Ribeiro e direção de Erica Montanheiro.

2023 – *Nasci pra ser Dercy*, texto e direção de Kiko Rieser. Com Grace Gianoukas.

2022 – *Do que são feitas as estrelas?*, de Sofia Fransolin e direção de Kiko Marques.

2022 – *Cangaceiras, Guerreiras do Sertão*, de Newton Moreno e Fernanda Maia, direção de Jessé Scarpellini.

2022 – *E lá fora o silêncio*, de Ave terrena e direção de Diego Moschkovitz.

2022 – *Yerma*, inspirado em texto de Federico Garcia Lorca. Direção de Dan Rosseto. Com a Cia. 4 Nós.

2022 – *Aquele Trem*, de Denise Dietrich e direção de Erica Montanheiro.

2021 – *O Rato Prateado*, de Lucas Valadares. Direção de João Júnior.

2021 – *Lembro Todo Dia de Você*, de Fernanda Maia. Direção de Thiago Dombidau. Curso de Montagem d'A Voz em Cena.

2021 – *Dear Evan Hansen*, de Benj Pasek e Justin Paul. Direção de Cayke Scalioni. Curso de Montagem d'A Voz em Cena.

2019 - *Conto de Inverno*, de William Shakespeare, tradução e adaptação de Bruna Longo, com direção de Juliano Barone.

2018 - *A Resistível Ascensão de Arturo Ui*, de Bertolt Brecht, direção de Kleber Montanheiro.

2018 - *Noite de Reis*, de William Shakespeare. Direção de Juliano Barone.

2018 - *Roupa Suja*, dramaturgia de César Ferrario sobre contos de Marcelino Freire. Direção de João Junior. Produção As De Fora.

2017 - *Tríptico Nos trilhos abertos de um leste migrante: Carta 1, Carta 2 e Carta 3*, direção de João Junior, com a Cia. Estopô Balaio.

2017 - *Vocês que me habitam*, direção de Erica Montanheiro

2017 - *O Cabelo da Princesa*, de João Carlos Mattos, direção de Gilda Vandenbrande.

2016 - *Um Rio de Infância para Shakespeare*, de Jorge Michel, direção de Cacau Merz e Alexandre Brazil.

2016 - *Os Dois e Aquele Muro*, direção de Francisco Medeiros e texto de Ed Anderson.

2015 - *Navio Fantasma – Holandês Voador*, de Paulo Rogério Lopes. Direção de Kleber Montanheiro.

2013 - *O Beco dos Gatos*, de Livia Gaudêncio. Direção de Juliano Barone.

- *Delas*, de Helga Bevilacqua. Direção de Juliano Barone.

2012 - *A Menina que entra em livros*, de Livia Gaudêncio. Direção de Juliano Barone.

2010 - *King Lear*, de William Shakespeare. Direção de Catherine Alexander. Estágio como parte do Mestrado em Movement Studies - Central School of Speech and Drama - University of London, Londres, Reino Unido.

- *Epsom Downs*, de Howard Brenton. Direção de Pete Harris. Guildford School of Acting – University of Surrey, Guildford, Reino Unido. Estágio como parte do Mestrado em Movement Studies - Central School of Speech and Drama - University of London, Londres, Reino Unido.

2009 - Shows de abertura da Temporada de Verão do American Shakespeare Center. Direção de Benjamin Curns. Virginia, EUA.

2008 - *The Two Gentlemen of Verona*, de William Shakespeare. Direção de Thadd McQuade. American Shakespeare Center, Virginia, EUA.

2007 - *Landrus & Cassia*, escrito e dirigido por Brian O'Connor. American Shakespeare Center, Virginia, EUA.

2006 - *Antigone*, de Sófocles. Direção de Nicole Aun. Cia. Cata-vento. São Caetano do Sul, Brasil.

- *MauDitas*. Direção de Kleber Montanheiro. Co-produção da Cia dos Truões com a Cia. da Revista. São Paulo, Brasil.

- *Todas Elas*, de F. Mendes. Direção de Nicole Aun. Cia. dos Truões. São Paulo, Brasil.

2005 - *Pau Brasil*, de F. Mendes. Direção de Nicole Aun. Cia. dos Truões. São Paulo, Brasil.

2004 - *Geraldo Filme – Carnaval e tradição*. Cia. De Domínio Público. SESC SP. São Paulo, Brasil.

2002 - *Operetas de Noel Rosa*. Cia. De Domínio Público. São Paulo, Brasil.

- *Meu Poetinha – Uma Homenagem a Vinicius de Moraes*. Cia. dos Truões. São Paulo, Brasil.

- *Balada de um Palhaço*, de Plínio Marcos. Direção de Nicole Aun. Cia. dos Truões. São Paulo, Brasil.

- *Semana de Arte Moderna de 22 – 80 Anos Depois*. Direção de Nicole Aun. Cia. dos Truões. São Paulo, Brasil.

Como dramaturga

2025 - *Queda de Baleia ou Canto para Dançar com a Minha Morte*. Criação de Bruna Longo com codireção de Vitor Julian. Indicado ao Prêmio APCA 2025 – Melhor Atriz.

2019 - *Criatura, Uma Autópsia, Fricção entre Frankenstein e a vida de sua autora Mary Shelley*. Criação de Bruna Longo.

2011 - *Carnavalha*, recriação dramática para Ascensão e Queda da Cidade de Mahagonny, de Bertolt Brecht. Direção de Kleber Montanheiro. Cia. da Revista, São Paulo, Brasil. Também como atriz.

2006 - *MauDitas*. Direção de Kleber Montanheiro. Co-produção da Cia dos Truões com a Cia. da Revista. São Paulo, Brasil.

1999 - *duas luas*. Direção de Nicole Aun. Prêmio de melhor texto teatral no V Festival de Teatro de Guaçuí (Espírito Santo, Brasil). Participação no I Congresso Brasileiro de Dramaturgia, organizado pela SBAT e o Instituto Chiquinha Gonzaga, como autora convidada (Julho de 2002). Também como atriz.

Participou do I Congresso Brasileiro de Dramaturgia, organizado pela SBAT e o Instituto Chiquinha Gonzaga, como autora convidada, realizando a apresentação do texto “Duas Luas” (Julho de 2002).

Experiência profissional em pedagogia

- Professora de interpretação e expressão corporal na Escola A Voz Em Cena, desde fevereiro de 2020.
- Professora de expressão corporal e vocal e interpretação na Oficina de Atores Nilton Travesso, de agosto de 2017 a julho de 2020.
- Professora de expressão corporal e vocal na Thymeli, de fevereiro a julho de 2020.
- Diretora Pedagógica e professora de Consciência e Expressão Corporal no Projeto Pedagógico Espaço Cia. da Revista 2017/18, em parceria com o SATED-SP, de fevereiro de 2017 a junho de 2018.
- Colaboradora pedagógica do Núcleo Educatho, ministrando oficinas de expressão corporal e composição física, de janeiro de 2011 a 2019.
- Colaboradora pedagógica do Armazém Cultural SP, ministrando oficinas de expressão corporal e composição física, de janeiro de 2014 a 2018.
- Professora de Consciência e Expressão Corporal, Interpretação e Improvisação na Globe-SP Escola de Atores, de janeiro a julho de 2011 e de agosto a dezembro de 2016.
- Coordenadora de treinamento corporal continuado no Espaço Cia. da Revista (São Paulo).
- Auxiliar de aula na Academia Tat Wong Kung Fu Academy Pacaembu, de janeiro de 2016 a agosto de 2019.
- Estágio como professora de Consciência e Expressão Corporal, como parte do Mestrado em Movement Studies pela Universidade de Londres, nas instituições: Royal Central School of Speech and Drama, Central Saint Martins College of Art and Design (Londres) e University of Surrey (Guildford), em 2009/10.
- Ministrou oficinas de expressão corporal em diversas instituições, dentre as quais: Oficina Cultural Oswald de Andrade (São Paulo, Brasil); Secretaria da Cultura de São Paulo, Centro Cultural Monte Azul (São Paulo, Brasil), Globe-SP (São Paulo, Brasil), Teatro Denoy de Oliveira (São Paulo, Brasil), Fábrica de Arte de Araras (Araras - SP), Núcleo Anima (São Paulo, Brasil), American Shakespeare Center (Staunton, EUA), James Madison University (Harrisonburg, EUA), The Nightingale Theatre (Brighton, Reino Unido), Performer's Playground (Londres, Reino Unido), Goldsmiths College (Londres, Reino Unido), entre outras. Ministrou oficina de Consciência Corporal para instrutores do Centro Cultural Peinha (SP), em 2002.
- Ministrou Oficinas de Circo (projeto “Férias na Escola” da Secretaria da Cultura de SP) para crianças e adolescentes, em 2002.
- Ministrou Oficina de Circo no Centro Cultural Monte Azul, como parte da X Mostra de Teatro Monte Azul, em 2002.
- Ministrou Oficina de Circo na Fábrica de Arte de Araras (SP), em 2002.

Treinamento Complementar

- Colaboração com a companhia de teatro Odin Teatret de 2006 a 2010, tendo participado de sessões de treinamento lideradas por Eugenio Barba, Julia Varley, Tage Larsen, Torgeir Wethal, Roberta Carreri, Jan Ferslev e Augusto Omulú.
- Trabalho de composição e treinamento com Roberta Carreri, como parte de um grupo de artistas convidados, em Holstebro (Dinamarca, 2009 e 2010).
- Treinamento em Mímica Corporal Dramática com Sandra Parra (2002), Luis Louis (de 2005 a 2007, 2019), Thomas Leabhart (oficina, EUA, 2007), Nadja Turenko (São Paulo, Brasil, 2009).

- Treinamento em técnicas circenses, com ênfase em acrobalance e pirâmides acrobáticas com a Cia. Cênica Nau de Ícaros (1999 a 2001), Alex Marinho e Rúbia Neiva, no Galpão do Circo (2001 a 2003) e Gustavo Carvalho na Central do Circo (2003); Acrobacias aéreas (trapézio e lira) com a Cia. Cênica Nau de Ícaros. (1999 a 2001), Rodrigo Matheus, Cia. Circo Mínimo (2000), Elza Wolf, no Galpão do Circo (2002) e Oz Academia Aérea de Circo (2002).
- Membro do ATME (Association of Theatre Movement Educators – EUA). Palestrante no ATME Colloquium 2007 com a demonstração de trabalho Building on Invisible Trainings.
- Membro do Núcleo Experimental de Teatro do SESI, em 2003-2004, tendo trabalhado com Isabel Setti (EAD-SP), Tica Lemos, Lu Favoretto e Cristiane Paoli Quito (Estúdio Nova Dança), Berta Zemel, Denise Weinberg (Grupo TAPA), Juliana Carneiro da Cunha (Théâtre du Soleil-França) e Carlos Simioni (LUME).
- Canto para Teatro na EMESP Tom Jobim (2026)
- Dança Contemporânea com Vinícius Francês (Fundação Teatro Municipal, 2026)
- Dança Contemporânea com Janaina Castro (Fundação Teatro Municipal, 2025)
- Dança moderna método Limón com Paula D'Ajello (2025).
- Noh, com Toshi Tanaka (2024)
- Dança-teatro com Denise Namura (2011, 2012, 2013, 2020, 2023, 2024)
- Lutas cênicas, com Luis Louis (novembro de 2014)
- Praticante de Kung Fu, estilo Choy Lay Fut, desde 2014.
- A Dança na Cena, com Lara Pinheiro e Cássia Navas (2011)
- Danças Históricas Britânicas, com Ian Brenner (Londres, Reino Unido, 2010).
- Praticante de Hatha Yoga, Ashtanga Yoga e Vinyasa Yoga, tendo estudado com diversos mestres no Reino Unido e Brasil, desde 2004.
- Butoh com Tadashi Endo (Alemanha, 2008).
- Commedia Dell'Arte com Maestro Antonio Fava (EUA, 2007).
- Combate cênico - Stage Combat – Single Sword com Colleen Kelly (EUA, 2007).
- Técnicas de Gambuh, dança Balinesa, com Cristina Wistari Formaggia e I Wayan Bawa do Gambuh Pura Desa Ensemble (Dinamarca, 2006 e 2009).
- Técnicas de Teatro Noh, com o mestre Japonês Akira Matsui (Dinamarca, 2006).
- Técnicas desenvolvidas por Tadashi Suzuki, com Anna Wolf (Dinamarca, 2006).
- Biomecânica de Vsevolod Meyerhold, com Gennadi Bogdanov no Centro Internazionale Studi di Biomeccanica Teatrali (Perugia, Itália, 2006).
- Técnica Klauss Vianna com Neide Neves (São Paulo, 2004).
- Técnica de Coordenação Motora desenvolvida por M. M. Bèziers, com Lu Favoretto (São Paulo, 2004).
- Oficina "Treinamento Técnico do Ator", com Raquel Scotti Hirson, do LUME (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais, São Paulo, 2003)
- Técnica de Alexander, com Karen Wentworth da Alexander Technique School de Londres (São Paulo, 1998).
- Oficina "Processo de criação" com Luís Melo (São Paulo, 1999)
- Expressão Corporal com Renata Mello e Ana Thomas (Teatro-escola Célia Helena, São Paulo, 1996-99)

Informações Complementares

- Curso certificado online Richard Schechner's Introduction to Performance Studies, New York University, Tish School of the Arts, 2021.
- Fluente em Português e Inglês. Nível intermediário de Italiano. Noções de Espanhol e Francês.
- Tradutora (italiano / português) do livro "Rastros - Treinamento e História de Uma Atriz do Odin Teatret", de Roberta Carreri, Editora Perspectiva, 2011.
- Tradutora (inglês / português) de *Conto de Inverno*, de William Shakespeare, para montagem com direção de Juliano Barone (2019).

OFF

apca
associação paulista de críticos de artes

TEATRO

Indicados do segundo semestre 2025

OFF

ATRIZ

- + Ana Lúcia Torre por "Olhos nos Olhos"
- + Bruna Longo por "Queda de Baleia ou canto para dançar com minha morte"
- + Carolina Manica por "Na Sala dos Espelhos"

OFF

CRÍTICOS QUE VOTARAM

Bob Sousa
Edgar Olímpio de Souza
Evaristo Martins de Azevedo
Ferdinando Martins
Gabriela Mellão
José Cetra
Kyra Piscitelli
Vinício Angelici

veja Rio

UMA EM CENA

Histórias de diferentes mulheres no formato de solos



► **TIP (Antes que me Queimem Eu Mesma me Atiro no Fogo)** conta com texto e performance de Milla Fernandez. A trama teve origem na pandemia, quando, na urgência de se prover, a artista decidiu mergulhar no mundo do sexo virtual — apoiada pela família e pelo marido. *Teatro Firjan Sesi Centro, Avenida Graça Aranha, 1. Qui. e sex., 19h.*

► Em **Azira'i — Um Musical de Memórias**, Zahy Tentehar resgata a trajetória de sua mãe, primeira pajé da reserva de Cana Brava, no Maranhão. Junto ao diretor Duda Rios, a atriz assina o roteiro, que trata de processos de aculturação, identidade e memória. *Teatro Ipanema, Rua Prudente de Moraes, 824. Qui. a sáb., 20h. Dom., 19h. R\$ 50,00 a R\$ 60,00. Ingressos pelo ingressosriocultura.com.br. Até 21 de dezembro.*



► Montagem autobiográfica, **Aquele Trem**, de Denise Dietrich, foi criada a partir da campanha #meuprimeroassédio, em 2015, que despertou reflexões sobre as consequências de abusos sofridos por ela no passado. A direção é de Érica Montanheiro. *Teatro Poeirinha, Rua São João Batista, 104, Botafogo. Ter. e qua., 20h. R\$ 40,00 a R\$ 80,00. Ingressos pelo sympla.com.br. Até 21 de dezembro.*



► Dirigido por Eric Lenate, com texto e atuação de Érica Montanheiro, **Inventário** parte de uma foto de Camille Claudel (1864-1943) internada em um asilo psiquiátrico no final de sua vida. A escultora é encarnada no mundo dos mortos, interagindo com uma cobra que mora em sua cabeça. *Teatro Poeirinha, Rua São João Batista, 104, Botafogo. Sáb., 20h. Dom., 19h. R\$ 40,00 a R\$ 80,00. Ingressos pelo sympla.com.br. Até 21 de dezembro.*

► Bruna Longo vive Mary Shelley (1797-1851), autora da obra-prima *Frankenstein, ou O Prometeu Moderno*, em **Criatura, Uma Autópsia**. A peça explora temas como o silenciamento feminino e a busca por protagonismo. *Teatro Poeirinha, Rua São João Batista, 104, Botafogo. Qui. e sex., 20h. R\$ 40,00 a R\$ 80,00. Ingressos pelo sympla.com.br. Até 21 de dezembro.*



► **Aleito** mostra a solidão e o apagamento que circulam a personagem interpretada por Paula Furtado, uma mulher esquecida após décadas se dedicando à família e ao lar. A dramaturgia é de Lane Lopes e a direção é de Isadora Krummenauer. *Teatro Sérgio Porto, Rua Visconde de Silva, s/nº, Humaitá. Sex. e sáb., 19h. Dom., 18h. R\$ 40,00 a R\$ 80,00. Ingressos pelo ingressosriocultura.com.br. Até 14 de dezembro.*



TEATRO
Lucas Vieira

TERCEIRO SINAL

Peças imperdíveis estreiam
na programação carioca

veja Rio



Histórias de apagamento

A supressão da escrita feminina é o tema do projeto **Mostras Anônimas – Três Solos Autorais**, com monólogos dos séculos XIX a XXI. A série tem início na quinta (6) com *Aquele Trem*, autobiografia com dramaturgia e atuação de Denise Dietrich, que revisita episódios de abuso e suas consequências. Na sexta (7), estreia *Criatura, Uma Autópsia*, em que Bruna Longo traz a história da escritora Mary Shelley (1797-1851) e de sua obra-prima, *Frankenstein, ou O Prometeu Moderno*. Já no sábado (8), sob a direção de Eric Lenate, Erica Montanheiro interpreta a escultora Camille Claudel (1864-1943) no mundo dos mortos em *Inventário* (foto). *Teatro Poeirinha*. Rua São João Batista, 104, Botafogo. Ter, a sex., 20h. Sáb. e dom., 19h. R\$ 40,00 a R\$ 80,00. Ingressos pelo symppla.com.br. Até 21 de dezembro.

15 RIO SHOW
Quarta-feira
6.11.2025

"Criatura, uma
autópsia". Sobre
Mary Shelley,
autora de
"Frankenstein"



ELAS POR ELAS

FOTOS DE DIVULGAÇÃO: PABLO J. RODRIGUEZ

De depois de serem encenados separadamente em São Paulo, três monólogos chegam hoje ao Teatro Poeirinha, em Botafogo, na "Mostra Anônimas — Três solos autorais". Em comum, o silenciamento histórico de artistas mulheres (em três séculos).

Em "Criatura, uma autópsia", Bruna Longo mistura vida e obra da escritora Mary Shelley (1797-1851), autora do clássico "Frankenstein", que à época do lançamento foi atribuído a seu parceiro, o poeta Percy Bysshe Shelley (estreia amanhã, às 20h. Temporada: qui e sex, às 20h). Já em "Inventário", Erica Montanheiro se debruça sobre a vida da escultora Camille Claudel (1864-1943), que foi amante e assistente de Auguste Rodin e passou 30 anos em uma instituição psiquiátrica (estreia sábado. Temporada: sáb, às 20h; dom, às 19h). Por fim, "Aquele trem" é baseado na vida da atriz Denise Dietrich, sobrinha-neta de Marlene Dietrich (estreia hoje, às 20h. Temporada: ter e qua, às 20h). Teatro Poeirinha, Botafogo. R\$ 80. 12 anos. Até 21 de dezembro.



DIVULGAÇÃO: KIM LEKYUNG



"Inventário".
Escultora
Camille Claudel
é tema do
monólogo

"Aquele trem".
Solo
autobiográfico
de Denise
Dietrich

E MAIS...

'Cabaré melanina — O tempo passou, ela que te enganou.' Com humor, o musical revisita 500 anos de presença negra no Brasil. Espaço Cabaré do Gláucio. Teatro Gláucio Gill, Copacabana. Sex e sáb, às 22h. R\$ 5. 18 anos. Até 29 de novembro. Estreia amanhã.

'O casal mais sexy da América.' Vera Fischer e Leonardo Franco interpretam atores que formaram um dos casais mais famosos da TV e se reencontram após 30 anos. Teatro Clara Nunes, Shopping da Gávea. Sex e sáb, às 20h. Dom, às 19h. De R\$ 50 a R\$ 150. 14 anos. Até 23 de novembro.

'Charles Aznavour — Um romance inventado.' Uma atriz (Sylvia Bandeira) e um jornalista (Maurício Baduh) têm as vidas entrelaçadas pela trajetória do cantor francês. Teatro Vannucci, Shopping da Gávea. Qui, às 17h. R\$ 120. Livre. Até 18 de dezembro. Reestreia hoje.

'Depois.' A peça de estreia da Fantasmática Cia. de Teatro acompanha um casal em crise. Teatro Municipal Ziembski, Tijuca. Sex e sáb, às 20h. Dom, às 19h. R\$ 50. 14 anos. Até domingo.

'Dias felizes.' A adaptação do clássico de Samuel Beckett acompanha uma mulher (Patrícia Selonk) enterrada até a cintura, que vive entre a esperança e o desespero. Teatro Firjan Sesi Centro. Seg e ter, às 19h. R\$ 40. 14 anos. Até 18 de novembro.

'O dinossauro de plástico.' O monólogo com Rafael Saraiva conta a história de um homem que fica paralisado ao encontrar amigos e familiares em um bar. Teatro Municipal Domingos Oliveira, Planetário do Rio, Gávea. Sex e sáb, às 20h. Dom, às 19h. R\$ 60. 12 anos. Até 30 de novembro. Reestreia amanhã.

'Festival Todos no TGG — 60 anos do Teatro Gláucio Gill.' Trinta espetáculos de nomes aclamados têm sessões a preços populares. **Seg:** "Pequeno monstro", com Silvero Pereira. **Ter:** "Alzira power", com Stella Maria Rodrigues e André Celant. **Qua:** "Conselho de Classe", da Cia dos Atores. Teatro

GUSTAVO CUNHA
gustavo.cunha@globo.com

Marlene Dietrich é um reflexo opaco no espelho da brasileira Denise Dietrich. Desde que se entende por gente, a mineira de 45 anos — nascida e criada em meio a um rápido ruapoposidade de Resplendor — cose a família paterna bater no peito o parentesco direto com uma das mais conhecidas artistas alemãs. Mas demonstrou um bocado para que ela entendesse o significado daquele substantivo próprio seguido pelo sobrenome familiar.

Na árvore genealógica, o galho germânico ganhou folhagem tropical pelos idos da década de 1910, quando um dos primos da atriz e cantora — ainda uma pessoa anônima em continente europeu — zarporou num navio rumo ao Brasil para escapar das maelas provocadas pela Primeira Guerra Mundial. Em solo tupiniquim, o rapaz acompanhou, de longe, o estrelato da parente. E reproduziu, ad nauseam, o orgulho da “laranja familiar” para a prole, que continuou a repassar para as gerações posteriores a validade de ter o tal vínculo sangüíneo com a diva alemã.

Denise é solteira, nete de Marlene Dietrich (tradução: seu avô era o tal primo da atriz). Num rincão brasileiro sem teatro e sala de cinema, coincidiu de a moça se interessar por artes cênicas na meninice. Acontece que o pai — um agricultor, dono de um naco de terra salpicado de plantações e vacas leiteiras — se enfureceu diante da afecção da garota pelas aulas de teatro na escola. Achava “coisa de mulher da vida”, como sugeria, ao ouvir a adolescente dizer que seria atriz quando crescesse. Ela lembrou até hoje da frustração de não poder participar, no colégio, de uma apresentação em que encenaria uma das paguetas de Xuxa ao lado das colegas. O pai não permitiu que a filha frequentasse os ensaios.

— Ele não aprovava minha escolha profissional, mas morria de orgulho da Marlene. Era a contradição toda em uma pessoa — ele morreu, sem remorso. — Eu sabia que tinha essa mulher chamada Marlene e com um espelho. E hoje entendo que ela me abriu caminhos.

DESCASCANDO FERIDAS

Inspiração do romance “Aquele trem” — com lançamento na próxima segunda-feira, 19, na livraria Lancha, no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro —, a história de cunho autoficcional serve de base para a peça homônima em cartaz no Teatro Poeirinha, em Botafogo, também na capital fluminense.

Sozinha no palco, Denise, a atriz e autora, dá vida a uma menina de 6 anos — pessoa dela mesma — à volta com a partida repentina da mãe num trem. O fato é determinante para toda a família. Camêlo e costureira, a mulher à beira dos 30 anos larga o marido e os cinco (sim, cinco) filhos e vai embora de casa, sem deixar bilhete ou aviso de retorno. Foi assim na vida.

— Com o tempo, fui entendendo que não havia culpados. De certa forma, minha mãe foi heróica da própria história. Ela conseguiu deixar para trás o destino que aguardava, numa época em que a maternidade compulsória era praticamente obrigação — analisa Denise, que enxerga justamente aí, nesse episódio, o principal motivo para a dificuldade do pai em aceitar seu caminho pelas artes.

Detalhe: a figura paterna

DIVA ALEMÃ EM JOGO DE ESPELHOS NO TEATRO



deu uma máquina de costura profissional para a filha, quando tinha 8 anos. Não à toa.

— Acho que meu pai via minha mãe em mim. Por isso, ele me dava tanto, sabendo que eu poderia ser a mulher que queria — diz.

O espetáculo recompõe a trajetória marcada por abandonos e abusos, num fluxo de consciência cadenciado pelo socaço mineiro da artista. Aos 6 anos, Denise foi beijada à força, na boca, por um tio-avô (“Ainda tenho a sensação da saliva com gosto de cachaca”, repassa). Aos 13, ela acordou à noite, em casa, dentro do próprio quarto, com um vi-

zinho em cima de seu corpo (“Novamente, recordo-me do cheiro forte de cachaca”, diz). Persecutada em cena, as cicatrizes só foram notadas na vida adulta — por mais de três décadas, as feridas permanecem ocultas.

— É chocante como o nosso racional esconde essas coisas como uma forma de sobrevivência. Mas o teatro, para mim, não é terapia — pondera ela, que estreou a primeira temporada da peça há três anos, no Teatro de Contêiner Mungunzá, em São Paulo. — Tratou das dores nas sessões de análise. Quando chego ao palco, tudo já está bem cuidado.

Em meio às vivências marcadas por medo e exatidão, Marlene — a figura almejada — distante e tão próxima — se abraça como um fardo a ser seguido por Denise. Estava ali, para ela, o símbolo de uma liberdade possível.

Não custa lembrar: longe da libertação sexual, Marlene Dietrich se notabilizou, entre as décadas de 1930 e 1960, por rasurar pentamentos e padrões estéticos associados à feminilidade. Ela foi a primeira mulher a usar peças como calça, smoking caputo, almotofival hoje em dia, mas que, na Paris dos anos 1930, era formalmente proibido (a lei,

Em cena.

Enxertar no “tatu” Poeirinha, Denise Dietrich recompõe parte das vivências da infância no movimento “Aquele trem”, com narrativa que também inspira um romance homônimo com lançamento na próxima semana no Rio.

Estilo.

Atriz que contestou normas de sua época, Marlene Dietrich teve um primo que migrou para o Brasil fugindo das mazelas do Primeiro Guerra Mundial na Alemanha.



passarem, só foi oficialmente cassada há 12 anos).

O estilo andrógino da atriz cantora, aliás, revolucionou a alta costura. E mais: Marlene estreou o primaríssimo beijo entre mulheres na história do cinema americano (no filme “Marrocos”, de 1930). Priorizou o uso da fama para a iluminação de causas humanitárias, ela chamou atenção ao negar ofertas milionárias do regime nazista.

— Sifusdescobri que Marlene era “s”. Marlene, essa atriz incrível, com a profusão que meu pai odiava, depois que ele morreu (nesse período, Denise estava presa de cativeiro [Santos de idade]). Foi só aí que os filhos, li a biografia dela e realmente entendi que mulher era esta — diz. — Nesse período, comecei a entender por que eu não cabia naquela cidade tão pequena. Sempre quis ser atriz, e não sabia por quê. Quando descobri Marlene, falei: “Nossa, está aí o motivo”. É uma biécula que existe no mezanção.

TRÊS MULHERES EM CENA

A atual temporada de “Aquele trem” integra a mostra Anônimas, que ocupa o Teatro Poeirinha até 21 de dezembro. A programação reúne três solos sobre artistas notáveis que penaram, em diferentes séculos, até obter o reconhecimento de seus trabalhos.

Além do espetáculo de Denise — com sessões às terças e quartas-feiras, às 20h —, estão em cartaz “Criatura, uma autópsia” (às quintas e sextas-feiras, às 20h) e “Inventário” (aos sábados, às 20h, e aos domingos, às 19h).

Idealização da artista Bruna Longo, “Criatura...” leva para o tablado parte dos percalços enfrentados pela escritora Mary Shelley para assinar “Frankenstein, ou ‘O Prometeu moderno’”, em 1818. Originalmente publicado em anônimo, o livro foi atribuído, por muito tempo, a Percy Shelley, poeta romântico casado com a autora. O motivo? É que àquela época, como pesquisadores indicam, seria inconcebível uma mulher, sobretudo jovem, pôr o próprio nome sobre uma narrativa que fugisse do padrão clássico de “literatura feminina”.

Com uma grande trupe literária, “Frankenstein” revisita as sensações pelo qual passou Camille Claudel, escultora francesa que morreu em 1943 após 30 anos de internação compulsória numa instituição psiquiátrica. Com texto e interpretação de Erica Montanheiro — que dirige a peça de Denise Dietrich —, a montagem revisita a conturbada vida da artista, cuja obra esteve à sombra do irmão, o escritor Paul Claudel, e do amante, o também escultor Auguste Rodin. Silenciada e tida como desajustada, ela destruiu grande parte da própria produção num ato de revolta contra as opressões que sofreu.

— O luto final da morte de Camille Claudel apontou um AVC causado por inanição. Ou seja, ela morreu de fome. Depois, foi enterreada numa vala comum, e, por isso, nunca acharam o corpo. Nem depois de morte, Camille teve o próprio nome cravado em algum posto. Este é o limite de todas as violências — afirma Erica. — Os exemplos expostos pelas três peças são de artistas que tiveram dificuldade para assinar seus trabalhos. Há uma frase de Virginia Woolf que ilustra bem isso: “Durante a maior parte da História, Anônima foi uma mulher. Ao libertarmos essas artistas, cavamos hoje nossa própria libertação”.

Além do espetáculo de Denise — com sessões às terças e quartas-feiras, às 20h —, estão em cartaz “Criatura, uma autópsia” (às quintas e sextas-feiras, às 20h) e “Inventário” (aos sábados, às 20h, e aos domingos, às 19h).

Idealização da artista Bruna Longo, “Criatura...” leva para o tablado parte dos percalços enfrentados pela escritora Mary Shelley para assinar “Frankenstein, ou ‘O Prometeu moderno’”, em 1818. Originalmente publicado em anônimo, o livro foi atribuído, por muito tempo, a Percy Shelley, poeta romântico casado com a autora. O motivo? É que àquela época, como pesquisadores indicam, seria inconcebível uma mulher, sobretudo jovem, pôr o próprio nome sobre uma narrativa que fugisse do padrão clássico de “literatura feminina”.

ANUNCIE AQUI

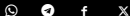
Teatro Poeirinha é ocupado por solos femininos

Teatro Adulto



Publicado em: 29 de outubro de 2025

Tempo de Leitura: 1 min.



Depois de temporadas de sucesso em São Paulo, chega ao Rio de Janeiro, a "MOSTRA ANÔNIMAS – três solos autorais" no Teatro Poeirinha. A mostra joga luz sobre o silenciamento histórico de artistas mulheres. São três solos femininos autorais que falam do apagamento das mulheres artistas ao longo dos séculos até hoje.

Os solos passeiam por três séculos atravessando os universos da literatura, através da escritora *Mary Shelley (1797-1851)* e seu *Frankenstein, no século XIX*; das artes plásticas, através da escultora *Camille Claudel (1864-1943)*, que viveu à sombra do amante e escultor *Auguste Rodin, no século XX*; e do teatro, através da história pessoal da atriz *Denise Dietrich (século XXI)*, sobrinha-neta de *Marlene Dietrich*.

"CRIATURA, UMA AUTÓPSIA" de Bruna Longo, revisita Mary Shelley, autora do famoso Frankenstein, durante muitos anos oculta e, mesmo depois de se revelar, seguiu desacreditada por muitos (sec XIX). "INVENTÁRIO", de Erica Montanheiro, revista a escultora Camille Claudel, que viveu à sombra do amante e escultor Auguste Rodin, terminando seus dias num sanatório, depois de destruir grande parte da sua obra (sec XX). "AQUELE TREM", de Denise Dietrich solo autobiográfico da atriz mineira e sobrinha-neta da diva do cinema Marlene Dietrich. Sua família mineira, mesmo sendo admiradora da diva, se opôs à carreira de Denise, igualando a de uma prostituta (sec XXI).

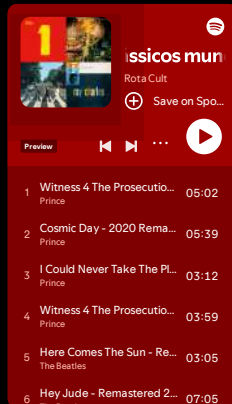
Serviço: de 6 de novembro até 21 de dezembro / Teatro Poeirinha – Rua São João Batista, 104 – Botafogo / Ingressos em www.sympla.com.br / CLASSIFICAÇÃO: 12 anos

. 06 de novembro: "AQUELE TREM" / às terças e quartas às 20h

. 07 de novembro: "CRIATURA, UMA AUTÓPSIA" / às quintas e sextas às 20h

. 08 de novembro: "INVENTÁRIO" / aos sábados às 20h e domingos às 19h

Nossas Redes



Open in Spotify

Seções

[Agenda](#)

[Análises Textuais](#)

[Artigos](#)

[Brinquedos](#)

[Concursos Literários](#)

[Contos](#)

[Crítica de Teatro](#)

[Crônicas](#)

[Entrevistas](#)

[Evento Literário](#)

[Literatura](#)

[Música](#)

[Novela](#)

[Poemas](#)

[Seriado](#)

[Shows](#)

[Teatro](#)

[Televisão](#)

[Turismo](#)

Translate

Select Language

Compre também!

[Apadrinhe o Resenhando](#)

[Home](#) » [Agenda](#) , [ResenhandoTeatro](#) » : Em São Paulo, espetáculo "Queda de Baleia" retorna ao cemitério

: Em São Paulo, espetáculo "Queda de Baleia" retorna ao cemitério

quarta-feira, dezembro 17, 2025 [Sem Comentários](#)



Bruna Longo em cena no solo "Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte", encenado na capela de um cemitério em São Paulo. Foto: Danilo Aopena.

Há experiências teatrais que não se esgotam no palco. Elas atravessam o corpo, desafiam o silêncio e acompanham para fora da sala - ou, neste caso, para fora da capela. "Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte" está de volta a São Paulo a partir de 16 de janeiro de 2026, retomando temporada na capela do Cemitério do Redentor, no Sumaré, em São Paulo, espaço que não apenas abriga a encenação, mas a transforma em rito.

Solo da atriz, dramaturga e diretora Bruna Longo, indicada ao Prêmio APCA de Melhor Atriz por este trabalho, o espetáculo parte de uma experiência radicalmente íntima: a morte de seu pai. A partir desse acontecimento irreversível, Bruna constrói uma obra que recusa o melodrama e aposta na partilha sensível, no pensamento crítico e na fisicalidade como formas de elaborar o luto - esse processo cada vez mais apressado, higienizado e silenciado na vida contemporânea.

Em cena, a atriz imagina a própria morte. Morta, ela tenta viver aquilo que não nos é permitido empiricamente: o luto de si mesma. A partir desse gesto inaugural, o espetáculo se expande para discutir o tabu da morte nas sociedades capitalistas ocidentais, o esvaziamento dos ritos fúnebres, o medo que contamina o silêncio e a negação cotidiana da finitude. Não se trata de um discurso abstrato, mas de uma experiência encarnada, ritualística, que transforma o corpo em território de passagem.

A escolha do espaço não é mero impacto cenográfico. Encenar dentro de um cemitério recoloca a morte no centro da experiência coletiva, afastando-a da lógica do espetáculo fácil e da espetacularização midiática. O que se propõe ali é outra temporalidade: mais lenta, mais porosa, mais humana. Não à toa, críticos apontaram o trabalho como uma das experiências mais disruptivas do teatro paulistano recente.

A dramaturgia nasce diretamente da vivência da atriz, que relata como, após o falecimento do pai, foi lançada a um mundo de burocracias e prazos, sem qualquer convite real ao rito de passagem. Sem religião, sem respostas prontas, Bruna encontrou no teatro seu templo possível. Esse material autobiográfico não se fecha em si. Ao contrário, amplia-se para uma reflexão histórica e filosófica sobre a morte como origem da cultura, dos ritos, da arte e da linguagem. Ao negar esse contato, o mundo contemporâneo renuncia também a uma angústia metafísica essencial - aquela que lembra, a todo instante, da condição humana.

Com codireção de Vitor Julian e uma equipe que atua como provocadora estética, corporal e dramática, "Queda de Baleia" constrói uma cena de alta densidade simbólica. A maturidade corporal da atriz, a multiplicidade de estados físicos e emocionais e a construção de imagens fortes fazem do solo uma experiência que permanece ecoando muito depois do último gesto.

Serviço

Espectáculo "Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte"

Temporada: 16 de janeiro a 8 de fevereiro de 2026

Sessões: sexta a domingo, às 19h00

Local: Capela do Cemitério do Redentor - Av. Dr. Arnaldo, 1105 - Sumaré/São Paulo

Ingressos: R\$ 60,00 (inteira) e R\$ 30,00 (meia-entrada)

Vendas *on-line*: Sympla

Duração: 80 minutos

Classificação indicativa: 12 anos

Lotação: 20 lugares

Categorias: [Agenda](#), [ResenhandoTeatro](#)

Buscar...

: Mais lidas :



: "Um Dia Muito Especial" volta em nova temporada no Teatro Bradesco



: Entrevista com Aguinaldo Silva, de volta à TV Globo com "Três Graças"



: Resenha crítica da animação "Divertida Mente"



: Entrevista: Camila Pitanga volta para virar novela de cabeça para baixo



: Um resumo detalhado de "Caminho de Pedras", obra cobrada pela Fuvest



: Análise da letra musical de "Alegria, Alegria", de Caetano Veloso



: "Zootopia 2" é dinâmico ao tratar preconceito, discriminação e opressão

[#ResenhandoExplica](#)

-4;

R\$ 119,90
COMPRAR

: Twitter

Tweets by @Resenhando

: Facebook :



Resenhando.com
4.322 seguidores

[Seguir Página](#)

[Com](#)

Canal WhatsApp Resenhando.com

Acompanhe o canal:
<https://whatsapp.com/channel/0029Vaj311HF6smw3kRkAe41>

Podcast

Queda da baleia – Por Ferdinando Martins

Publicado em 30 de outubro de 2025



Híbrido de performance e dança-teatro, “Queda da Baleia” é uma ode à vida, à continuidade que se impõe • @deus.ateu

Por Ferdinando Martins • @ferdinando.martins2

Sempre me encanta quando alguém transforma a dor em arte, quando sai da posição de queixa e busca algo maior. Em “Queda de Baleia ou Canto para Dançar com a Minha Morte”, Bruna Longo transforma o luto pelo falecimento de seu pai em uma partilha sensível sobre o desamparo e a ausência.

O espetáculo — que terminou sua temporada na capela do Cemitério do Redentor na última semana, mas deve voltar no próximo ano — propõe uma inversão de perspectiva: não é o vivo que vela o morto, mas o morto que observa o rito desaparecido do luto. A escolha do espaço é mais do que simbólica; é parte essencial da encenação. Ao situar o público num cemitério, Longo devolve à morte o lugar de convivência pública e de pensamento coletivo do qual a modernidade o expulsou.

Em cena, Bruna compartilha sua pesquisa sobre a morte, explica que a queda da baleia é uma expressão usada originalmente na biologia marinha para descrever o que acontece quando uma baleia morre e o corpo dela afunda no fundo do mar. Esse corpo vira um ecossistema inteiro — durante décadas, várias formas de vida se alimentam e se organizam em torno dele. Talvez sejamos nós, como públicos, que estamos ali com Bruna recriando a vida.

Essa reelaboração do trauma é também uma reflexão crítica sobre os tabus e interdições relacionados à morte. A modernidade tentou diminuir o tempo do luto e tornar a morte um evento do qual temos de nos livrar rápido. A dramaturgia de Bruna, de tom ensaístico e confessional, revela uma autora consciente da historicidade do tema: a higienização da morte, a aceleração dos ritos, a substituição da dor pela eficiência burocrática.

Híbrido de performance e dança-teatro, “Queda da Baleia” é uma ode à vida, à continuidade que se impõe. Não se busca consolo, nem transcendência, mas sim a partilha de um momento de vida na qual a morte é enfrentada não como passagem, mas como condição de pensamento e criação. É, portanto, menos um “solo” e mais um ritual de reapropriação: um gesto de resistência diante da negação coletiva da finitude. O teatro, aqui, volta a ser templo — não religioso, mas humano —, onde o luto pode finalmente dançar.

Ficha Técnica

Direção, elenco, dramaturgia, cenografia, figurinos: Bruna Longo
Co-Direção e provocações dramáticas: Vitor Julian
Provocações estéticas (figurinos e cenografia): Kleber Montanheiro
Visagismo: Fabia Mirassos
Sapatos: Marcos Valadão
Desenho de Luz: Gabriele Souza
Esqueleto de baleia: Paul Zanon
Cenotécnica: Evas Carreteiro
Provocações de movimento: Paula D’Ajello
Provocações de Kung Fu: Daniel Fusco
Preparação vocal: Jessé Scarpellini
Trilha sonora incidental: L.P. Daniel
Direção de Produção: Paula Malfatti
Ilustrações: Victor Grizzo
Fotos: Danilo Apoena

Publicidade

Publicado em Crítica Teatral

Habitar a ausência



🔗 12 👁️ 0 👍 0 🗨️

Bruna Longo em cena de “Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte”

18 - outubro - 2025 | Texto de: Bob Sousa | Fotografia: Danilo Apoen

Encenado dentro da capela do Cemitério do Redentor, em São Paulo, o espetáculo “Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte”, solo de Bruna Longo com codireção de Vitor Julian, transforma o tabu da morte em experiência estética e ritual. O espaço funerário, em si, já anuncia uma dramaturgia expandida, na qual o real e o simbólico se entrelaçam. O público é recebido não apenas para assistir a uma peça, mas para participar de um rito de passagem, em que a arte restitui à morte um lugar de presença e reflexão.

A narrativa visual se estrutura a partir de uma poética da ausência. O corpo da atriz é, ao mesmo tempo, o corpo que morre e o corpo que insiste em permanecer. Bruna Longo constrói imagens em que o peso do luto é matéria física e metafórica. O cenário minimalista, composto por elementos simbólicos como o esqueleto de baleia criado por Paul Zanon, cria um ambiente suspenso entre o concreto e o mítico. A baleia, ser monumental e silencioso, emerge como metáfora do mergulho profundo na dor e da tentativa de ressignificá-la pela arte.

Logo na entrada da capela, o público é recebido por um livro de condolências e por uma placa que anuncia as datas de nascimento e morte de Bruna Longo, sendo o dia da apresentação registrado como o de sua morte

simbólica. Esse gesto instala de imediato a fronteira entre vida e ficção, transformando o espaço em um velório performativo. O espectador, ao assinar o livro, participa do rito, tornando-se testemunha da passagem que a atriz propõe encenar. A cenografia se expande para além do palco e envolve cada visitante em uma experiência de despedida compartilhada, em que o teatro assume a função de ritual fúnebre e poético, abrindo caminho para a reflexão sobre a presença e a ausência que habitam o ato de viver e representar.

A luz desenhada por Gabriele Souza tem papel essencial na dramaturgia visual. Ora revela o corpo da atriz em sua fragilidade, ora o dissolve em sombras, como se o espectador testemunhasse a oscilação entre vida e morte. Essa iluminação sensível articula o tempo do rito, conduzindo o olhar do público a um estado contemplativo. O figurino e a cenografia, também concebidos por Bruna Longo com provocações de Kleber Montanheiro, são extensões do próprio corpo e pensamento da intérprete. O tecido cru e as texturas naturais remetem à terra e ao corpo ancestral, evocando o retorno à origem.

A trilha sonora incidental de L. P. Daniel surge como pulsação interior, sustentando a atmosfera meditativa. Os silêncios entre os sons ganham peso e se transformam em pausas de respiração coletiva. Há algo de ritualístico em cada gesto da atriz, que move o corpo como quem atravessa um território entre mundos. A presença da capela amplifica essa sensação, pois cada som reverbera como eco da própria finitude.

A dramaturgia nasce do relato íntimo da morte do pai da artista e se transforma em reflexão universal sobre a perda. Bruna Longo fala do luto como quem o investiga com o corpo, recusando o sentimentalismo fácil. O texto equilibra autobiografia e filosofia, revelando a lucidez de quem entende o teatro como espaço de elaboração simbólica. “Meu templo é o teatro, minha liturgia é a pesquisa artística, minha reza é a dramaturgia”, escreve ela. Essa declaração sintetiza o gesto criador de uma artista que transforma a dor em linguagem.

Em determinado momento, um casaco masculino surge hasteado em cena, como bandeira silenciosa de um corpo ausente. A peça de roupa, provavelmente pertencente ao pai da atriz, torna-se um relicário simbólico, condensando a presença daquele que partiu e a persistência da memória. O casaco balança levemente no ar, movido por ventos imaginários, evocando a delicadeza dos gestos que já não existem, mas permanecem inscritos na matéria. Esse objeto simples adquire dimensão ritual, funcionando como um ponto de ancoragem entre o íntimo e o coletivo, entre a lembrança pessoal e a experiência universal do luto.

O espetáculo estabelece um diálogo profundo com “A Morte de Ivan Ilitch”, de Tolstói, sobretudo na forma como encara a morte não como evento final, mas como revelação da vida. Assim como o protagonista de Tolstói, Bruna Longo confronta o esvaziamento existencial e a banalização da experiência humana diante do fim. A cena se transforma em espelho do processo de consciência que o personagem literário atravessa, ao perceber que a verdadeira tragédia não está em morrer, mas em ter vivido de modo inautêntico. Em “Queda de Baleia”, essa reflexão se corporifica no gesto da atriz que morre para o mundo e renasce em arte, deslocando o olhar do espectador da dor para a lucidez. O diálogo entre as duas obras amplia o sentido filosófico da encenação, fazendo do palco um espaço de confissão e redenção.

Em tempos em que a morte é ocultada, higienizada e acelerada pelos mecanismos da vida moderna, a obra devolve à cena o poder de ritualizar. A montagem confronta o espectador com sua própria mortalidade, mas o faz com delicadeza e beleza, convidando-o a dançar com a ausência, não a temê-la. É um espetáculo que propõe um olhar sobre o fim como parte do ciclo vital e artístico, afirmando que elaborar o luto é também reafirmar a vida.

No encontro entre corpo e silêncio, o teatro se torna novamente sagrado. “Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte” não fala apenas da perda individual de Bruna Longo, mas da humanidade que se redescobre no instante em que encara o inevitável e, ainda assim, escolhe continuar dançando.

Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp (com orientação da Profª Drª Simone Carleto Fontes), onde também obteve o título de mestre em Artes. É jurado de Teatro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes – e de Artes Visuais do Prêmio Arcanjo de Cultura. Autor do livro Retratos do teatro (Editora Unesp).

[← Retornar à Home](#)

terça-feira, 28 de outubro de 2025

QUEDA DE BALEIA ou UM CANTO PARA DANÇAR MINHA MORTE



Foto de Danilo Apoena

"Naquela mesa tá faltando ele

E a saudade dele tá doendo em mim"

(Sergio Bittencourt)

"Queda da baleia" (ou whale fall) é o termo usado para o fenômeno em que o corpo de uma baleia morta afunda e se torna um ecossistema complexo e sustentável no fundo do oceano, alimentando diversas espécies por décadas"

Com a morte do pai em 2022, Bruna Longo passou a enxergar a finitude de frente, a questionar como ela acontece materialmente e como se realizam os ritos fúnebres em diversas culturas e até entre os animais. Tudo isso para elaborar o luto.

Foi uma pesquisa profunda (como atesta a bibliografia constante do programa bastante informativo) e, segundo ela, bastante dolorosa chegando a afetar a sua saúde mental até o momento em que deu vazão a todo esse material por meio do teatro que é seu meio de expressão, resultando nesse denso e belo trabalho e que lhe trouxe a paz interior de volta.

Bruna Longo é dona de uma potente voz e tem no seu corpo poderosa ferramenta para expressar os mais diversos sentimentos e é visceral em certos momentos como aquele em que descreve em detalhes o processo de decomposição de um corpo morto. Interpretação corajosa que se inscreve entre as melhores deste ano pródigo em excelentes trabalhos.

Essa peça, um ritual fúnebre, é apresentada na capela do Cemitério Redentor para apenas vinte pessoas que compartilham com a atriz o velório de Bruna Longo, personagem que é sócia/xará da atriz Bruna Longo e que faleceu exatamente no dia da apresentação.

Belo jogo teatral capitaneado pela incrível Bruna na interpretação, na direção, na dramaturgia, na cenografia e nos figurinos, auxiliada na direção por Vitor Julian.

E é assim:

Assim como a carcaça das baleias, a herança cultural deixada por pensadores, intelectuais, amigos e familiares alimenta as almas dos que ainda estão por aqui por muito tempo.

Um espetáculo que emociona e faz pensar.



Saiu de cartaz no dia 27/10, mas deve voltar no início do ano. Fique alerta para não perder.

28/10/2025

Postado por José Cetra às 08:05



Marcadores: Queda de Baleia ou Um Canto para Dançar Minha Morte

Nenhum comentário:

Postar um comentário

Páginas

MATÉRIAS - TEATRO

MEMÓRIA DO TEATRO
PAULISTANO

NOTAS - TEATRO

CINEMA

MÚSICA

Quem sou eu



José Cetra

Mestre em Artes
Cênicas pelo
Instituto de Artes da
Unesp. Membro da
APCA (Associação Paulista de
Críticos de Arte). Espectador
assíduo de teatro e cinema.

[Ver meu perfil completo](#)

Pesquisar este blog

Marcadores

- ÇA IRA (1)

... E O CÉO UNIU DOIS
CORAÇÕES (1)

'S WONDERFUL (1)

(IN)CONFESSÁVEIS 2 (1)

(IN)JUSTIÇA (1)

(Selvagens) Homem de Olhos
Tristes (1)

100 MEMÓRIAS (1)

1789 – THÉÂTRE DU SOLEIL
(1)

2021 – 4X4 – TRÁGICAS (1)

21 passos Para MdEa (1)

23 DE SETEMBRO – O DOM
DE SURPREENDER (1)

26 ANOS SEM TOM JOBIM (1)

27'S (VINTE SETES) (1)

2ª Feira Paulista Antropofágica
de Opinião (1)

31º PRÊMIO SHELL (1)

32º PRÊMIO SHELL (1)

33
VARIAÇÕES/CARTOLA/HOJE
É DIA DE
MARIA/ESPERANDO GODOT
(1)

3x1 TEBAS (1)

4004 A.C. – A ORIGEM (1)

4ª MITsp – BALANÇO (1)

4ª MITsp- ABERTURA (1)

57 Minutos – o tempo que dura
esta peça (1)

65º PRÊMIO APCA DE
TEATRO (1)

7º FEST KAOS 2022 (1)

A AFORISTA (1)

A arte alimentando a alma -
Julho 2014 (1)

A Arte da Comédia (1)

A ARTE DE ENCARAR O
MEDO (1)

A BANHEIRA (1)

A BOCA QUE TUDO COME
TEM FOME (DO CÁRCERE
ÀS RUAS) (1)

A BOTIJA (1)

Morte Sem Tabu

Reflexões sobre os múltiplos sentidos da morte e fim da vida



SEGUIR



OPINIÃO • TEATRO

Espetáculo no cemitério reflete sobre tabu da morte

- 'A Queda de Baleia' permanece em cartaz até 26 de outubro
- Peça surgiu a partir do luto da autora e atriz pela morte do pai

F DÊ UM CONTEÚDO



Jéssica Moreira

É sexta-feira à noite. As portas do Cemitério do Redentor, na zona oeste de São Paulo, estão abertas. As luzes acesas indicam um movimento diferente na capela ao fundo. Passo por um corredor de túmulos, mas não consigo ler as lápides. Uma mulher de vestido e salto alto aparece e convida a todos para entrar: "este é meu velório". Este é o velório de Bruna e o começo do espetáculo "A Queda de Baleia - ou Canto para Dançar com Minha Morte."



Uma peça dentro de um cemitério pode soar estranha ou até mórbida demais para muitos. Não para 20 pessoas que aceitaram o convite de entrar no velório de uma desconhecida. E, de maneira catártica, vincular seus lutos, medos e assombros aos dela.

O solo, escrito pela atriz, dramaturga e diretora Bruna Longo após a morte do pai em 2022, e co-dirigido pelo também ator e dramaturgo Vitor Julian, é um misto entre uma prosa que acolhe e uma viagem pelo mundo por meio da morte.



Espectáculo "A Queda de Baleia - ou canto para dançar com minha morte", em cartaz no Cemitério do Redentor - DANILO APOENA/DANILO APOENA

"Quando meu pai morreu, comecei a morrer". A atriz-autora, cuja personagem se mescla à própria história, revela que a imagem do pai enterrado, enclausurado, a amedrontou tanto, a ponto de pensar em desenterrá-lo. Com o medo saindo pelos poros, decidiu simbolizá-lo com arte.

"Dois dias depois da morte do meu pai, passei a usar o barro desse luto como material para meu trabalho. Meu templo é o teatro, minha liturgia é a pesquisa artística, minha reza é a dramaturgia. E esse é o germe deste espetáculo", conta a atriz.

Com uma bibliografia extensa, que envolve livros, músicas e até mesmo pesquisa dos processos químicos e biológicos sobre fim de vida, Bruna nos convida a falar de morte de modo orgânico e sem rodeios.

As pinceladas didáticas não tornam a condução maçante. Talvez, esteja aí a grande sacada da atriz e de sua equipe. É impossível falar do tabu da morte apenas por um prisma. Por isso, a pesquisa extensa se faz necessária.

Mas é a forma, sensível e cuidadosa, que prende o público do começo ao fim. Da trilha sonora à iluminação, todo o espetáculo nos ajuda a mergulhar na diversidade de ritos e significados da morte. A maturidade corporal da atriz ao representar os vários estágios de um corpo nos faz ter certeza: é um solo de muitas Brunas. Até os pés arrastando a areia na sala sepulcral comunicam, mesmo em silêncio.

Ao utilizar a imagem de uma maçã apodrecendo de dentro para fora, a atriz torna uma explanação química algo palpável e poética. Apodrecer de dentro para fora, como a fruta, também diz de como o corpo humano reage à morte. De como as bactérias que nos compõem entram em ação jorrando líquidos e outras substâncias que anunciam aos demais seres vivos que podem começar o trabalho de consumir a matéria.

A natureza nos mostra a toda hora processos de vida e morte, mas nem sempre estamos atentos para ver ou entender. Seja uma mãe-macaco carregando seu bebê morto por semanas e contando com a proteção das fêmeas do bando; seja uma elefanta percorrendo longas distâncias dias com seu bebê morto para enterrá-lo.

O instinto animal dá nome e corpo a este espetáculo ao escolher a baleia como símbolo. Quando uma baleia morre, diz a atriz, seu corpo é capaz de chegar a mil metros de profundidade —onde a luz não existe, nem mesmo os seres humanos podem chegar. A ossatura da baleia se torna a casa de novos seres vivos, perpetuando o ciclo vida-morte-vida.

Bruna nos convoca a ver a morte no cotidiano. Não para amenizar, mas para entender e comportar a dor: o susto e o assombro de encarar a morte de alguém que amamos. Ou, até mesmo, ter menos medo de nossa própria morte.

Sem ditar regras, traz uma cena bastante elucidativa. O sobrinho de seis anos pergunta o que aconteceu com o avô. A avó responde: "[virou estrelinha](#)". [O menino reage dizendo que o avô morreu e devolve com a pergunta que ninguém quer ouvir](#): "O que acontece quando alguém morre?". A personagem nos lembra da angústia contida neste questionamento, não só [infantil](#), mas em qualquer idade. Mais do que encontrar uma resposta, o mais importante é acolher e reconhecer: não sabemos o que vem depois do fim.

"Velório vem de velas. De velar. De proteger. De cuidar". A semântica do velar como ato final de cuidado atravessa os espectadores e chega aos meus ouvidos como nunca antes. "Só cuidamos de quem já cuidou da gente", a atriz continua. Viajo no tempo para recuperar as memórias dos meus velórios. [Cuidei de tantos corpos que cuidaram de mim, avó, pai, tia, que esses velórios se tornaram um pouco meus também.](#)

1 / 7 Escavação revela possível cemitério de mil anos em Lima



Antigamente, os velórios aconteciam em casa. As pessoas preparavam comidas e bebidas ao longo da noite ou até do dia. Hoje, relembra a personagem, a violência urbana já não permite despedidas longas, nem mesmo nos cemitérios.

Quando o pai da atriz morreu, entre o último suspiro e o enterro, ela contou 13 horas. "Temos pressa em guardar a morte", reflete e nos convida a pensar também: afinal, quem consegue se despedir e se desprender do ente amado em tão poucas horas?

"O processo de morte foi higienizado, burocratizado. O avanço da ciência e da medicina prolongou nossas vidas, mas também mudou a forma como morremos. Não se morre mais em casa, mas em hospitais – lugares onde busca-se vencer a morte, muitas vezes prolongando o inevitável. Ritos fúnebres são cada vez mais rápidos, padronizados e industrializados, com o boom de cremações comerciais", diz.

Com críticas à lógica do consumo que atinge a etapa final da vida e a pressa de se livrar do corpo morto e da dor do enlutado, somos convidados a olhar para a areia distribuída pelo espaço e tentar, junto a Bruna, um jeito de desenterrar seu pai.

O corpo, então, não é físico, nem palpável como os ossos. Mas é um corpo costurado por memórias, símbolos e rituais que ajudam a própria personagem a se acolher no próprio luto.

Assistimos a essa peça junto a todos os fantasmas. [Os que moram neste cemitério, os de Bruna, mas também os nossos próprios](#). A foto do túmulo de seu bisavô é apresentada a todos e continua sentada enquanto a peça se desenvolve —foi ele quem garantiu um jazigo para todos os descendentes. Um casaco pendurado do lado esquerdo do palco improvisado balançava sem parar, como se estivesse vivo. É do pai de Bruna. A cada mexida, eu o imaginava ali, assistindo orgulhoso cada passo da filha sobre a areia esparramada pelo chão da capela.

1 / 6 Celebração de Finados em cemitérios de SP



Lembrei que minha mãe doou todas as roupas [de meu pai quando ele morreu](#). Pedi para deixar uma camisa quadriculada e um paletó. Nesse paletó, sempre estava o pente de alinhar o bigode que eu, sem motivo, gostava de limpar com palito de dente. Depois que o pai morreu, não havia mais o que limpar. Não havia mais nenhuma matéria do pai. Guardei a agenda que ele atualizava. A letra dele, bem gorda e espalhafatosa, é o movimento de suas mãos materializado em papel. E disso não consigo abrir mão.

Bruna faz um giro pelo mundo contando como outras culturas e civilizações, além da ocidental, abraçam de maneiras diferentes a morte. A personagem viaja pelas tradições japonesas focada em não triturar alguns ossos. Remete à cultura indiana de que a alma sai do corpo quando o ser humano morre.

Ou, então, as tradições da Indonésia, onde há um tempo para que as famílias se preparem para se desfazer do corpo —psicologicamente, mas financeiramente, uma vez que é caro o processo de enterro. Muitas famílias chegam a permanecer com o corpo em casa e manter suas atividades cotidianas. Embora possa ser uma tradição que não faça sentido para muitos de nós, mas faz para uma parcela da população na Indonésia e precisa ser respeitada.



Seja você enlutado ou não, a peça é elucidativa. Convida a pensar como os rituais do luto inauguraram os valores sociais de nossa sociedade desde as cavernas. "Os rituais organizam os valores sociais. Os ritos fúnebres apontam significados e inauguram ficções que nos ajudam a dar conta da dor", diz a atriz em determinado momento.

Na minha última aula de dramaturgia, a professora Silvia Gomez nos lembrou que o teatro é sempre fantasmagórico. Ao evocar Antígona, por exemplo, Bruna está nos dizendo que o luto desta mulher, transmitido de geração a geração, ainda encontra eco no luto das mães chilenas que, até hoje, não conseguiram enterrar seus filhos vítimas da ditadura naquele país. Ou, então, as Mães de Maio no Brasil ou as demais mães negras e periféricas que seguem lutando não apenas por justiça, mas também por memória.

Assistimos com todos os fantasmas literários e musicais também. Encontramos Ivan Ilitch, o de Tolstói, mas também a mesa vazia e a saudade do pai de Sérgio Bittencourt, tão famosa nas vozes de Elizeth Cardoso e Nelson Gonçalves. As fitas amarelas de Noel Rosa. Ou a honesta e profunda conversa de Gilberto Gil com a própria morte.

O espetáculo, por fim, nos lembra que a morte é injusta. "Nosso saber sobre a morte é apartado", diz a atriz. Nós nunca iremos falar dela com propriedade. Afinal, quando morrermos, e sabermos exatamente o que ela é, não estaremos mais aqui. "A morte só se conhece morrendo".

Mas adverte: "A morte inspirou os primeiros ritos humanos, os primeiros hieróglifos, as primeiras histórias contadas em volta da fogueira. O nascimento da filosofia, da religião, da arte. [Elaborar o luto](#) inaugura quem somos, e, ao renunciarmos a isso, renunciemos a uma angústia metafísica essencial. Não falar da morte não a afasta, apenas a torna mais temerosa."



LINK PRESENTE: Gostou deste texto? Assinante pode liberar sete acessos gratuitos de qualquer link por dia. Basta clicar no F azul abaixo.

F DÊ UM CONTEÚDO



sua assinatura vale muito

Mais de 180 reportagens e análises publicadas a cada dia. Um time com mais de 200 colunistas e blogueiros. Um jornalismo profissional que fiscaliza o poder público, veicula notícias proveitosas e inspiradoras, faz contraponto à intolerância das redes sociais e traça uma linha clara entre verdade e mentira. Quanto custa ajudar a produzir esse conteúdo?

ASSINE POR R\$ 1,90 NO 1º MÊS

[LEIA OUTROS ARTIGOS DESTA COLUNA](#)

[ENVIE SUA NOTÍCIA](#)

[ERRAMOS?](#)



Bruna faz um giro pelo mundo contando como culturas e civilizações abraçam de maneiras diferentes a morte. Da trilha sonora à iluminação, todo o espetáculo nos ajuda a mergulhar na diversidade de ritos. A atriz nos convoca a ver a morte no cotidiano. Não para amenizar, mas para entender e comportar a dor: o susto e o assombro de encarar a morte de alguém que amamos. Ou, até mesmo, ter menos medo de nossa própria morte.

Jéssica Moreira

mortesemtabu_ and 4 others

mortesemtabu_ MORTE SEM TABU | Espetáculo no cemitério reflete sobre tabu da morte

"As portas do Cemitério do Redentor, na zona oeste de São Paulo, estão abertas. As luzes acesas indicam um movimento diferente na capela ao fundo. Passo por um corredor de túmulos, mas não consigo ler as lápides. Uma mulher de vestido e salto alto aparece e convida a todos para entrar: "este é meu velório". Este é o velório de Bruna e o começo do espetáculo "A Queda de Baleia - ou canto para dançar com minha morte"

Solo de @brunaflongo, com codireção de @vitorjulian_, propõe reflexão sobre finitude. Temporada acontece no Cemitério do Redentor até o próximo dia 26 de outubro.

Leia mais na #Folha: folha.com/mortesemtabu

@daniloapoen
@ajessicamoreira

#ParaTodosVerem: Bruna Longo encenando a peça "Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte"

Edited - 2d

sonatanada A morte é o sentido da vida! Vou esse fds! 1d 2 likes Reply

Liked by vitorjulian_ and 1,171 others 2 days ago

Add a comment... Post

mortesemtabu_ and 4 others

mortesemtabu_ MORTE SEM TABU | Espetáculo no cemitério reflete sobre tabu da morte

"As portas do Cemitério do Redentor, na zona oeste de São Paulo, estão abertas. As luzes acesas indicam um movimento diferente na capela ao fundo. Passo por um corredor de túmulos, mas não consigo ler as lápides. Uma mulher de vestido e salto alto aparece e convida a todos para entrar: "este é meu velório". Este é o velório de Bruna e o começo do espetáculo "A Queda de Baleia - ou canto para dançar com minha morte"

Solo de @brunaflongo, com codireção de @vitorjulian_, propõe reflexão sobre finitude. Temporada acontece no Cemitério do Redentor até o próximo dia 26 de outubro.

Leia mais na #Folha: folha.com/mortesemtabu

@daniloapoen
@ajessicamoreira

#ParaTodosVerem: Bruna Longo encenando a peça "Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte"

Edited - 2d

sonatanada A morte é o sentido da vida! Vou esse fds! 1d 2 likes Reply

Liked by vitorjulian_ and 1,171 others 2 days ago

Add a comment... Post



"O processo de morte foi higienizado, burocratizado. O avanço da ciência e da medicina prolongou nossas vidas, mas também mudou a forma como morremos. Não se morre mais em casa, mas em hospitais – lugares onde busca-se vencer a morte, muitas vezes prolongando o inevitável. Ritos fúnebres são cada vez mais rápidos, padronizados e industrializados, com o boom de cremações comerciais".

Bruna Longo



"A morte inspirou os primeiros ritos humanos, os primeiros hieróglifos, as primeiras histórias contadas em volta da fogueira. O nascimento da filosofia, da religião, da arte. Elaborar o luto inaugura quem somos, e, ao renunciarmos a isso, renunciamos a uma angústia metafísica essencial. Não falar da morte não a afasta, apenas a torna mais temerosa."

Bruna Longo



morteseintabu_ and 4 others

...



morteseintabu_ MORTE SEM TABU | Espetáculo no cemitério reflete sobre tabu da morte

"As portas do Cemitério do Redentor, na zona oeste de São Paulo, estão abertas. As luzes acesas indicam um movimento diferente na capela ao fundo. Passo por um corredor de túmulos, mas não consigo ler as lápides. Uma mulher de vestido e salto alto aparece e convida a todos para entrar: "este é meu velório". Este é o velório de Bruna e o começo do espetáculo "A Queda de Baleia - ou canto para dançar com minha morte"

Solo de @brunaflongo, com codireção de @vitorjulian_, propõe reflexão sobre finitude. Temporada acontece no Cemitério do Redentor até o próximo dia 26 de outubro.

Leia mais na #Folha: folha.com/morteseintabu

@daniiloapena
@ajessicamoreira

#ParaTodosVerem: Bruna Longo encenando a peça "Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte"

Edited · 2d



sonatanada A morte é o sentido da vida! Vou esse fds!

1d 2 likes Reply



Liked by vitorjulian_ and 1,171 others

2 days ago



Add a comment...

Post



morteseintabu_ and 4 others

...



morteseintabu_ MORTE SEM TABU | Espetáculo no cemitério reflete sobre tabu da morte

"As portas do Cemitério do Redentor, na zona oeste de São Paulo, estão abertas. As luzes acesas indicam um movimento diferente na capela ao fundo. Passo por um corredor de túmulos, mas não consigo ler as lápides. Uma mulher de vestido e salto alto aparece e convida a todos para entrar: "este é meu velório". Este é o velório de Bruna e o começo do espetáculo "A Queda de Baleia - ou canto para dançar com minha morte"

Solo de @brunaflongo, com codireção de @vitorjulian_, propõe reflexão sobre finitude. Temporada acontece no Cemitério do Redentor até o próximo dia 26 de outubro.

Leia mais na #Folha: folha.com/morteseintabu

@daniiloapena
@ajessicamoreira

#ParaTodosVerem: Bruna Longo encenando a peça "Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte"

Edited · 2d



sonatanada A morte é o sentido da vida! Vou esse fds!

1d 2 likes Reply



Liked by vitorjulian_ and 1,171 others

2 days ago



Add a comment...

Post

REDE GLOBO São Paulo – 04/10/2015





O teatro mais disruptivo de São Paulo acontece dentro de um cemitério — teria coragem?

Intimista e disruptiva, a obra de Bruna Longo transforma a dor do luto em poesia e provoca reflexões profundas sobre a morte em meio à arte. ➡

 ESTHER MIRANDA - REDATORA · SETEMBRO 19, 2025

COMPARTILHE O ARTIGO



Foto: Divulgação/Danilo Apoená

Já pensou em assistir a **uma peça que reflete sobre a morte de dentro de um cemitério**? Essa é a proposta da disruptiva **Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte**, um solo de [Bruna Longo](#), com codireção de [Vitor Julian](#), que incentiva o pensamento sobre **um tema que ainda é tabu na sociedade ocidental**.

O monólogo surge após a atriz, dramaturga e diretora que estrela a peça perder o pai em 2022. No **processo de luto**, ela observou a **frígida burocracia em torno dos processos mortuários**, que são cada vez mais rápidos, impossibilitando aqueles que ficaram de realizarem **ritos de passagem para elaborar a dor e a delicadeza do momento**.

- ✳ [60 coisas para fazer em São Paulo pelo menos uma vez na vida](#)
- ✳ [Dia das Crianças em SP: guia de passeios para os pequenos se divertirem](#)



Foto: Divulgação/Danilo Apoená

O que esperar de Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte?

Nesta [peça](#) solo, a atriz imagina a **própria morte**, provocando uma reflexão sobre **o tabu do fim da vida no cotidiano**. Junto a [Bruna Longo](#), enquanto ela elabora **o luto de si mesma**, o espectador irá contemplar tópicos como **a relação humana com a finitude, o processo de**

“ A morte é, para nós ocidentais, talvez o último intransponível tabu. Não falamos sobre ela. Não sabemos lidar com ela. No entanto, ela é também a única certeza inexorável. [...] O processo de morte foi higienizado, burocratizado. O avanço da ciência e da medicina prolongou nossas vidas, mas também mudou a forma como morremos. [...] Ritos fúnebres são cada vez mais rápidos, padronizados e industrializados. – Comenta a artista.



Foto: Divulgação/Danilo Apoena

Não deixe de conferir esta peça disruptiva!

Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte é apresentada na [capela do Cemitério do Redentor](#), localizado na [Avenida Doutor Arnaldo, 1105 – Sumaré](#), até o dia **26 de outubro**, com apresentações de **sexta a domingo, sempre às 19h**.

O ingresso custa **R\$ 60**, ou **R\$ 30 no caso de meia-entrada**. A capela comporta um **público de 20 pessoas**, o que torna a experiência ainda mais intimista. Além disso, a duração é de **80 minutos**.



Foto: Divulgação/Danilo Apoena

+ [Cemitérios mais antigos de SP são verdadeiros museus a céu aberto](#)

COMPARTILHE O ARTIGO



Tags: [drama](#)

CULTURA O QUE FAZER

Fique por dentro

Nossos segredos mais preciosos, direto na sua caixa de entrada

E-mail

Assinar

Ao inserir seu e-mail, você aceita a nossa [Termos e Condições](#)

ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES

- Música clássica em São Paulo? Confere esse guia com orquestras, locais e eventos que agitam a capital

SETEMBRO 19, 2025
- Oktoberfest de São Paulo: chope gelado, delícias alemãs e shows na maior festa germânica do Sudeste

SETEMBRO 19, 2025
- Ainda dá tempo: passeios imperdíveis para conferir no mês de setembro em São Paulo!

SETEMBRO 19, 2025



"Carta à Rainha Louca" estreia no Sesc Bom Retiro. Foto: Daisy Sereno/Divulgação

- O espetáculo é uma adaptação do livro homônimo de Maria Valéria Rezende, vencedor do Prêmio Oceanos em 2020. Em cena, 17 vozes do Núcleo Toada ampliam as questões do livro, baseado em uma carta real de Isabel das Santas Virgens a Maria I, conhecida como Rainha Louca de Portugal. A direção é de Patrícia Gifford. **Quando:** De 12/9 a 12/10. Sextas e sábados, 20h; domingos, 18h. **Onde:** Sesc Bom Retiro - Alameda Nothmann, 185, Campos Elíseos. **Quanto:** R\$ 60.

Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte



"Queda de Baleia" é encenada no Cemitério do Redentor. Foto: Danilo Azevedo/Divulgação

- Bruna Longo se inspirou na perda recente do pai para falar sobre o tabu da morte. No solo, a atriz imagina a própria morte e procura elaborar o luto de si mesma. Ela também é responsável pela direção do espetáculo ao lado de Vitor Julian. *Queda de Baleia* é encenada no Cemitério do Redentor, no Sumaré. **Quando:** De 12/9 a 26/10. Sextas a domingos, 19h. **Onde:** Capela do Cemitério do Redentor - Av. Dr. Arnaldo, 1105, Sumaré. **Quanto:** R\$ 60.

Mon Cœur - Piaf e Brel



Ao longo da semana, nas edições do **Caderno 2**, este selo identifica outros destaques da programação cultural. Acompanhe!



Zê Ramalho celebra 50 anos de carreira em show amanhã, 12, no Espaço Unimed, a partir das 22 horas



TATIANA LOPES

Festival

Música pop fecha The Town em grande estilo

O festival The Town chega ao último fim de semana. Hoje, 12, as atenções estarão voltadas para os Backstreet Boys no palco Skyline. O dia ainda tem atrações como Jason Derulo, CeeloGreen e Luisa Sonza.

O sábado, 13, é dedicado às grandes vozes. O destaque é a cantora Mariah Carey, que fecha a noite. Ivete Sangalo, Jessie J e Lionel Richie completam o lineup do sábado.

Quem encerra a edição no domingo, 14, é a cantora Katy Perry. Antes dela, Camila Cabello, Iza, J Balvin e Ludmilla. ●



Mariah Carey: show dia 13

PRIMO CABELLO DO FESTIVAL - 12/9/2025

10010010

The Town

Autódromo de Interlagos. Av. Sen. Teotônio Vilela, 261. Hoje (12): sáb. (13) e dom. (14), a partir das 12h. R\$ 975

Teatro

'Queda de Baleia'

Bruna Longo se inspirou na perda recente do pai para falar sobre o tabu da morte. Encenada na capela do Cemitério do Redentor, a atriz imagina a própria morte e procura elaborar o luto de si mesma. Ela também dirige a peça com Vitor Julian.

Cemitério do Redentor. Av. Dr. Arnaldo, 1.105. 6ª a dom., 18h. R\$ 60. Até 26/10



OSIELLO APOLINA

'Mon Cœur - Piaf e Brel'

Espécie de "musical intimista", foca a obra da cantora francesa Édith Piaf, com referências a canções do belga Jacques Brel. Mariana Estol interpreta as canções e protagoniza a narrativa semiobiográfica da cantora. Direção: Elias Andreato.

Teatro Vivo. Av. Dr. Chucri Zaidan, 2.460. Sáb., 20h; dom., 18h. R\$ 80. Até 28/9



RIOHY HERNANDEZ

'Carta à Rainha Louca'

Adaptação do livro homônimo de Maria Valéria Rezende, vencedor do Prêmio Oceanos em 2020, baseado em uma carta real de Isabel das Santas Virgens a Maria I, a Rainha Louca de Portugal. A direção é de Patricia Gifford.

Sesc Bom Retiro. Al. Nothmann, 185. 6ª e sáb., 20h; dom. 18h. R\$ 60. Até 12/10



DADY GEDENA



foyer.digital



foyer.digital A morte como tabu, experiência íntima e reflexão coletiva está no centro de “Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte”, novo solo da atriz, dramaturga e diretora Bruna Longo, com codireção de Vítor Julian. O espetáculo estreia em um cenário carregado de simbolismo: a capela do Cemitério do Redentor, no bairro do Sumaré, em São Paulo, com temporada de 12 de setembro a 26 de outubro de 2025, de sexta a domingo, sempre às 19h.

Para conferir a matéria completa, acesse o site: www.foyer.digital

 Danilo Azeiteiro

Por Isabel Branquinha

6 d



 Curtido por belbranquinha e outras 43 pessoas

na 0 dias

 Adicione um comentário...

[Postar](#)



Isabel Brinquinha · há 6 dias · 2 min de leitura

“Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte” estreia na capela do Cemitério do Redentor em São Paulo

A morte como tabu, experiência íntima e reflexão coletiva está no centro de “Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte”, novo solo da atriz, dramaturga e diretora Bruna Longo, com codireção de Vitor Julian.



Imagem: Danilo Apoena

O espetáculo estreia em um cenário carregado de simbolismo: a **capela do Cemitério do Redentor**, no bairro do Sumaré, em São Paulo, com temporada de **12 de setembro a 26 de outubro de 2025**, de sexta a domingo, sempre às 19h.

A experiência pessoal transformada em dramaturgia

A peça nasce da vivência da artista com a morte do pai, em 2022, experiência que a levou a questionar a ausência de rituais, a burocratização do luto e o silêncio social em torno da finitude. “Dois dias depois da morte do meu pai, passei a usar o barro desse luto como material para meu trabalho. Meu templo é o teatro, minha liturgia é a pesquisa artística, minha reza é a dramaturgia”, afirma Bruna Longo.

Na encenação, a atriz imagina a própria morte. Já falecida, ela elabora o luto de si mesma, gesto impossível na realidade, mas que serve de motor para discutir a forma como as sociedades capitalistas ocidentais tratam a morte: como algo a ser ocultado, higienizado e rapidamente superado.

Reflexão sobre a finitude e a cultura do luto

O espetáculo questiona o esvaziamento dos ritos fúnebres tradicionais, substituídos por práticas padronizadas, como a crescente indústria das cremações, e critica a visão da medicina que, ao prolongar vidas, transforma hospitais em espaços de enfrentamento contra o inevitável. Para Bruna, o silenciamento da morte na vida cotidiana também apaga uma dimensão essencial da cultura humana. “Elaborar o luto inaugura quem somos. A morte inspirou os primeiros ritos, a filosofia, a religião, a arte. Não falar da morte não a afasta, apenas a torna mais temerosa.”

Uma obra de arte em diálogo com a ancestralidade

A montagem envolve diversas camadas estéticas e simbólicas: da cenografia e figurinos concebidos pela própria Bruna, com provocações de **Kleber Montanheiro**, até a presença de um esqueleto de baleia criado por **Paul Zanon**, além de trilha incidental de **L.P. Daniel**. O resultado é um mergulho sensorial que transita entre teatro, rito e performance, propondo ao público uma experiência íntima e visceral.

Sinopse

Bruna Longo parte de sua experiência com a morte do pai para elaborar uma dramaturgia na qual imagina a própria morte. Já falecida, ela elabora o luto de si mesma e convida o público a refletir sobre a finitude, o silêncio e o tabu em torno da morte nas sociedades contemporâneas.

Serviço

- **Espectáculo:** *Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte*
- **Temporada:** 12 de setembro a 26 de outubro de 2025
- **Sessões:** sextas, sábados e domingos, às 19h
- **Local:** Capela do Cemitério do Redentor – Av. Dr. Arnaldo, 1105 – Sumaré, São Paulo (SP)
- **Ingressos:** R\$60 (inteira) | R\$30 (meia-entrada)
- **Vendas online:** Symply
- **Duração:** 80 minutos
- **Classificação:** 12 anos



Foto: Danilo Aguiar

A atriz, dramaturga e diretora Bruna Longo parte de sua experiência íntima com o falecimento de seu pai para propor uma reflexão sobre o tabu da morte no solo Queda de Baleia ou Canto para Dançar com a Minha Morte, O espetáculo, que tem co-direção de Vitor Julian, tem sua temporada de estreia na capela do Cemitério do Redentor, no Sumaré, de 12 de setembro a 26 de outubro, com apresentações de sexta a domingo, sempre às 19h.

E, para discutir esse tema tão humano e tão inescapável, a atriz imagina a própria morte. Na trama, ela acaba de morrer e procura elaborar o luto de si mesma, enquanto propõe uma reflexão sobre a relação humana com a finitude; o processo de eliminação do rito fúnebre nas sociedades capitalistas ocidentais, o medo, o silêncio e a negação da morte.

Bruna Longo acaba de morrer e procura elaborar o luto de si mesma – a única coisa que não podemos fazer empiricamente – enquanto reflete sobre a relação humana com a finitude, o tabu da morte na vida cotidiana e o processo de eliminação do rito fúnebre nas sociedades capitalistas ocidentais. O espetáculo é inspirado na morte recente do pai da atriz.

A dramaturgia por Bruna Longo

"Dia 26 de julho de 2022, às 01:52 da manhã, meu pai morreu. Ao meio-dia seguinte iniciou-se o velório. Às 16:00 seu corpo foi colocado dentro do jazigo da família no cemitério do Araçá, em São Paulo, capital.

O que se seguiu foram dias de burocracias em bancos, cartórios, seguros. Dias que viraram semanas, meses. Nenhum convite a qualquer rito de posseção de uma realidade a outra. De filha a órfã. Todos os paradigmas mudaram subitamente. Nenhum tempo ou espaço para a elaboração. Nada. Não venho de uma família com crenças religiosas. Sou atêica, materialista. Não via, de imediato, nenhum caminho satisfatório para a elaboração da maior dor que já senti na vida.

Dois dias depois da morte do meu pai, passei a usar o barro desse luto como material para meu trabalho. Iniciei o único caminho que a mim parecia possível para essa elaboração. Meu templo é o teatro, minha liturgia é a pesquisa artística, minha reza é a dramaturgia. E esse é o germe deste espetáculo.

A morte é, para nós ocidentais, talvez o último intransponível tabu. Não falamos sobre ela. Não sabemos lidar com ela. No entanto, ela é também a única certeza inexorável. Num período histórico em que guerras, tragédias coletivas, violência, epidemias e pandemias são noticiadas em tempo real como nunca fora possível, e que a indústria cultural capitaliza em cima desses temas com espetacularização, a morte cotidiana se transformou em um assunto velado.

O processo de morte foi higienizado, burocratizado. O avanço da ciência e da medicina prolongou nossas vidas, mas também mudou a forma como morremos. Não se morre mais em casa, mas em hospitais – lugares onde busca-se vencer a morte, muitas vezes prolongando o inevitável. Ritos fúnebres são cada vez mais rápidos, padronizados e industrializados – com o boom de cremações comerciais.

A hipervalorização da juventude não quer nos deixar lembrar que morremos. Nós, homo sapiens sapiens. Sempre esquecemos o último sapiens do nosso gênero. Somos humanos que não só sabemos, mas sabemos que sabemos. Para muitos historiadores e antropólogos, o nascimento da cultura humana como a entendemos está ligado ao luto.

A morte inspirou os primeiros ritos humanos, os primeiros hieróglifos, as primeiras histórias contadas em volta da fogueira. O nascimento da filosofia, da religião, da arte. Elaborar o luto inaugura quem somos, e, ao renunciarmos a isso, renunciamos a uma angústia metafísica essencial. Não falar da morte não a afasta, apenas a torna mais temerosa."

Ficha Técnica

Direção, elenco, dramaturgia, cenografia, figurinos: Bruna Longo
Co-Direção e provocações dramáticas: Vitor Julian
Provocações estéticas (figurinos e cenografia): Kleber Montanheiro
Visagismo: Fabia Mirassol
Sapatos: Marcos Valadão
Desenho de Luz: Gabriele Souza
Esqueleto de baleia: Paul Zanón
Cenotécnica: Evas Carreiro
Provocações de movimento: Paula D'Amello
Provocações de Kung Fu: Daniel Fusco
Preparação vocal: Jessé Scarpellini
Trilha sonora incidental: L.P. Daniel
Direção de Produção: Paula Malfatti
Ilustrações: Victor Grizzo

Foto: Danilo Aguiar

Dir.: Bárbara Guerra. Com: Raul Gazolla, Paula Miessa e Carol Botelho. 12 anos
Na trama, dançarinos disputam uma vaga no elenco de um musical. Eles compartilham sonhos e inseguranças da vida e da carreira. O espetáculo é inspirado na produção da Broadway de 1975, considerada um marco na maneira de fazer musicais. A primeira versão brasileira foi feita em 1983 e teve [Claudia Rais](#) e Raul Gazolla no elenco. O ator volta para a nova montagem – versão brasileira criada por Miguel Falabella.
Teatro Villa Lobos - shopping Villa Lobos - av. Doutora Ruth Cardoso, 4.777, 4º andar, Jardim Universidade Pinheiros, região oeste. Estreia: qui (18). Até 14/12. Qui. e sex., às 20h. Sáb., às 16h e às 20h. Dom., às 15h30 e às 19h. Ingr.: a partir de R\$ 45 em Sympla

para curtir sp

Receba no seu email um guia com a programação cultural da capital paulista

Digite seu e-mail



Queda da Baleia

Dir.: Bruna Longo e Vitor Julian. Com: Bruna Longo. 12 anos

A peça propõe uma reflexão sobre a relação humana com a finitude. Em cena, a protagonista morre e tenta assimilar o luto de si mesma.

Capela do Cemitério do Redentor - av. Dr. Arnaldo, 1.105, Sumaré, região oeste. Estreia: sex. (12). Até 26/10. Sex. a dom., às 19h. Ingr.: R\$ 60 em Sympla

Reparação

Dir.: Carlos Canhamero. Com: Daniel Gonzalez, Fábria Mirassos e Luiz Bertazzo. 16 anos

A peça é inspirada em um caso real do interior paulista na década de 1980. Uma jovem é violentada por dois colegas de escola, engravida e é obrigada a deixar a cidade. Seis anos depois, ela retorna para apresentar a filha ao pai.

CCSP - r. Vergueiro, 1.000, Liberdade, região central. Até 21/9. Qui. a sáb., às 20h. Dom., às 19h. Grátis, com retirada de ingresso na bilheteria uma hora antes da sessão

Uterina

Dir. e atuação: Flávia Couto. 14 anos

A peça parte de uma experiência pessoal da diretora e protagonista, Flávia Couto, que passou por uma interrupção de gravidez após a descoberta de que o bebê tinha uma trissomia, condição genética de um cromossomo a mais que deixa o feto incompatível com a vida fora do útero.

Teatro Arthur Azevedo - av. Paes de Barros, 955, Mooca, região leste. Até 21/9. Qui. a sáb., às 20h. Dom., às 18h. Grátis, com retirada de ingresso uma hora antes da sessão

REESTREIAS

Filoctetes em Lemnos

Dir.: Marina Tianjan. Com: Vinicius Torres Machado. 16 anos

O solo faz referência ao mito do herói grego Filoctetes, abandonado por seus companheiros na ilha de Lemnos depois de ser ferido por uma serpente. Na peça, ele lida com a ferida aberta que não cicatriza.

Tusp - r. Maria Antônia, 294, Vila Buarque, região oeste. Estreia: sex. (12). Até 5/10. Sex. e sáb., às 20h. Dom., às 19h. Grátis, com retirada de ingresso uma hora antes da sessão

Por Menor de Ausência

Dir.: Ernesto Piccolo. Com: Giuseppe Oristanio. Livre

Vida e obra de [Guimarães Rosa](#) (1908-1967) se misturam na peça. Em cena, o poeta e diplomata enfrenta a saúde debilitada e o peso das críticas à linguagem que utilizava, ao mesmo tempo que demonstra desejo por um título oficial da Academia Brasileira de Letras.

Arena B3 - pça. Antônio Prado, 48, Centro Histórico, região central. Sáb. (13), às 14h30 e às 17h. Ingr.: Ingr.: R\$ 10 em Sympla

Por um Pingo

Dir.: Dante Passarelli e Fernanda Zancopé. Com: Ana Paula Lopez, Cris Lozano, e Fernando Aveiro. 16 anos

Enquanto um casal aguarda a visita de um corretor de imóveis no apartamento em que vivem, surge uma mancha de mofo no teto. À medida que o vazamento de água piora, problemas do passado são revelados. O espetáculo reflete sobre especulação imobiliária em tom ácido e cômico.

Sesc Belenzinho - r. Padre Adelino, 1.000, Belenzinho, região leste. Estreia: qui. (18). Até 12/10. Sex. e sáb., às 20h. Dom., às 17h. Ingr.: a partir de R\$ 15 em [sescsp.org.br](#) ou bilheterias Sesc

1 / 5 Leia trechos de 'Na Sala dos Espelhos', de Liv Strömquist



Capa de 'Na Sala dos Espelhos: Autoimagem em Transe ou Beleza e Autenticidade como Mercadoria na Era da Internet', de Liv Strömquist. Editora: Companhia das Letras

OFF



MIRIAM MEHLER
SOB O CEU DE PARIS

OFF GUIA DE TEATRO SÃO PAULO | SETEMBRO 2025 | ANO XXX EDIÇÃO Nº 346

Distribuição Gratuita

QUEDA DE BALEIA OU CANTO PARA DANÇAR COM MINHA MORTE

Bruna Longo acaba de morrer e procura elaborar o luto de si mesma — a única coisa que não podemos fazer empiricamente — enquanto reflete sobre a relação humana com a finitude, o tabu da morte na vida cotidiana e o processo de eliminação do rito fúnebre nas sociedades capitalistas ocidentais. O espetáculo é inspirado na morte recente do pai da atriz. Dramaturgia, elenco e direção: Bruna Longo. Codireção: Vitor Julian. **Capela do Cemitério do Redentor** - Av. Dr. Arnaldo, 1105 Sumaré. Sexta a domingo, 19h. R\$60. 80min. 12 anos. Estreia 12/09.

O QUE SÓ SABEMOS JUNTOS

Um encontro de dois atores, um homem e uma mulher, com uma multidão de pessoas na plateia. Suas memórias. Suas próprias histórias e outras tantas que ouviram por aí. E o que só saberão, juntos? Esses dois atores e esse público? Uma sala cheia de gente que escolheu estar ali na companhia umas das outras. Há algo a celebrar, juntos? Idealização e Criação: Denise Fraga, José Maria e Luiz Villaca. Texto: Denise Fraga, Luiz Villaca e Vinicius Calderoni. Dramaturgia: Kenia Dias, Denise Fraga, Luiz Villaca, Vinicius Calderoni, Tony Ramos e José Maria. Elenco: Denise Fraga e Tony Ramos. Direção: Luiz Villaca. **Teatro TUCA** - R. Monte Alegre, 1024. Perdizes. T. 3670.8455. Sexta, 21h, sábado, 20h, domingo, 17h. De R\$21 a R\$200. 80min. 12 anos.

REPARAÇÃO

Baseada em um caso real ocorrido no interior de São Paulo nos anos 80, combina depoimentos, ficção e drama para reconstruir um episódio de violência e suas reverberações ao longo do

tempo. O autor entrevistou moradores e pessoas ligadas à história, preservando suas vozes em transcrições fiéis, que se entrelaçam com cenas ficcionais. Dramaturgia e encenação: Carlos Canhamero. Elenco: Daniel Gonzalez, Fábila Mirassol, Luiz Bertazzo, Marilena Grama, Nicéia Vicente e Yentl. *De 11 a 21/09, quinta a sábado, 20h; domingo, 19h* - **Centro Cultural SP** / St. Jardel Filho - R. Vergueiro, 1000. Liberdade. T. 3397.4002. Gratuito (retirar ingressos com 1h antes na bilheteria). *A partir de 25/09, quinta a sábado, 19h; domingo, 18h* - **Teatro de Arara Eugênio Kusnet** - Funarte - R. Dr. Teodoro Baima, 94. Vila Buarque. T. 11.95077.7050. R\$40. 105min. 16 anos.

A (RE)TOMADA DA PALAVRA OU A MULHER QUE NÃO SE VÊ

Uma mulher negra, usuária de cadeira de rodas, está no ponto de ônibus. Dá o sinal. O motorista não para e segue viagem. Esse é o mote criado pela Zózima Trupe para o espetáculo. A performer usa o ônibus — objeto de pesquisa da companhia — como ponto de partida para refletir sobre esse meio de transporte enquanto espaço contemporâneo de opressão. Dramaturgia: Shaira Maria Josy e Piê Souza. Elenco: Ma Devi Murti. Direção: Anderson. Maurício. **Praça Franklin Roosevelt, s/n. Bela Vista.** Sexta e sábado, 20h, domingo, 19h. Gratuito (retirada de ingressos pelo Sympla). 60min. 12 anos. Até 28/09.

O RETRATO DE DORIAN GRAY

Sob a influência do cinico Lorde Henry, Dorian faz um pacto para manter sua juventude e beleza, enquanto seu retrato, pintado pelo dedicado Basil, envelhece e acumula as marcas de seus atos questionáveis. Uma nova adaptação da obra de Oscar Wilde pela Má Companhia de Teatro tendo como enfoque as relações homoafetivas entre os protagonistas, apenas insinuadas

[HOME](#)[DICAS](#)[CONEXÕES](#)[QUEM SOMOS](#)[Todos posts](#)[Vegetarianos](#)[Hamburguerias](#)[Doces & Sobremesas](#)[Cafés & Padarias](#)[Mais](#)

há 4 dias



Agenda de Setembro 2025 - Parte 1: Novidades | Teatro

Atualizado: há 22 horas

Venham com a gente ver o que fazer em São Paulo em setembro! Setembro começa numa segunda-feira e está recheado de atrações!

28. Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte

Na trama, a atriz acaba de morrer e procura elaborar o luto de si mesma, enquanto propõe uma reflexão sobre a relação humana com a finitude, o processo de eliminação do rito fúnebre nas sociedades capitalistas ocidentais, o medo, o silêncio e a negação da morte.

12 de setembro a 26 de outubro de 2025

De sexta a domingo, sempre às 19h

Ingressos: R\$60 (inteira) e R\$30 (meia-entrada), online em Sympla
Capela do Cemitério do Redentor - Av. Dr. Arnaldo, 1105 - Sumaré

INDICA SP

@ indicasampa@gmail.com

indicasp



criado por
kiron



QUEDA DE BALEIA OU CANTO PARA DANÇAR COM MINHA MORTE

Encenado na capela de um cemitério em São Paulo, *Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte*

Bruna Longo acaba de morrer e procura elaborar o luto de si mesma – a única coisa que não podemos fazer empiricamente – enquanto reflete sobre a relação humana com a finitude, o tabu da morte na vida cotidiana e o processo de eliminação do rito fúnebre nas sociedades capitalistas ocidentais. O espetáculo é inspirado na morte recente do pai da atriz.

Ficha Técnica:

Direção, elenco, dramaturgia, cenografia, figurinos: Bruna Longo
Co-Direção e provocações dramáticas: Vitor Julian
Provocações estéticas (figurinos e cenografia): Kleber Montanheiro
Visagismo: Fabia Mirassol
Sapatos: Marcos Valadão
Desenho de Luz: Gabriele Souza
Esqueleto de baleia: Paul Zanoni
Cenotécnica: Evás Cameteiro
Provocações de movimento: Paula D'Ajello
Provocações de Kung Fu: Daniel Fusco
Preparação vocal: Jessé Scarpellini
Trilha sonora incidental: L.P. Daniel
Direção de Produção: Paula Malfatti
Ilustrações: Victor Orizzo
Fotos: Danilo Apoena

Status	Em cartaz
Temporada	De 12/09/2025 até 26/10/2025
Dias	Sexta 19h • Sábado 19h • Domingo 19h
Duração	80 minutos
Valor	R\$60 (inteira) / R\$30 (meia)
Região	São Paulo /
Teatro / Espaço	Capela do Cemitério do Badendorf Av. Dr. Arnaldo, 1105 - Sumaré, 19
Estacionamento	
Cafeteria	Sim
Telefone	(11) 3082-0437
Classificação indicativa	Não apropriado para menores de 12 anos

Garanti meu ingresso

[Ver no Google Maps](#)[Ver no Waze](#)

Galeria de fotos



Fotos por Danilo Apoena

Compartilhar em



Pesquisar



A Informação
que todos
querem



HOME | COLONISTAS | CULTURA | ECONOMIA | ESPORTE | ESTADOS | GERAL | MUNDO | POLÍTICA | EDITORIAS

Sábado, 06 Setembro 2025 02:40

Bruna Longo transforma luto em teatro e estreia solo no Cemitério do Redentor, em SP

CULTURA Por: Waléria de Carvalho



Bruna Longo no palco do monólogo.
Foto: Divulgação/Daniel Aporem

Espectáculo "Queda de Baleia ou Canto para Dançar com a Minha Morte" reflete sobre finitude e o tabu da morte

A atriz, dramaturga e diretora Bruna Longo parte de sua experiência pessoal com a morte do pai para criar o solo Queda de Baleia ou Canto para Dançar com a Minha Morte. Com co-direção de Vitor Julian, a peça estreia no dia 12 de setembro, na capela do Cemitério do Redentor, em São Paulo, e segue até 26 de outubro, com apresentações de sexta a domingo, sempre às 19h. A proposta é usar o teatro como espaço ritual para enfrentar um dos maiores tabus contemporâneos: a morte.

No espetáculo, a atriz imagina sua própria morte e elabora o luto de si mesma, enquanto convida o público a refletir sobre a finitude, o medo, o silêncio e a negação que marcam a relação das sociedades ocidentais com esse tema. A dramaturgia parte de registros íntimos de Longo, que narra como, após o falecimento do pai em julho de 2022, se deparou com uma rotina de burocracias que não deixou espaço para um rito de passagem ou para a elaboração da perda. Foi a partir desse vazio que encontrou no teatro a possibilidade de resignificação.

Entre o tabu e a criação artística

Para a artista, a morte, embora inevitável, permanece como o último grande tabu do Ocidente. O espetáculo parte dessa contradição: enquanto guerras, tragédias e epidemias são transmitidas em tempo real, a experiência íntima da morte é ocultada e burocratizada. "Meu templo é o teatro, minha liturgia é a pesquisa artística, minha reza é a dramaturgia", afirma Longo, que vê no palco o espaço possível para dar forma a essa dor e propor uma reflexão coletiva.

A peça também traz um olhar histórico e antropológico, lembrando que a morte esteve no centro da formação cultural da humanidade — inspirou ritos, arte, filosofia e religião. Ao abrir mão de elaborar o luto, argumenta Longo, as sociedades modernas renunciam a uma dimensão essencial da existência. Assim, Queda de Baleia ou Canto para Dançar com a Minha Morte se apresenta como um chamado para resgatar esse diálogo perdido, transformando o teatro em lugar de memória, ritual e encontro com a própria condição humana.

Serviço

Temporada: 12 de setembro a 26 de outubro • De sexta a domingo, sempre às 19h00 • Capela do Cemitério do Redentor – Av. Dr. Arnaldo, 1105 – Sumaré • Ingressos: R\$60 (inteira) e R\$30 (meia-entrada) • Vendas online em Sympla • Duração: 80 minutos • Classificação: 12 anos • Lotação: 20 lugares

Home » cultura » Encenado na capela de um cemitério em São Paulo, Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte estreia no dia 12 de setembro.

Encenado na capela de um cemitério em São Paulo, Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte estreia no dia 12 de setembro

Joana Liarr  23 days ago  cultura

Solo de **Bruna Longo**, com codireção de **Vitor Julian**, propõe reflexão sobre o tabu da morte na vida cotidiana



Crédito: Danilo Apcena

"Os adultos atormentados pela ansiedade da morte não são pássaros estranhos que contrairam alguma doença exótica, mas homens e mulheres cuja família e cultura falharam em tricotar as roupas protetoras adequadas para que resistissem ao frio gelado da mortalidade". (Irvin Yalom, *Psiquiatria*)

A atriz, dramaturga e diretora **Bruna Longo** parte de sua experiência íntima com o falecimento de seu pai para propor uma reflexão sobre o tabu da morte no solo **Queda de Baleia ou Canto para Dançar com a Minha Morte**. O espetáculo, que tem co-direção de **Vitor Julian**, tem sua temporada de estreia na capela do Cemitério do Redentor, no Sumaré, dia 12 de setembro a 26 de outubro, com apresentações de sexta a domingo, sempre às 19h.

E, para discutir esse tema tão humano e tão inescapável, a atriz imagina a própria morte. Na trama, ela acaba de morrer e procura elaborar o luto de si mesma, enquanto propõe uma reflexão sobre a relação humana com a finitude, o processo de eliminação do rito fúnebre nas sociedades capitalistas ocidentais, o medo, o silêncio e a negação da morte.

A dramaturgia por Bruna Longo

"Dia 26 de julho de 2022, às 01:52 da manhã, meu pai morreu. Ao meio-dia seguinte iniciou-se o velório. Às 16:00 seu corpo foi colocado dentro do jazigo da família no cemitério do Araçá, em São Paulo, capital.

O que se seguiu foram dias de burocracias em bancos, cartórios, seguros. Dias que viraram semanas, meses. Nenhum convite a qualquer rito de passagem de uma realidade a outra. De filha a órfã. Todos os paradigmas mudaram subitamente. Nenhum tempo ou espaço para a elaboração. Nada. Não venho de uma família com crenças religiosas. Sou atea, materialista. Não via, de imediato, nenhum caminho satisfatório para a elaboração da maior dor que já senti na vida.

Dois dias depois da morte do meu pai, passei a usar o barro desse luto como material para meu trabalho. Iniciei o único caminho que a mim parecia possível para essa elaboração. Meu templo é o teatro, minha liturgia é a pesquisa artística, minha reza é a dramaturgia. E esse é o germo deste espetáculo.

A morte é, para nós ocidentais, talvez o último intransponível tabu. Não falamos sobre ela. Não sabemos lidar com ela. No entanto, ela é também a única certeza inexorável. Num período histórico em que guerras, tragédias coletivas, violência, epidemias e pandemias são noticiadas em tempo real como nunca fora possível, e que a indústria cultural capitaliza em cima desses temas com espetacularização, a morte cotidiana se transformou em um assunto velado.

O processo de morte foi higienizado, burocratizado. O avanço da ciência e da medicina prolongou nossas vidas, mas também mudou a forma como morremos. Não se morre mais em casa, mas em hospitais – lugares onde busca-se vencer a morte, muitas vezes prolongando o inevitável. Ritos fúnebres são cada vez mais rápidos, padronizados e industrializados – com o boom de cremações comerciais.

A hipervalorização da juventude não quer nos deixar lembrar que morremos. Nós, *homo sapiens sapiens*. Sempre esquecemos o último *sapiens* do nosso gênero. Somos humanos que não só sabemos, mas sabemos que sabemos. Para muitos historiadores e antropólogos, o nascimento da cultura humana como a entendemos está ligado ao luto.

A morte inspirou os primeiros ritos humanos, os primeiros hieróglifos, as primeiras histórias contadas em volta da fogueira. O nascimento da filosofia, da religião, da arte. Elaborar o luto inaugura quem somos, e, ao renunciarmos a isso, renunciarmos a uma angústia metafísica essencial. Não falar da morte não a afasta, apenas a torna mais temerosa."

Ficha Técnica

Direção, elenco, dramaturgia, cenografia, figurinos: Bruna Longo
Co-Direção e provocações dramáticas: Vitor Julian
Provocações estéticas (figurinos e cenografia): Kleber Montanheiro
Visagismo: Fabia Mirassol
Sapatos: Marcos Velezão
Desenho de Luz: Gabriele Souza
Esqueleto de baleia: Paul Zanon
Cenotécnica: Evas Carrotoiro
Provocações de movimento: Paula D'Ajello
Provocações de Kung Fu: Daniel Fusco
Preparação vocal: Jessé Scarpellini
Trilha sonora incidental: L.P. Daniel
Direção de Produção: Paula Malfatti
Ilustrações: Victor Grizzo
Fotos: Danilo Apcena

Sinopse

Bruna Longo acaba de morrer e procura elaborar o luto de si mesma – a única coisa que não podemos fazer empiricamente – enquanto reflete sobre a relação humana com a finitude, o tabu da morte na vida cotidiana e o processo de eliminação do rito fúnebre nas sociedades capitalistas ocidentais. O espetáculo é baseado

TRANSLATE

Selecione o idioma  Powered by  Google Translate

AJUDE O CANAL





responderfazendo e danrosseto

responderfazendo Quer saber quais são os espetáculos imperdíveis para o fim de semana?

O RF Agenda traz as melhores dicas para você se divertir no teatro. Confira 📅

ENTRE BORBOLETAS
Direção: Dan Rosseto

📍 SP Escola de Teatro
🕒 Sexta, às 21h
📍 Pça. Franklin Roosevelt, 210 - Bela Vista
💰 R\$40,00 (inteira) | R\$20,00 (meia)

QUANDO ISMÁLIA ENLOUQUECEU
Direção: Marcos Thadeus

📍 Teatro Paulo Eiró
🕒 Sexta, às 21h
📍 Avenida Adolfo Pinheiro, 765 - Santo Amaro
💰 Grátis

NÃO ME FAZ MENTIR PRA VOCÊ
Direção: Christian Landi

📍 Cantinho da Criação
🕒 Sábado, às 20h
📍 Alameda Nöthmann, 925, Campos Eliseos
💰 R\$ 40,00 (inteira) | R\$ 20,00 (meia)

PRATA DA CASA
Direção: Victor Mendes

📍 CCSP
🕒 Sábado, às 18h e às 20h

📍 Curtido por **canalladeuramos** e outras 17 pessoas
há 17 horas

😊 Adicione um comentário...

Postar



Prosa, Verso e Arte

29 de agosto às 18:50 · 🌐

🎭🔥 Espetáculo / teatro!

Encenado na capela de um cemitério em São Paulo, Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte estreia em setembro. Solo de Bruna Longo, com codireção de Vitor Julian, propõe reflexão sobre o tabu da morte na vida cotidiana. Saiba mais 📖



REVISTAPROSAVERSOEARTE.COM

Encenada em Cemitério, peça sobre o luto estreia em São Paulo

Encenado na capela de um cemitério em São Paulo, Queda de Baleia ou Canto para Dançar com ...



tempo ou espaço para a elaboração. Nada. Não venho de uma família com crenças religiosas. Sou atea, materialista. Não via, de imediato, nenhum caminho satisfatório para a elaboração da maior dor que já senti na vida.

Dois dias depois da morte do meu pai, passei a usar o barro desse luto como material para meu trabalho. Iniciei o único caminho que a mim parecia possível para essa elaboração. Meu templo é o teatro, minha liturgia é a pesquisa artística, minha reza é a dramaturgia. E esse é o germe deste espetáculo.

A morte é, para nós ocidentais, talvez o último intransponível tabu. Não falamos sobre ela. Não sabemos lidar com ela. No entanto, ela é também a única certeza inexorável. Num período histórico em que guerras, tragédias coletivas, violência, epidemias e pandemias são noticiadas em tempo real como nunca fora possível, e que a indústria cultural capitaliza em cima desses temas com espetacularização, a morte cotidiana se transformou em um assunto velado.

O processo de morte foi higienizado, burocratizado. O avanço da ciência e da medicina prolongou nossas vidas, mas também mudou a forma como morremos. Não se morre mais em casa, mas em hospitais – lugares onde busca-se vencer a morte, muitas vezes prolongando o inevitável. Ritos fúnebres são cada vez mais rápidos, padronizados e industrializados – com o boom de cremações comerciais.

A hipervalorização da juventude não quer nos deixar lembrar que morremos. Nós, *homo sapiens sapiens*. Sempre esquecemos o último *sapiens* do nosso gênero. Somos humanos que não só sabemos, mas sabemos que sabemos. Para muitos historiadores e antropólogos, o nascimento da cultura humana como a entendemos está ligado ao luto.

*A morte inspirou os primeiros ritos humanos, os primeiros hieróglifos, as primeiras histórias contadas em volta da fogueira. O nascimento da filosofia, da religião, da arte. Elaborar o luto inaugura quem somos, e, ao renunciarmos a isso, renunciarmos a uma angústia metafísica essencial. Não falar da morte não a afasta, apenas a torna mais temerosa.**



Ficha Técnica

Direção, elenco, dramaturgia, cenografia, figurinos: Bruna Longo | **Co-direção e provocações dramáticas:** Vitor Julian | **Provocações estéticas (figurinos e cenografia):** Kleber Montanheiro | **Visagismo:** Fabia Mirassos | **Sapatos:** Marcos Valadão | **Desenho de luz:** Gabriele Souza | **Esqueleto de baleia:** Paul Zanon | **Cenotécnica:** Evas Carreiro | **Provocações de movimento:** Paula D'Ajello | **Provocações de Kung Fu:** Daniel Fusco | **Preparação vocal:** Jessé Scarpellini | **Trilha sonora incidental:** L.P. Daniel | **Direção de Produção:** Paula Malfatti | **Ilustrações:** Victor Grizzo | **Fotos:** Danilo Apoena | **Assessoria de imprensa:** Pombo Correio / Douglas Picchetti e Helô Cintra



Solo de Bruna Longo, com codireção de Vitor Julian, propõe reflexão sobre o tabu da morte na vida cotidiana



Crédito: Danilo Azevedo

A atriz, dramaturga e diretora Bruna Longo parte de sua experiência íntima com o falecimento de seu pai para propor uma reflexão sobre o tabu da morte no solo *Queda de Baleia ou Canto para Dançar com a Minha Morte*. O espetáculo, que tem co-direção de Vitor Julian, tem sua temporada de estreia na capela do Cemitério do Redentor, no Sumaré, de 12 de setembro a 26 de outubro, com apresentações de sexta a domingo, sempre às 19h.

E, para discutir esse tema tão humano e tão inescapável, a atriz imagina a própria morte. Na trama, ela acaba de morrer e procura elaborar o luto de si mesma, enquanto propõe uma reflexão sobre a relação humana com a finitude, o processo de eliminação do rito fúnebre nas sociedades capitalistas ocidentais, o medo, o silêncio e a negação da morte.

A dramaturgia por Bruna Longo

*Dia 26 de julho de 2022, às 01:52 da manhã, meu pai morreu. Ao meio-dia seguinte iniciou-se o vigório. Às 16:00 seu corpo foi colocado dentro do jazigo da família no cemitério do Araçá, em São Paulo, capital.

O que se seguiu foram dias de burocracias em bancos, cartórios, seguros. Dias que viraram semanas, meses. Nenhum convite a qualquer rito de passagem de uma realidade a outra. De filha a órfã. Todos os paradigmas mudaram subitamente. Nenhum tempo ou espaço para a elaboração. Nada. Não venho de uma família com crenças religiosas. Sou atea, materialista. Não via, de imediato, nenhum caminho satisfatório para a elaboração da maior dor que já senti na vida.

Dois dias depois

Dois dias depois da morte do meu pai, passei a usar o barro desse luto como material para meu trabalho. Iniciei o único caminho que a mim parecia possível para essa elaboração. Meu templo é o teatro, minha liturgia é a pesquisa artística, minha reza é a dramaturgia. E esse é o germe deste espetáculo.

A morte é, para nós ocidentais, talvez o último intransponível tabu. Não falamos sobre ela. Não sabemos lidar com ela. No entanto, ela é também a única certeza inexorável. Num período histórico em que guerras, tragédias coletivas, violência, epidemias e pandemias são noticiadas em tempo real como nunca fora possível, e que a indústria cultural capitaliza em cima desses temas com espetacularização, a morte cotidiana se transformou em um assunto velado.

O processo da morte foi higienizado, burocratizado. O avanço da ciência e da medicina prolongou nossas vidas, mas também mudou a forma como morremos. Não se morre mais em casa, mas em hospitais – lugares onde busca-se vencer a morte, muitas vezes prolongando o inevitável. Ritos fúnebres são cada vez mais rápidos, padronizados e industrializados – com o boom de cremações comerciais.

A hipervalorização da juventude não quer nos deixar lembrar que morremos. Nós, homo sapiens sapiens. Sempre esquecemos o último sapiens do nosso gênero. Somos humanos que não só sabemos, mas sabemos que sabemos. Para muitos historiadores e antropólogos, o nascimento da cultura humana como a entendemos está ligado ao luto.

A morte inspirou os primeiros ritos humanos, os primeiros hieróglifos, as primeiras histórias contadas em volta da fogueira. O nascimento da filosofia, da religião, da arte. Elaborar o luto inaugura quem somos, e, ao renunciarmos a isso, renunciemos a uma angústia metafísica essencial. Não falar de morte não é artefato, apenas a torna mais temerosa."

Ficha Técnica

Direção, elenco, dramaturgia, cenografia, figurinos: Bruna Longo

Co-Direção e provocações dramaturgicas: Vitor Julian

Provocações estéticas (figurinos e cenografia): Kleber Montezinho

Viajageme: Fabia Mirassos

Sapatos: Marcos Valadão

Desenho de Luz: Gabriele Souza

Esqueleto de baleia: Paul Zanon

Cenotécnica: Evas Carneiro

Provocações de movimento: Paula D'Ajello

Provocações de Kung Fu: Daniel Fusco

Preparação vocal: Jessé Scarpellini

Trilha sonora incidental: L.P. Daniel

Direção de Produção: Paulo Malfatti

Ilustrações: Victor Grizzo

Fotos: Danilo Azevedo

Síntese

Bruna Longo acaba de morrer e procura elaborar o luto de si mesma – a única coisa que não podemos fazer explicitamente – enquanto reflete sobre a relação humana com a finitude, o tabu da morte na vida cotidiana e o processo de eliminação do rito fúnebre nas sociedades capitalistas ocidentais. O espetáculo é inspirado na morte recente do pai da atriz.

Serviço

Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte

Temporada: 12 de setembro a 26 de outubro de 2025

De sexta a domingo, sempre às 19h

Capela do Cemitério do Redentor – Av. Dr. Arnaldo, 1105 – Sumaré, São Paulo – SP, 01255-000

Ingressos: R\$60 (inteira) e R\$30 (meia-entrada)

Vendas online em Sympla

Duração: 80 minutos

Classificação: 12 anos

Lotação: 20 lugares

Teatro é Semana Pop

Fonte: Pombo Correio Assessoria de Comunicação

Saiba mais em: Conheça um dos icônicos hotéis de Santorini



Redação · há 3 dias · 2 min de leitura

No Cemitério do Redentor, atriz transforma morte e luto em espetáculo teatral

Montagem parte da experiência pessoal de Bruna Longo para discutir o silêncio e a negação da morte nas sociedades contemporâneas.



Imagem: Danilo Açoena

A atriz, dramaturga e diretora Bruna Longo parte de sua experiência pessoal com o falecimento do pai para propor uma reflexão sobre o tabu da morte em seu novo espetáculo solo: **Queda de Baleia ou Canto para Dançar com a Minha Morte**. Com coordenação de Vitor Julian, a temporada de estreia acontece de 12 de setembro a 26 de outubro, na capela do Cemitério do Redentor, no bairro Sumaré, em São Paulo. As apresentações serão realizadas de sexta a domingo, sempre às 19h.

A trama: imaginar a própria morte

Na peça, Bruna imagina sua própria morte. Partindo desse gesto radical, a artista conduz o público a refletir sobre o luto, a finitude, o medo, o silêncio e a forma como as sociedades capitalistas ocidentais vêm eliminando ritos fúnebres de sua prática cultural.

O tabu da morte na sociedade contemporânea

Bruna observa que, apesar de ser a única certeza inexorável, a morte permanece como tabu em nossa cultura. Hoje, o processo de morrer é cada vez mais higienizado e burocratizado: ocorre majoritariamente em hospitais e não mais em casa, enquanto os ritos fúnebres tornam-se rápidos, padronizados e industrializados, com o crescimento das cremações comerciais.

A artista também aponta a contradição de uma sociedade marcada pela hipervalorização da juventude e, ao mesmo tempo, exposta em tempo real a guerras, tragédias coletivas e pandemias — mas que silencia diante da morte cotidiana.

“O nascimento da cultura humana está ligado ao luto. A morte inspirou os primeiros ritos, os primeiros hieróglifos, as primeiras histórias em torno da fogueira. Elaborar o luto inaugura quem somos. Ao renunciarmos a isso, renunciamos a uma angústia metafísica essencial. Não falar da morte não a afasta — apenas a torna mais temerosa.”, salienta a atriz.

Queda de Baleia ou Canto para Dançar com Minha Morte

De 12 de setembro a 26 de outubro de 2025

De sexta a domingo, sempre às 19h

Capela do Cemitério do Redentor

Av. Dr. Arnaldo, 1105 - Sumaré

Ingressos: R\$60 (inteira) e R\$30 (meia-entrada)

Vendas online em Symply

Duração: 80 minutos

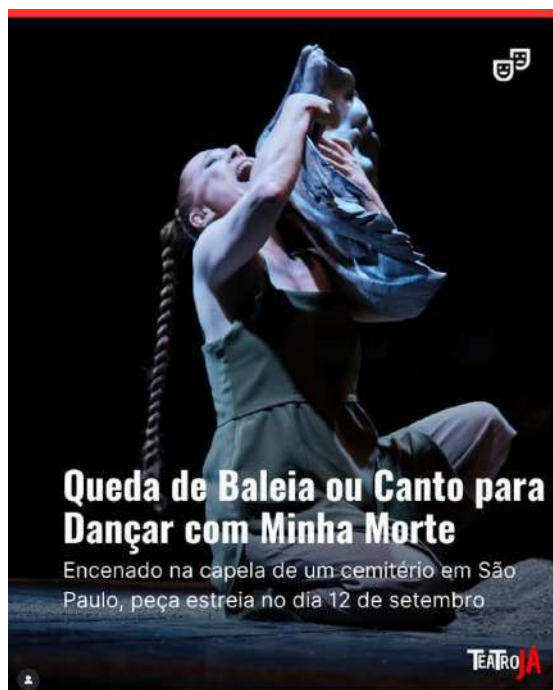
Ingressos: R\$60 (inteira) e R\$30 (meia-entrada)

Vendas online em Symply

Duração: 80 minutos

Teatro

Cultura



teatroja e brunalongo

teatroja Solo de Bruna Longo, com codireção de Vitor Julian, propõe reflexão sobre o tabu da morte na vida cotidiana.

Sinopse
Bruna Longo acaba de morrer e procura elaborar o luto de si mesma – a única coisa que não podemos fazer empiricamente – enquanto reflete sobre a relação humana com a finitude, o tabu da morte na vida cotidiana e o processo de eliminação do rito fúnebre nas sociedades capitalistas ocidentais. O espetáculo é inspirado na morte recente do pai da atriz.

Foto: Danilo Apoena

Serviço:
Temporada: 12 de setembro a 26 de outubro de 2025

De sexta a domingo, sempre às 19h

Capela do Cemitério do Redentor - Av. Dr. Arnaldo, 1105 - Sumaré, São Paulo - SP, 01255-000

Ingressos: R\$60 (inteira) e R\$30 (meia-entrada)

Vendas online em Sympla

Duração: 80 minutos
Classificação: 12 anos
Lotação: 20 lugares

Ficha técnica:
Direção, elenco, dramaturgia, cenografia, figurinos: Bruna Longo
Co-Direção e provocações dramáticas: Vitor Julian
Provocações estéticas (figurinos e cenografia): Kleber Montanheiro
Visceralismo: Fabia Mirassol



 Curtido por estelanunes e outras 259 pessoas
26 de agosto

 Adicione um comentário...

Postar

Um corpo que se recusa a desaparecer



Tenca Silva, Christiane Tricerri e Mawusi Tulani em cena de "Carne Viva", de Luh Maza
21 - março - 2025 | Texto de: Bob Sousa | Fotografia: Bob Sousa

Montado pela primeira vez no Brasil mais de 20 anos após sua criação, Carne Viva, de Luh Maza, com assistência de direção de Michelle Boesche, chega ao palco do Teatro do Sesc 24 de Maio em uma encenação que amplifica sua potência trágica e sinérgica. Escrito em 2003 e já encenado em Portugal, o texto emerge de uma pesquisa sobre o papel da mulher na história ocidental e estrutura-se como um fluxo de consciência que lembra a prosa de Clarice Lispector. Mas é na construção da sua visualidade e na experimentação cênica que a montagem realinha sua força contemporânea, ressignificando a tragédia através de elementos do terror e da imersão sensorial. No elenco extremamente potente, estão: Christiane Tricerri, Mawusi Tulani e Tenca Silva.

A narrativa se desenrola a partir da violência de Uma Mulher, personagem que, ao preparar um pedaço de carne para o marido, é lançada em uma vertigem alucinatória onde se vê como Cristo, questionando a opressão dos papéis de gênero e sua própria trajetória marcada pela violência. O espaço de cena, a sonoridade e os corpos das atrizes não apenas evocam esse processo de desdobramento psíquico, mas o materializam em uma experiência que transforma a plateia em testemunha e cúmplice desse mergulho no inconsciente.

A coreografia, assinada pela própria Luh Maza, traduz visualmente o cerne da tragédia: um fundo preto-carvão, rasgado explosões de cores, sugere um corte na pele da noite, uma ferida aberta. No palco, essa imagem se concretiza na grande mesa de madeira com seis metros de comprimento, cujo tampo espelhado funciona como um espelho d'água, metáfora da carne fluida e viva. Esse elemento reflete as atrizes e duplica a cena, instaurando um jogo de percepção que reforça a fragmentação da personagem. O espaço cênico, minimalista e simbólico, evoca o confinamento doméstico e o abismo intransponível entre a mulher e o marido ausente, apenas representado por uma cadeira vazia.

A visualidade do espetáculo se constrói a partir de contrastes radicais. O fundo preto-carvão que domina o espaço cênico, uma escuridão densa e absoluta, é subitamente rasgado por explosões de branco, vermelho e azul, criando uma composição de forte impacto sensorial. Essas cores não aparecem de forma aleatória, mas funcionam como signos visuais carregados de significado, instaurando tensões entre pureza e violência, sacrifício e transcendência, fragilidade e força.

O branco, em sua aparição súbita na cena, evoca a santidade e a pureza associadas ao feminino dentro da tradição patriarcal. Mas, no contexto da peça, essa brancura não é angelical, e sim espectral. Ele pode ser visto nos flashes de iluminação que recortam os corpos das atrizes, dando-lhes uma aparência fantasmagórica, como espíritos de si mesmas. Em meio à escuridão, o branco se torna um vestígio de algo que já foi, um resquício de um ideal de mulher que está sendo desconstruído.

O vermelho, por sua vez, é a cor da carne e do sangue. Ele corta o preto como um ferimento aberto, presente tanto no risco horizontal que atravessa o fundo cênico quanto nas nuances de iluminação que pontuam momentos de explosão emocional. Esse vermelho dialoga diretamente com a temática da peça – a carne crua que a personagem prepara para o marido, o corpo feminino que sangra, que é sacrificado, mas também que pulsa em resistência. Se no início essa cor remete à violência, à dor e ao sacrifício, ao longo do espetáculo ela também se transforma em um signo de força, de pulsação vital, de um corpo que se recusa a desaparecer.

O azul, por fim, surge como um elemento inesperado, contrastando com a organicidade do vermelho. Ele não é o azul celestial da redenção cristã, mas um azul gelido, distante, espectral. Esse azul instaura um clima onírico, remetendo à alucinação da personagem e ao universo do sonho – ou do pesadelo. É uma cor que tanto sugere transcendência quanto evoca o frio da morte, do distanciamento, da ausência.

O figurino, assinado por Telumi Hellen e Mari Morais, dialoga com a estética da Era Vitoriana, referência à construção histórica dos papéis femininos. O preto predominante resgata o luto matrimonial da época – era comum que as noivas se casassem de preto –, associando o matrimônio à morte simbólica da mulher enquanto sujeito. A inspiração em Mary Shelley e na literatura gótica feminina adiciona camadas ao jogo de evocação histórica da montagem, aproximando-a de um universo sombrio e espectral.

Com o desenrolar da peça, à medida que a personagem mergulha em sua vertigem de questionamento e dor, o figurino se transforma. A troca para uma camisola branca marca um momento de transição: se, por um lado, o branco sugere pureza e vulnerabilidade, por outro, ele também remete ao corpo exposto, ao sacrifício e à rendição. A camisola é um traje íntimo, caseiro, um símbolo da feminilidade associada à submissão. Mas, na cena, esse branco espectral também pode ser visto como um anúncio de morte, como o sudário que envolve um corpo prestes a desaparecer ou a renascer.

Essa corporeidade se intensifica com o trabalho vocal, que amplia a experiência sensorial do espetáculo. O uso de microfones e do sistema de som surround potencializa o alcance da voz das atrizes, criando uma sensação de que os sons vêm de todos os lados. As falas não são apenas ditas, mas atravessam diferentes registros – do sussurro ao grito, do canto à respiração entrecortada –, compondo uma musicalidade que dialoga diretamente com a trilha-sonora de Bruno Campos. Essa abordagem transforma a voz em um elemento plástico, quase tátil, que envolve o público e reforça a sensação de imersão.

A escolha por uma atuação polifônica, em que três corpos coexistem como um só, fortalece a ideia de que a personagem principal não é única, mas múltipla. A sincronia entre as atrizes na partitura gestual e vocal, com direcionamento de Bruna Longo e Soraya Ravenle, cria um efeito hipnótico, no qual cada uma carrega um fragmento do todo, permitindo que diferentes aspectos da personagem sejam revelados simultaneamente. Essa multiplicação de presenças reforça a intensidade da tragédia, tornando-a não apenas uma experiência intelectual, mas física e sensorial.

Ao ressignificar o sacrifício de Cristo a partir da perspectiva feminina, Carne Viva revela as contradições do patriarcado: enquanto o sacrifício masculino se torna símbolo de redenção, o feminino é apenas silenciamento. No entanto, ao trazer esse corpo ao centro da cena, multiplicado em três presenças, Luh Maza subverte essa lógica. O corpo crucificado não é mais um corpo passivo, mas um corpo que se rebela, que grita, que insiste em existir. A tragédia, assim, se transforma não apenas em denúncia, mas em resistência. A extensa equipe feminina no palco, ao final do espetáculo, revela o poder da carne.

Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador, crítico e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp, onde tem Mestrado em Artes, e jurado de Teatro da APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes e do Prêmio Arcanjo de Cultura

Por fim, a última transformação: o corpo nu. Ao se despir por completo, a personagem se despoja de todas as camadas impostas – os papéis, as expectativas, as marcas da cultura sobre seu corpo. Mas essa nudez não é erótica, tampouco uma libertação simplista. Em meio ao fundo negro e ao jogo de luz e sombra, o corpo nu se torna um corpo crucificado, exposto à vulnerabilidade e à brutalidade do mundo. É o momento em que Uma Mulher não pode mais se esconder atrás de símbolos ou aparências, ela é apenas carne viva, pulsando, sofrendo, resistindo.

A iluminação de Aline Santini adensa essa atmosfera ao apostar em um desenho soturno, com efeitos de luz que remetem ao universo dos sonhos – ou pesadelos. Os recortes luminosos destacam o corpo das atrizes em meio à escuridão, criando uma sensação de que emergem e desaparecem no espaço, um reflexo visual da fragmentação psíquica da protagonista.

Originalmente concebido como monólogo, a obra ganhou um formato polifônico durante sua primeira montagem, quando a atriz sofreu um acidente e precisou dividir a partitura de movimentos com outras intérpretes. Essa solução se tornou uma das marcas da peça: a personagem se multiplica em três corpos femininos, explorando diferentes timbres e ritmos vocais para compor um organismo único. Cada atriz carrega em si a totalidade da personagem, ampliando a complexidade da interpretação e oferecendo leituras variadas sobre o feminino.

Sem o uso de projeções, a sonoridade assume um papel fundamental na criação de atmosferas e sensações. O desenho de som de Malka Julietta faz uso de tecnologia surround, distribuindo caixas acústicas pelo teatro para criar um ambiente tridimensional onde os sons parecem emergir de todas as direções. Esse recurso aproxima a encenação da imersão cinematográfica, tornando o público parte da experiência sensorial do espetáculo.

A trilha sonora original, composta pelo português Bruno Campos, reforça essa ambiência ao mesclar texturas musicais evocativas, inspiradas nos requiems – composições fúnebres que, ironicamente, lembram marchas nupciais. O resultado é uma trilha que não apenas acompanha a dramaturgia, mas se torna um elemento dramático em si, dialogando liricamente com o texto e a mise-en-scène.

A encenação revisita a tragédia sob um viés contemporâneo e a ressignifica ao incorporar elementos do terror e da experiência sensorial. O espetáculo se afasta do teatro documental e dos discursos diretos que predominam na cena atual, apostando na construção de imagens e na fabulação poética para provocar o espectador.

Ao costurar sua narrativa visual com referências históricas, literárias e cinematográficas, Luh Maza cria um teatro que transcende marcadores identitários, sem abrir mão da especificidade da experiência feminina. A peça não oferece respostas ou discursos fechados, mas convida o público a habitar a alteridade da personagem, fazendo do palco um espelho onde ressoam ecos de tantas histórias.

Com um trabalho estético arrojado e uma imersão sensorial pouco explorada no teatro contemporâneo, a obra realinha o lugar de Luh Maza como uma diretora e dramaturga inquirida, capaz de tensionar os limites da cena e propor novas formas de fruição teatral. Uma obra que se escreve e se reescreve a cada apresentação, como a carne viva que pulsa e nunca cessa de sangrar.

A encenação configura-se como uma experiência de deslocamento – tanto da personagem em cena quanto da própria artista em relação à sua obra e identidade. Ao transformar um monólogo em uma narrativa polifônica, Maza cria um espaço em que múltiplas subjetividades coexistem, ampliando as possibilidades de representação e ressignificação da personagem. Essa multiplicação de vozes e corpos não apenas enfatiza a força narrativa do espetáculo, mas também revela o teatro como um lugar de trânsito, onde a própria diretora se reescreve e se reinventa.

Se, no texto original, Uma Mulher experimenta a vertigem de uma crise existencial ao se ver como Cristo e questionar a violência estrutural imposta às mulheres, na encenação essa experiência se desdobra em três corpos. Cada atriz carrega em si fragmentos do todo, compondo um organismo narrativo que não se fecha em uma única perspectiva. Essa escolha dramática cria um jogo de deslocamento interno: a personagem deixa de ser uma para ser muitas, abrindo espaço para diferentes leituras sobre sua trajetória.

Para além da cena, esse processo reflete a própria trajetória de Luh Maza como artista. Mulher, negra e trans, sua carreira é marcada pela necessidade de transitar entre diferentes espaços, seja no teatro, no audiovisual ou na literatura, rompendo com as limitações impostas às narrativas identitárias. Ao encenar pela primeira vez no Brasil um texto que escreveu há mais de duas décadas, Maza retorna a si mesma, mas a partir de um novo lugar, reconfigurando seu olhar sobre sua própria obra e sobre o que significa contar histórias hoje. O deslocamento, portanto, não é apenas temático, mas estrutural.

A força das atuações das três atrizes – Christiane Tricerri, Mawusi Tulani e Tenca Silva – não reside apenas na entrega emocional ao texto, mas na forma como seus corpos e vozes se tornam elementos visuais que constroem a narrativa. O espetáculo não se apoia em projeções ou elementos digitais; sua visualidade nasce da presença cênica e da interação coreográfica entre as intérpretes.

O conceito de Coreografia Dramática, central na encenação de Maza, organiza os movimentos das atrizes como uma partitura física que dialoga diretamente com a dramaturgia. O deslocamento entre a cozinha e a sala de jantar, o uso do espaço ao redor da grande mesa espelhada e a forma como os corpos interagem sem nunca se tocarem reforçam a fragmentação da personagem. Cada gesto é preciso, carregado de tensão e significado, evocando uma dança ritualística que transforma o cotidiano em um campo de batalha simbólico.

Essa corporeidade se intensifica com o trabalho vocal, que amplia a experiência sensorial do espetáculo. O uso de microfones e do sistema de som surround potencializa o alcance da voz das atrizes, criando uma sensação de que os sons vêm de todos os lados. As falas não são apenas ditas, mas atravessam diferentes registros – do sussurro ao grito, do canto à respiração entrecortada –, compondo uma musicalidade que dialoga diretamente com a trilha-sonora de Bruno Campos. Essa abordagem transforma a voz em um elemento plástico, quase tátil, que envolve o público e reforça a sensação de imersão.

LUANDA, ANGOLA

MAIO DE 2023

DOIS NOTÁVEIS FESTIVAIS AFRICANOS DE TEATRO

TWO MAJOR AFRICAN THEATER FESTIVALS

TEXTO TEXT: JOSÉ MENA ABRANTES FOTOS PHOTOS: CEDIDAS COURTESY

Sagazan, e a homenagem póstuma da companhia portuguesa Clara Andermatt ao músico cabo-verdiano Pantera, que deu o título à peça.

Outros destaques foram "A Peste Branca", inspirado num texto

do Centro Cultural Português do Mindelo, dirigido pelo próprio director do Mindelact, João Branco, e "Criatura", da brasileira Bruna Longo, um monólogo sobre Mary Shelley, autora de Frankenstein.

Várias oficinas tiveram lugar no âmbito do Mindelact: uma sobre o corpo do actor, pela brasileira Bruna Longo; outra sobre contadores de histórias, pela brasileira Clara Haddad; outra

representação de 23 países, 82 espectáculos, 12 dos quais em competição oficial, oriundos estes da Argélia, Congo (ausente), Egito, Iraque, Líbano, Marrocos, Palestina, Senegal (país homenageado), Síria, Sudão e Tunísia. Integraram o júri internacional, além da minha pessoa, Leila Toubel, presidente do júri, e Abdelwaheb Mabrouk, representantes da Tunísia, Yussef Al-Hamdan, do Bahrein, Falah Shaker, do Iraque, e Lina Abyad, do Líbano.

O grupo marroquino Akoun Theater foi vencedor do Tanit de Ouro em quatro categorias: melhor espectáculo, melhor encenação, melhor cenografia e melhor actriz (Jalila Talemsi).

"Transfiguration", by French Olivier de Sagazan, and the Portuguese company Clara Andermatt's posthumous tribute to Cape Verdean musician Pantera, whom the play was named after. Other highlights were "A Peste Branca" ("The White Pest"), inspired by a text by José Saramago, performed by the group from the Portuguese Cultural Center in Mindelo, directed by Mindelact director João Branco, and "Criatura" ("Creature"), by Brazilian Bruna Longo, a monologue about Mary Shelley, the author of Frankenstein.

Several workshops took place in Mindelact: one about the actor's body, by Brazilian Bruna Longo;

CAR

In the African edition of the festival, in of ing a go (c non, f (hono and The ir beside ident c Mabro Tunisia Bahrain and Lir Morocco won th

Revista Austral, Março de 2023



de José Mena Abrantes. Para o dia 26, será exibida a peça "Criatura – Uma autópsia", texto, direcção e interpretação da brasileira Bruna Longo. A obra é uma reflexão sobre a vida e obra da escritora britânica Mary Shelley (1797 – 1851), criadora de Frankenstein, considerada a primeira ficção científica da literatura mundial. No dia 27, às 16H00,

acontece a mesa-redonda sobre 'Os Desafios da Criação Teatral na Era Digital', orientada por Gil Vicente Tavares. No mesmo dia, às 19H00, será exibida a peça "Godó, o mensageiro do Vale", Texto e interpretação de Caio Monteiro (Brasil) e encenação de John Mowat. No dia 28, às 16H00, a actriz Bruna Longo ministra a oficina sobre o corpo do actor. No mesmo dia, às 19H00, o festival encerra com a exibição da peça "Jantar de Idiotas", de Francis Veber (França), com encenação de



Deus Ateu

O site Deus Ateu é uma plataforma digital que se relaciona com os mais diversos campos da cultura.

Criatura – uma Autópsia – Por Mariana Ferraz

Publicado em 3 de julho de 2023



O exímio desempenho corporal da atriz, que atribui à encenação de “Criatura – uma autópsia” certa carga de hibridismo performático, oferece ao espectador a impressão de encontrar-se, em diversos momentos, diante de uma das tantas gravuras que representam a chamada Dança Macabra ou Dança da Morte, alegoria literária medieval sobre a universalidade da morte – Criatura – uma Autópsia

Por Mariana Ferraz
@marianaferrazmf

O espetáculo “Criatura – uma Autópsia”, solo idealizado e interpretado por Bruna Longo, é um convite à reflexão sobre a morte, o luto, e a paradoxal e trágica estranheza de estarmos vivos. A partir da obra “Frankenstein ou O Prometeu Moderno”, bem como de fragmentos que narram a biografia de Mary Shelley, autora do romance, Bruna Longo presentifica a delirante solidão de uma mulher que, diante de uma sequência ininterrupta de mortes daqueles e daquelas que compunham seu entorno, decide escrever uma obra sobre a imortalidade.

O exímio desempenho corporal da atriz, que atribui à encenação de “Criatura – uma autópsia” certa carga de hibridismo performático, oferece ao espectador a impressão de encontrar-se, em diversos momentos, diante de uma das tantas gravuras que representam a chamada Dança Macabra ou Dança da Morte, alegoria literária medieval sobre a universalidade da morte. Isto, principalmente, porque ao tratar dos tantos desaparecimentos físicos que povoaram a história de Shelley – com destaque ao de seus três filhos, mas abarcando ainda a de sua mãe, a de seu companheiro, a de sua irmã, dentre outras –, Longo escancara e esmiuça este grande incômodo que reside no debate sobre o fenecimento da vida, suscitando ao público uma insólita e difícil ruminação também acerca da transfiguração do sofrimento em arte: afinal, quantas vezes devemos experimentar a morte para que um romance literário possa nascer?

É mister celebrar, em “Criatura – uma Autópsia”, também a dimensão estética do cenário, da indumentária da atriz, bem como a delicadíssima e acertada iluminação de cena. Destaca-se, ainda, a mobilização de uma expressiva multiplicidade de objetos cênicos – entre bonecos, maletas, espelhos, correntes, etc –, o exercício da narração de algumas partes do texto pela voz off da própria atriz, bem como a revelação de uma acurada e louvável pesquisa, não apenas quanto à trajetória de Mary Shelley e do processo de elaboração de sua obra magna, mas também sobre o contexto histórico britânico de fins do século XVIII e princípios do século XIX – panorama estrutural condicionante da constituição política e subjetiva de Shelley, tanto quanto da soturna alvorada de seu Frankenstein.

Afirmara o poeta Lord Byron, em excerto presente na dramaturgia, que cada um deve escrever a sua história de fantasmas. Se Mary Shelley pôde fazê-lo, oferecendo à literatura mundial seu raconto acerca do solitário padecimento da monstruosidade que dá nome à obra, também a atriz e idealizadora Bruna Longo cumpriu com a instrutiva byroniana por meio da realização do espetáculo “Criatura – uma Autópsia”. Porque para além da morte, da solidão e do sofrimento, há uma conclamação pela exegese do macabro que todos carregamos adentro – que inevitavelmente irradia, pulsa e dificilmente se cala.

“Criatura – uma Autópsia” acaba de encerrar sua temporada no Teatro Cacilda Becker, após ter estado também nos teatros Artur Azevedo e Alfredo Mesquita pelo fomento da 16ª Edição do Prêmio Zé Renato. A circulação do espetáculo seguirá em dois locais a confirmar, na Zona Sul e no Centro de São Paulo. Compareçam: fitar a face do horror é também impreterível.

Mariana Ferraz é escritora, atriz, historiadora e tradutora. Possui graduação e mestrado em História pela Universidade de São Paulo – USP e especialização livre em Arte como Interpretação do Brasil pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP. Frequentou o curso de Atuação da SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco. É performer do Coletivo Ser Alinhado, com o qual realiza intervenções públicas na cidade de São Paulo. Publicou “tantos estados da água” (poesia, Ed. Urutau, 2022), além de múltiplas colaborações acadêmicas e artísticas em livros, periódicos e plataformas de comunicação brasileiras e internacionais.



TUDOMENOSUMACRITICA

Publicações

tudomenosumacritica CRÍTICA CARROSSEL I
Criatura - Uma Autópsia

Estreado em 2019, @espetaculo.criatura, solo de @brunaflongo tensionava as proximidades e distâncias entre a Criatura presente no livro Frankenstein, ou O Prometeu Moderno e a autora da obra, Mary Shelley.

No tensionamento entre criadora e criatura, Longo refletia sobre o que é viver numa sociedade que castra, persegue e aniquila aquilo que é incapaz de compreender - ou que, compreendendo o caráter único de um indivíduo, persegue-o com archotes e ancinhos.

Ao assistir o espetáculo hoje, dentro do projeto MEMENTO MORI/MEMENTO VIVERI, nova pesquisa de Longo, é possível ainda perceber os comentários sociais sobre gênero e classe mas somam-se a eles reflexões agudas sobre a morte e seu poder destruidor e criador.

Sob essa luz, o espetáculo atinge uma nova camada de fruição e oferece outras possibilidades de reflexão e discussão.

O solo deve ter novas apresentações ainda este ano e para maiores informações sobre datas e locais, siga @espetaculo.criatura

CRITICA CARROSSEL

CRIATURA - UMA AUTÓPSIA

BRUNA LONGO



● ● ● ● ● ● ● ●

arquipélago

CRITICA

É INTERESSANTE ASSISTIR A *CRIATURA - UMA AUTÓPSIA* AGORA, TANTOS ANOS APÓS SUA ESTREIA, EM 2019, E VER AS CAMADAS QUE O SOLO DE BRUNA LONGO ADQUIRIU EM SUA CARREIRA, SOBRETUDO AGORA QUE A ARTISTA DESENVOLVE SEU PROJETO MEMENTO MORI / MEMENTO VIVERE



● ● ● ● ● ● ● ●

CARROSSEL

@tudomenosumacritica

É INTERESSANTE PORQUE, SOB ESSA LUZ, *CRIATURA* PODE SER LIDA, TAMBÉM, COMO UMA HISTÓRIA DE FANTASMAS.

FANTASMAS, NO PLURAL, PORQUE AS ASSOMBRAÇÕES QUE PENAM A ENCENAÇÃO SÃO MUITAS: HÁ, EM PRIMEIRA INSTÂNCIA, O HORROR EXPERIENCIADO PELA CRIATURA DE FRANKENSTEIN, UM SER (VIVO?) INCOMPREENDIDO E, POR ISSO MESMO, TOLHIDO, PELA SOCIEDADE DE SEU TEMPO.

HÁ, EM OUTRA CAMADA, O HORROR EXPERIENCIADO POR MARY SHELLEY, PIONEIRA DAQUILO QUE VIRIAMOS A CHAMAR DE FICÇÃO CIENTÍFICA E AUTORA DE UMA DAS PRINCIPAIS OBRAS DE HORROR DE TODOS OS TEMPOS - UMA MULHER BRILHANTE E, POR ISSO MESMO, INCOMPREENDIDA E TOLHIDA PELA SOCIEDADE DE SEU TEMPO.

● ● ● ● ● ● ● ●

CRITICA

HÁ, AINDA, O CORTEJO DE FANTASMAS QUE ACOMPANHA A VIDA DE MARY SHELLEY, TODOS OS MORTOS QUE ELA PRECISOU ENTERRAR, O QUE ELA FEZ COM O LUTO E O QUE O LUTO FEZ COM ELA.



● ● ● ● ● ● ● ●

E HÁ, TAMBÉM, O PRINCIPAL FANTASMA DE QUALQUER HISTÓRIA DE HORROR - E PODE-SE DIZER, DE UMA LISTA IMENSA DE FEITOS DA SOCIEDADE OCIDENTAL - O FANTASMA DA MORTE.

CARROSSEL

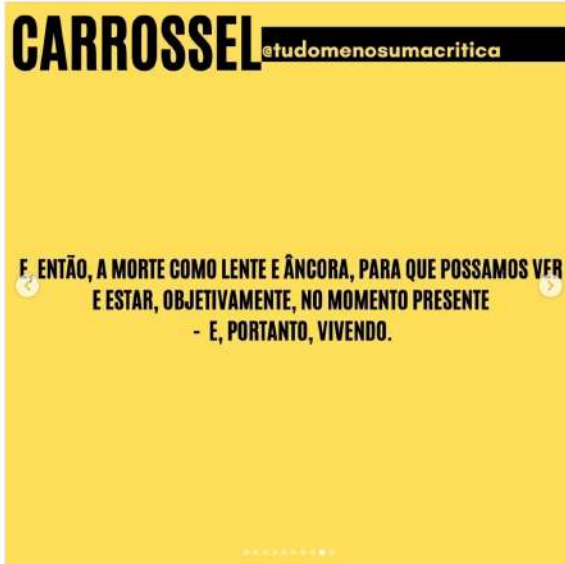
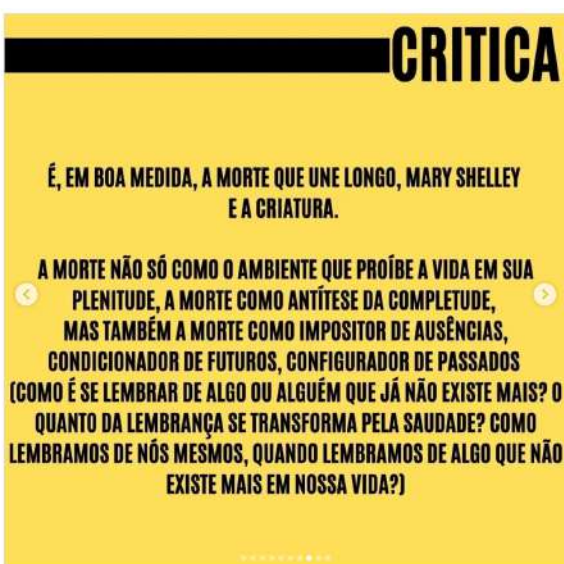
@tudomenosumacritica

O INESCAPÁVEL FIM DE QUALQUER VIDA TERRENA, O TÉRMINO DA EXISTÊNCIA DA NOSSA VIDA E DAQUELES DE QUEM AMAMOS - NÃO IMPORTA O QUANTO AMAMOS - É UM DOS ELEMENTOS FUNDANTES DA NOSSA IDENTIDADE:

DEDE O INSTANTE EM QUE NOS DAMOS CONTA DE QUE MORREREMOS, QUE ESTA É A ÚNICA CERTEZA DA NOSSA VIDA, HÁ SEMPRE ESSA INFORMAÇÃO EM TODA NOSSA EXPERIÊNCIA, É POR ESSA MÉTRICA QUE PERCEBEMOS O TEMPO, QUE PLANEJAMOS O FUTURO, QUE REVEMOS O PASSADO.

NOSSO TEMPO, AFINAL, É BREVE E FUGIDIO, E FAZ PARTE DA NATUREZA HUMANA LIDAR COM ISSO, DE UM JEITO OU DE OUTRO.

● ● ● ● ● ● ● ●



Tudo Menos Uma Crítica, por Fernando Pivotto, instagram: @tudomenosumacritica, 31/07/2023



PALCO 2

O público entra. Instala-se.
Olhares curiosos. As luzes morrem.
No palco, há uma atriz — “criadora e criatura”.

Por Airtón Ramos

Bruna Longo

CRIATURA

O público entra. Instala-se. Olhares curiosos. As luzes morrem. No palco, há uma atriz — "criadora e criatura". A viagem-proposta da peça é uma «fricção entre o romance Frankenstein, Ou O Prometeu Moderno e a vida de sua autora Mary Wollstonecraft Godwin (Shelley).»[1] E o espetáculo irrompe com um grito — que nos inquieta e dilacera. Uma narrativa-peça (des)construída — quão puzzle — sobretudo — sobre ELA e ELE!

Mary Wollstonecraft Shelley nasceu em Somers Town, em Londres, no dia 30 de agosto de 1797. A sua vida é marcada pela sombra da morte. A mãe de Mary morre 10 dias depois do seu nascimento. Em 1814 aos 17 anos, conhece o poeta Percy Bysshe Shelley. Casam-se após a primeira esposa de Percy ser encontrada morta em circunstâncias misteriosas.

Em 1818 o segundo e o terceiro filhos morrem. Em 1822, seu marido morre afogado durante uma tempestade na Baía de La Spezia. Morre aos 53 anos após viver os últimos 10 anos com um tumor cerebral.

E somos conduzidos — sempre e poderosamente — pelo trágico e magnífico universo Mary-Shelleyano. E a dor dela é arremessada em nossa direção: "Órfão é o nome para quem perde os pais? Mas que nome se dá a quem perde os filhos?" Eis "Frankenstein" — despertando — para a vida e para nós. Toca-nos. Ri (connosco). Excitação — Música. Raiva. Medo. Rejeição. Descoberta. Dor. Espanto. Buzinas. Sirenes...

E retorna Shelley — confessando — "sempre convivi com a morte e a vida". E ao leme de tudo está Bruna Longo. Uma atriz que inundou o palco. O bárbaro trabalho físico e emocional. O figurino metamorfoseando entre Shelley e Frankenstein (ou vice-versa). O ambiente. O(s) corpo(s). O riso. As lágrimas. Tudo se via e foi tangível. O teatro é isto — vibração e entrega!

Os adereços — eloquente plasticidade! — (cabeças, bebês, correntes, pá, lâmpadas, baús... — a presentificação do passado)!

E quem será maior — "criadora" ou "criatura"? Poder-se-á vencer a morte?

Imponente — sem dúvida — a obra-prima de Bruna Frankenstein Longo Shelley — e a equipa! O teatro, a obra, a "criadora" e a "criatura" estão vivos e mais presentes do que nunca!



Deus Ateu

O site Deus Ateu é uma plataforma digital que se relaciona com os mais diversos campos da cultura.

Criatura – Uma Autópsia – Por Marcio Tito

Publicado em 22 de julho de 2022



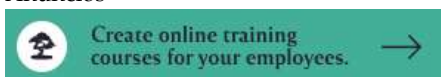
A marca intelectual e estética de uma atriz sensível e entusiasta – Bruna Longo

Por **Marcio Tito** (<http://@marciotitop>)

A melhor e mais eficiente forma de implosão das artes, e sobretudo do teatro, está na redução dos assuntos e na castração de temáticas e estilos – e eis aqui um dos mais importantes acertos da montagem: construir um espaço-tempo radicalmente inscrito nas convenções e na tradição de uma teatralidade nem sempre disponível. Precisamos aplaudir, sempre mais, e mesmo nas capitais, obras teatrais que se inspiram e apresentam, em temas e formas incomuns, teatralidades inesperadas. A “variedade” confirma umas das mais importantes fisionomias do teatro e, sobretudo, do teatro brasileiro.

Muito da linguagem do trabalho aqui elaborado se distribui nos detalhes evidenciados pela boa lida das áreas que determinam o sucesso do material – luz, cenário e atuação. Este trio de instrumentos, orquestrados por uma direção tão vivaz quanto corajosa e segura, com certa economia de procedimentos, baliza cada um dos ângulos da narrativa e faz surgir um expediente cênico e historiográfico que se completa conforme se retroalimenta.

Anúncios



DENUNCIAR ESTE ANÚNCIO

[] Sem necessidade de visitarmos filologias estrangeiras ao material da cena, e sem precisarmos completar com sentidos forasteiros o que o trabalho nos oferta, a fragmentação do texto, que se compreende enquanto fragmento, define também uma percepção: a história humana não se definirá pela lembrança, mas sim pela memória. O culto aos ocorridos, sob a luz de renovadas ideias de civilização e ordem, deve ocorrer para que juntos possamos reaver e resignificar as contribuições do passado. A lembrança, inscrita em sujeitos, parece manipulável demais e etérea demais...

Uma mulher, mãe, órfã de uma mulher suicida, no contexto de sua maternidade, atravessada por situações de violência e morte em família, escreveu um livro. E dentre outras filosofias possíveis, diante do trabalho que automaticamente comenta e encara o machismo, e que tivera sua primeira edição publicada sob a pena da “autoria desconhecida”, me ocorreu imaginar o seguinte – se haveria sucesso na contação desta grande história escrita por Mary Shelley, fosse a protagonista uma “Rose” ou uma “Molly” Stein? E que grande história o ocidente perderia, caso Mary Shelley tivesse assinado o original?

A história de uma médica que formula uma mulher monstruosa à partir do cadáver de uma série de outras mulheres. Tudo isso aos 18 anos. Em 1800.

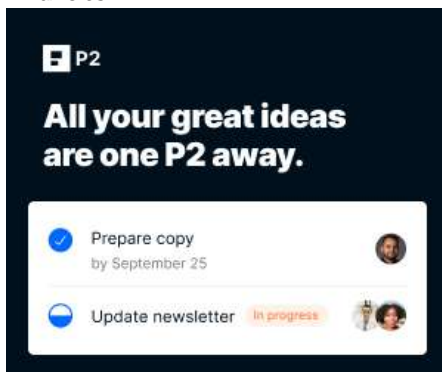
Sabemos a resposta...

Anexo:

Sou um homem deste tempo, inscrito no que já chamamos século 21, no contexto de um país que, embora imperfeito, se mostra na vanguarda de debates socialmente polifônicos e quase sempre tão legítimos quanto honestos e inclusivos. É deste lugar que me dedico na observação do que a arte tem dito e podido dizer.

Diante de uma mostra com agenda feminina e orquestrada por mulheres artistas, numa noite em uma das geografias mais violentadas da cidade, visitar de modo cênico a memória de uma artista que, de certo, não pôde produzir em um terço do que certamente teria pulsão para, e que não pôde nem mesmo assinar o pouco que chegara a ver no mundo, o que e quanto nos diz uma mostra como a Mostra Solos de Mulheres?

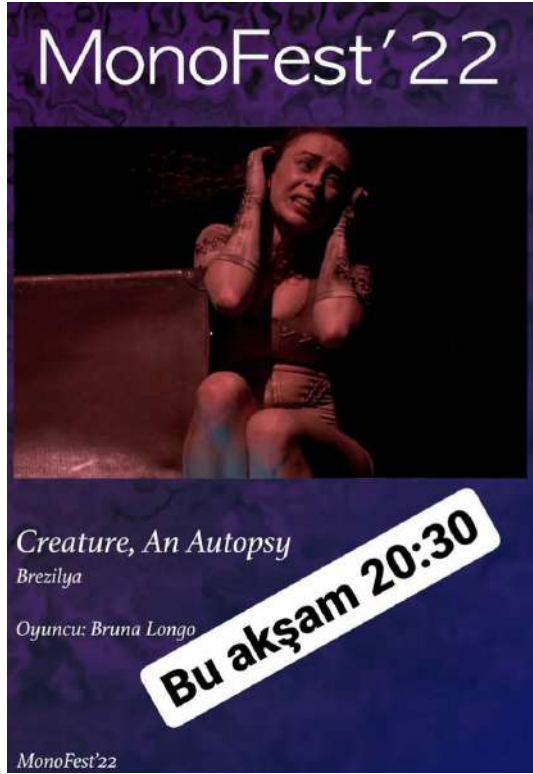
Anúncios



[DENUNCIAR ESTE ANÚNCIO](#)

E podemos imaginar como este movimento será percebido no ano de 2122?

Hoje, com todos os convites que o contemporâneo traz, quantos e quantas serão verdadeiramente capazes de compreender a grande e sintomática mudança das estruturas da ciência, das artes, do pensamento e da vida?



MonoFest'22

5. ULUSLARARASI TEK KİŞİLİK OYUNLAR FESTİVALI

23 - 28 AĞUSTOS 2022

tiyatromedresesi.org [tiyatromedresesi](#) [themedrese](#)

Fragile - Fransa
Birth Preparation Course - Kanada
Dreams of Hamlet - Rusya
Sabre - Avustralya
Creature, an Autopsy - Brezilya
was? wenn nichts wird aus mir - Avusturya
Lola Montez - Sırbistan
Birding - Yunanistan
Poro - Almanya
Hans Schmier - İtalya

Workshop: *The Dilated Body: Training for Actors*
Workshop: *Jinen Butoh (Live music by Gerardo Vitale)*
Workshop: *Commedia dell'Arte*
Workshop: *Body / Objects-Material*

Seminer: *Tragedya - Ferda Keskin*

Konser: *Serhan Erkol*

Projeto Anônimo Muitas Vezes Foi Mulher Espetáculo Criatura, Uma Autópsia 2021

Caderno2

Dirceu Alves Jr.
ESPECIAL PARA O ESTADO

Foi no carnaval de 2020 a última festa antes de o mundo se fechar por causa da pandemia. Centenas de pessoas se espalhavam por uma rua de Santa Cecilia até uma chuva torrencial amesquar a folia. "Vamos dar um tempo lá em casa, aqui pertinho, pelo menos até a tempestade parar", disse a atriz Bruna Longo aos animados amigos. Em meio ao grupo, estavam as atrizes Erica Montanheiro e Camila dos Anjos, que, assim como Bruna, estrearam meses antes monólogos em torno de figuras femininas confrontadas com uma sociedade opressora. "Erica e Camila, por que a gente não une forças, junta nossos espetáculos e pensa em uma temporada coletiva?", provocou Bruna, entre copos de tequila e latínhas de cerveja.

O projeto *Anônimo Muitas Vezes Foi Mulher* reúne três solos femininos, concebido e protagonizado por Bruna, *Inventário*, escrito e interpretado por Erica, e *Quebra-Cabeça*, criado por Camila com base em sua história pessoal. Em comum, eles tratam de um trio de artistas, a escritora Mary Shelley, a escultora Camille Claudel e a própria Camila, que, nos séculos 19, 20 e 21, respectivamente, foram oprimidas em seus atos criativos e, muitas vezes, silenciadas em suas identidades.

Em versões filmadas, os espetáculos da trilogia estreiam nesta sexta, 2, e ficam em cartaz até 19 de setembro, ocupando o YouTube dos teatros Cacilda Becker, Arthur Azevedo, João Caetano e Alfredo Mesquita a cada três semanas. *Criatura, uma Autópsia* é o destaque de sexta (2) e sábado (3), às 21h, e domingo (4), às 19h, no YouTube.

Trilogia, 'Criatura, uma Autópsia', concebido e protagonizado por Bruna, 'Inventário', escrito e interpretado por Erica, e 'Quebra-Cabeça', criado por Camila



ELAS NÃO FICAM EM SILÊNCIO

Em três solos teatrais, as atrizes Erica Montanheiro, Bruna Longo e Camila dos Anjos dão voz a mulheres oprimidas

be do Cacilda Becker, sendo substituído na próxima semana por *Inventário* e, a seguir, *Quebra-Cabeça*. Os ingressos, gratuitos, devem ser reservados na plataforma Sympla.

Bruna, de 42 anos, parece dis-

posta a derrubar projeções machistas com a parceria. "É preciso acabar com essa falácia de que mulher é competitiva. A gente se ajuda o tempo todo e estamos aqui somando forças", defende. Em *Criatura, uma Au-*

tópsia, a artista funde fragmentos do romance *Frankenstein ou O Prometeu Moderno* e elementos biográficos da inglesa Mary Shelley, que escreveu a obra-prima antes dos 20 anos e teve a autoria questionada.

A atriz, um pouco indignada, conta que até hoje existem correntes acadêmicas que sustentam a possibilidade de o filósofo e poeta Percy Bysshe Shelley, marido de Mary, ter escrito o livro. "É irritante isso, fui a Oxford, li os diários, peguei em minhas mãos os originais do livro e está lá a letra dela, com uma ou outra observação do Shelley anotada", comenta a atriz. "Não existe nada de anormal em ele, sendo um poeta, ter sido o seu primeiro leitor."

É PRECISO ACABAR
COM ESTA FALÁCIA
DE QUE MULHER É
COMPETITIVA

O encanto de Erica, de 43 anos, por Camille Claudel vem do tempo em que morou na França nos anos de 2000, e também acompanhado de uma revolta. "Fiquei atravessada quando descobri que aquela

mulher talentosa, cheia de atitude, passou 30 anos alienada do mundo, presa em um sanatório, depois de viver à sombra do irmão e do amante", afirma a atriz, em referência ao poeta Paul Claudel e ao artista plástico Auguste Rodin.

Inventário começa com Erica envelhecida, caracterizada para a fase final da vida da escultora, perto de sua morte, e, em um clima fantástico, ela vai gradualmente rejuvenescendo ao longo do espetáculo, como se devolvesse a liberdade à personagem. "Acho que dessa forma eu mevingo um pouco pela Camille porque também, várias vezes, reclamo minha liberdade aos gritos", justifica Erica, que contou com a direção de Eric Lenate na montagem.

Diferentemente de Mary Shelley e Camille Claudel, Camila dos Anjos, de 35 anos, não foi sufocada diretamente por uma figura masculina. "Talvez a indústria cultural responda pelo papel do opressor. Ela quis me definir, mas eu não deixei", explica. Em *Quebra-Cabeça*, a intérprete conjuntamente olha para a própria trajetória, de artista-mirim que, na vida adulta, reavalia o tamanho da vocação e o real prazer naquele ofício.

Na infância, Camila já estrelava diversos anúncios publicitários e, adolescente, conheceu a fama no elenco do seriado *Sandy & Junior*, da Rede Globo, emplacando na sequência algumas novelas e matérias nas revistas. "Eu perdi um tempo que não volta, mas aprendi como funcionam os mecanismos da minha profissão", reconhece. "Sabendo desse meio, entendi qual é meu lugar, a importância do teatro, da dramaturgia, algo que muitas atrizes de televisão talvez não tenham descoberto até hoje."

ENTREVISTA REALIZADA POR DIRCEU ALVES JR. PARA O ESTADO DE SÃO PAULO. FOTOS: JEFFREY M. PEREIRA

P pressreader

BRUNA LONGO – 2020



INÍCIO AGENDA CULTURAL » FILMES » LITERATURA » LIVROS » MÚSICA PERFIL » TEATRO » TELEVISÃO » VARIEDADES » RESENHANDO.COM »

Seções

- Agenda
- Artigos
- Contos
- Crônicas
- Entrevistas
- Gastronomia
- Literatura
- Música
- Novela
- Promoção
- ResenhandoIndica
- Resenhas de filmes
- Resenhas de livros
- Seriado
- Shows
- Teatro
- Tecnologia
- Televisão
- Turismo

Translate

Select Language

Precisa de um texto? Encomende!

[Home](#) » [Resenhando](#) , [ResenhaRápida](#) » .: #ResenhaRápida com Bruna Longo, atriz: "Tudo me inspira"

.: #ResenhaRápida com Bruna Longo, atriz: "Tudo me inspira"

quarta-feira, maio 13, 2020

[Sem Comentários](#)



Por [Helder Moraes Miranda](#) e [Mary Ellen Farias dos Santos](#), editores do [Resenhando](#).

Bruna Longo é uma mulher aguerrida não só pela trajetória brilhante, mas pela força das personagens que representa. Atriz, pesquisadora corporal, dramaturga, a trajetória dela fala por si só: é uma artista multifacetada. Mestre em Movement Studies pela Royal Central School of Speech and Drama - University of London, no Reino Unido.

Atuou e dirigiu diversas peças teatrais. No ano passado, protagonizou o espetáculo "Criatura, Uma Autópsia", fruto de dois anos de pesquisas dentro e fora da sala de ensaio. É também preparadora corporal e diretora de movimento,

Buscar...

.: Mais lidas .:



.: #ResenhaRápida: Rafael Cortez, poeta e humorista, prepara "Antivírus"



.: Seu Jorge & Daniel Jobim em live em homenagem ao Dia das Mães



.: #ResenhaRápida: Sergio Marone estreia "Só Coisas Boas"



.: Resenha de "Estrelas Tortas", de Walcy Carrasco



.: Uma mensagem para o Aldir Blanc, um relato emocionado de Luiz Otero



.: #ResenhaRápida: Tudo sobre Gabriela Saadi, a nova estrela de "Poliana"

.: #ResenhaRápida com Pat Barreto, a advogada de alma musical



.: Tudo sobre "Nove Histórias", o livro que redefiniu a arte do conto



.: Análise da letra musical de "Alegria, Alegria", de Caetano Veloso



.: Jornalistas criam série documental pelo celular sobre Covid19

CRIATURA, UMA AUTÓPSIA – 2019

profanar túmulos, imaginar vidas

reflexão crítica de amilton de
azevedo sobre "Criatura, uma
Autópsia", de Bruna Longo

ruína acesa
maio.acesa Sep 19 · 4 min read

[com colaboração de Andréa Martinelli na
edição]



cenário com Kleber Montanheiro e ter
Larissa Matheus colaborando com os
objetos.

Surge uma relação interessante na
construção de monólogos que partem de
anseios pessoais. A artista cerca-se de
provocadores e colaboradores para nutrir
o trabalho com um olhar de fora, mas sem
perder a total autonomia da criação. Para
além de qualquer valoração, o resultado é
fruto dos desejos e caminhos definidos
pela pessoa que concebeu o projeto.

Em *Criatura, uma Autópsia*, Longo
estrutura o solo principalmente sobre uma
dramaturgia física, mesmo que haja uma
densa textualidade. A fisicalidade da
encenação se evidencia quando a atriz se
torna a criatura de Frankenstein.
Intérprete hábil, constrói a trajetória de
toda uma existência angustiada sem usar
palavras. Porém, este dado já está

Frankenstein. Curioso pensar que este
nome remete, muitas vezes, à criatura e
não ao criador. A história escrita por Mary
Shelley, muito conhecida e talvez pouco
lida, é ponto de partida para *Criatura,
uma Autópsia*, de Bruna Longo. O
programa do espetáculo contextualiza não
apenas a pesquisa de Longo, mas também
a vida de Shelley e sua obra *Frankenstein
ou o Prometeu Moderno* e apóia a recepção
da peça

O processo criativo iniciou-se pelo
interesse de Longo na solidão da criatura.
A artista viu os rumos de seu trabalho se
transformarem ao entrar em contato com
a biografia de Shelley — ela teve acesso
aos manuscritos originais da autora e de
sua família, guardados na Universidade de
Oxford. O projeto é absolutamente
autoral: a atriz assina concepção,
dramaturgia e trilha, além de dividir o

relação ao espaço — e fundamentalmente
nas ações com os objetos — que comporta
uma intrincada narrativa.



Bruna Longo em "Criatura, uma Autópsia" / foto:
Danilo Apoena

No tensionamento entre vida e obra,
emerge como central a relação de artistas
com o mundo que os circunda. Assim
como em *Frankenstein*, a busca da criação
— aqui artística — também se relaciona
com criar vida a partir das perdas.
Criatura sobrepõe biografia, invenção e

romance na reflexão acerca dos túmulos que profanamos constantemente.

O mundo pode ser visto como um cemitério de lembranças. Lugares e momentos muitas vezes se enterram em nossas memórias e podem ser evocados ou evitados. Na arte, muitas vezes, não é possível fugir do que nos constitui. Shelley, na introdução de uma edição de *Frankenstein*, questiona-se sobre como uma garota tão jovem pode escrever algo tão terrível — ela tinha apenas 19 anos à época. O olhar inquieto e aprofundado de Longo sobre sua biografia permite que *Criatura* sugira hipóteses.

A mãe da autora, Mary Wollstonecraft, uma das vozes de um movimento feminista ainda emergente no norte do mundo, veio a falecer dez dias após o parto. Desde o nascimento, a vida de Mary

No cenário de Longo e Montanheiro, uma diagonal é estabelecida pelo contorno de duas correntes. A delimitação do espaço potencializa os momentos em que a atriz transgredir esses limites. Para além de ações específicas, porém, há outras em que a corrente parece ser algo demasiado simples de ser atravessada, o que gera certo ruído.

Nas pontas da diagonal, constroem-se dois nichos. Ao fundo, parecem acumular-se os materiais da vida de Shelley. Representações de suas dores, pulsões e perdas. Na frente, os instrumentos; entre o rudimentar, o místico alquímico, a pena e o papel, as possibilidades de criar vida. A trilha, que também é concebida por Longo, apresenta-se às vezes como uma sonorização perturbadora.

Shelley foi acompanhada e cercada da morte. O espetáculo de Longo passeia por estas histórias, entre diários, trechos de *Frankenstein* e poucas inserções da atriz. Neste sentido, é bem-vindo o subtítulo *uma Autópsia*.

Não se trata de obra biográfica, tampouco se narra a — complexa — história do romance. *Criatura* se localiza neste lugar de busca; da relação entre doutor e criatura, criador e criação. Assim, no trânsito entre as camadas da narrativa, por vezes alguns dados podem não ser compreendidos de imediato — momentos específicos podem gerar certa confusão, mas nada que interfira na relação do público com o espetáculo.

Criatura, uma Autópsia faz poucas concessões ao espectador. O silêncio inicial, o uso das narrações em *off* e um importante dar-se o tempo para as explicações — ou contextualizações. Há muito do não-dito na dramaturgia, da solidão, da morte; das formas de se lidar com as dores inomináveis do mundo. A arte, essa criatura que muitas vezes não pede para nascer, segue buscando seus caminhos.



incandescência [retrospectiva 2019]

amilton de azevedo reflete sobre os espetáculos apresentados na cidade de São Paulo que se destacaram no último ano

ruína acesa [Follow](#)
Dec 27, 2019 · 9 min read

[com colaboração de Andréa Martinelli na edição]



"Fim", "Black Brecht", "Stabat Mater", "A Neve ou Fora de Controle", "Quando eu morrer vou contar tudo a Deus", "MDLSX", "(IN)JUSTIÇA", "Há dias que não morro": alguns dos destaques do 2019 teatral.

SOLOS

Em *57 Minutos — o tempo que dura essa peça*, apresentado no Parlapatões, o carismático Anderson Moreira Sales atua, dirige e assina a dramaturgia (que parte de *Ulysses*, de James Joyce) no monólogo que versa sobre as grandezas e miudezas que cabem na fragmentação de um dia.

Também partindo de inspirações literárias, *Hipocôndrio*, no Pequeno Ato, com a interpretação muito bem construída de Lucas Heymanns, traz uma figura angustiada em busca de mecanismos de salvação — o personagem baseia-se no protagonista de *Doutor Fausto*, de Thomas Mann.

Em outro trabalho de grande precisão da intérprete, Bruna Longo intersecciona a vida de Mary Shelley e seu *Frankenstein* em *Criatura, uma autópsia*, na Oficina Cultural Oswald de Andrade. No texto da encenação, trechos dos diários da autora, de sua obra e registros de pessoas próximas; salta aos olhos a dramaturgia física construída por Longo.

Nicole Marangoni constrói *Eu/Telma*, apresentado em uma sala do Teatro Aliança Francesa, dentro da seara da autoficção, propondo uma personagem cuidadora de idosos que parte de sua experiência com cuidados paliativos — e do processo da perda de seu pai. Uma encenação inteligente e delicada.



GERAL CLIPPING MEMÓRIAS REFLEXÕES MINHAS SUGESTÕES
O QUE ESTOU LENDO PERSONAGENS PARA A IMPRENSA



Início → GERAL → ESPECIAL: Os melhores do teatro em 2019 (até agora)

A crítica Kyra Piscitelli, do Prêmio Aplauso Brasil e da APCA, também elencou dois atores e duas atrizes como revelações do ano. Segundo a crítica, as atrizes que brilharam em 2019 foram **Nicole Marangoni** e **Bruna Longo**. Sobre o trabalho de Nicole, Kyra afirma que a atriz “transformou suas vivências com o luto de seu pai em um projeto teatral solo, autoral e forte, encenado em uma sala de aula da Aliança Francesa do centro”. “Eu/Telma” não teve direção e sim mentoria de mulheres consagradas do teatro: Evinha Sampaio, Janaína Leite, Naiene Sanchez e Rhena de Faria”.

A respeito de Bruna Longo, Kyra destaca que “com carreira

consolidada, colocou o próprio projeto em cena pra experimentação do público e depois temporada na Oswald de Andrade. ‘Criatura, Uma Autópsia’ é símbolo dos nossos tempos, em que os atores têm se lançado mais em projetos solos, autorais, com recursos próprios no resumo ‘se eu não fizer, não farão por mim’”.

Palco Paulistano

Pontos de vista de um espectador... Por José Cetra

domingo, 1 de setembro de 2019

CRiATURA – UMA AUTÓPSIA



O artista que muito jovem escreve sua obra prima fica marcado por ela pelo resto de sua vida. Com Mary Wollstonecraft Shelley (1797-1851) não aconteceu diferente. Ela tinha apenas 21 anos quando escreveu Frankenstein e essa é a obra pela qual ela será sempre lembrada. Apesar de muito jovem Mary já tinha uma experiência de vida e já havia perdido dois filhos, mesmo assim é surpreendente pensar em sua imaginação ao criar personagem tão monstruoso.

Bruna Longo concebeu um espetáculo onde coloca frente a frente criadora e criatura e em apenas uma hora dá ao espectador uma boa ideia da vida de Mary Shelley e de seu personagem mais famoso. Pequenininha em tamanho, Bruna se agiganta em cena colocando seu corpo e sua límpida dicção (como é bom entender cada sílaba que o ator diz!) a serviço de seus personagens. Contribuem para o sucesso da empreitada a lúgubre ambientação cênica criada pela atriz e por Kleber Montanheiro; assim como os adereços que compõem a cena trazidos também por Bruna com a colaboração de Larissa Matheus; a precisa

iluminação de Rodrigo Silbat e a poderosa trilha sonora escolhida também por Bruna. Todos esses elementos harmoniosamente somados oferecem a moldura perfeita para a intérprete que transitando entre o criador e a criatura mostra pleno domínio de cena e oferece ao espectador uma marcante interpretação com base no assim chamado teatro físico.

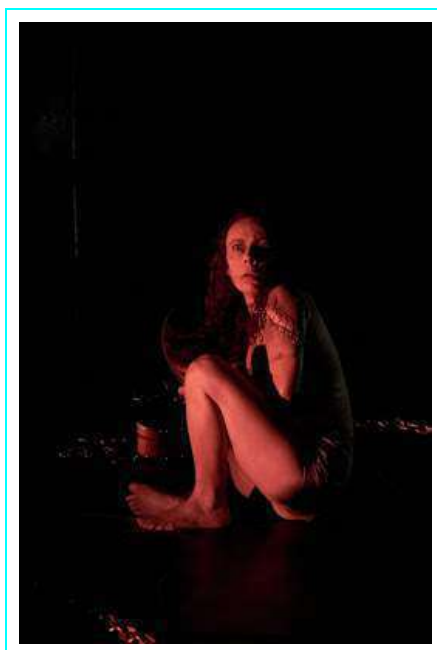


Foto de Danilo Apoena

Para quem não conhece detalhes da vida de Mary Shelley a primeira parte da peça pode soar confusa, principalmente pelo fato de uma parte da história ser narrada em off e outra pela atriz em cena. Uma leitura prévia do texto incluso no programa ajudaria, mas o mesmo só é entregue quando se entra na plateia.

CRIATURA – UMA AUTÓPSIA encerrou sua temporada na Oficina Cultural Oswald de Andrade no dia 31/08, mas fará **QUATRO SESSÕES EXTRAS** no mesmo local no mês de setembro. Fique de olho nas datas e horários (Telefone: 3222-2662)

Alegoria do fanatismo é narrada em tom de HQ

'Os 3 Mundos', texto teatral dos quadrinistas Fábio Moon e Gabriel Bá, trata de manipulações em mundo distópico



Thiago Amaral (à dir.) como Acônito, líder do Mundo das Máscaras, no espetáculo 'Os 3 Mundos'

Ligia Jardim/Divulgação

Maria Luísa Barsanelli

SÃO PAULO Durante oito anos, Paulo Picarelli integrou um culto. Envolveu, entre outros, o consumo de ayahuasca, mas um mau uso da bebida alucinógena, diz a atriz. Com o tempo, sentiu que os rituais eram manipulações mascaradas.

A experiência ela narrou de modo crítico no livro 'Seta' (ed. Planeta), mas também rendeu outros frutos. Mesclou-se ao kung fu, que ela pratica há 20 anos, e a uma leitura de 'Q84', romance do japonês Haruki Murakami em que duas narrativas se cruzam.

Acabou dando origem a uma peça, uma distopia narrada em linguagem de quadrinhos. 'Os 3 Mundos', que agora estreia em São Paulo, resume os universos de interesse de Picarelli. Discute o fanatismo que ela vivenciou, é repleto de cenas de artes marciais e reúne os planos de Murakami.

Para escrever a peça, convidou os quadrinistas Fábio Moon e Gabriel Bá, que fazem seu primeiro texto para o teatro. A história se passa num futuro apocalíptico, em que convivem dois grupos. Acônito (Thiago Amaral) usa do medo e da violência para domi-

nar o Mundo das Máscaras.

Já o Grupo da Serpente, espécie de scia nos subterrâneos do metrô, é formado por praticantes de kung fu. São liderados por Lachesis, papel de Picarelli — a atriz machucou o joelho antes da estreia e será substituída por Bruna Longo no início da temporada.

Aos poucos, vão caindo as bases desses mundos. "Nenhum dos grupos representa uma ideologia específica, há elementos de esquerda e direita nos dois", diz Picarelli. "Mas nos fazem pensar sobre essa vontade de controle, essas formas de angariar fiéis e

de manipular as pessoas, tanto pelo medo quanto pela fé."

A encenação é toda feita dentro de uma caixa cênica, como esses mundos estivessem presos numa realidade.

Há uma tela no fundo e na frente do palco, onde é projetado o cenário, feito em animação. Foi criado pelo Estudão Bija-Ri (de 'Adeus, Palhaços Mortos!') e conta com desenhos do quadrinista Guazzelli.

O Mundo das Máscaras, por exemplo, é como um labirinto salpicado de ruínas de uma cidade. À medida que os atores se movimentam, detalhes dos desenhos se mexem com eles,

como se elenco e animação interagissem. Já os subterrâneos do metrô são atravessados pela passagem dos trens.

Os planos também são alterados — como nos diferentes quadros das HQs. Se num momento assistimos a uma luta de um ângulo, num outro o desenho inverte o ponto de vista, e os atores acompanham a mudança de posição.

Há ali uma série de referências pop, como a cidade futurista de 'Metropolis' ou os filmes de Bruce Lee. Já a linguagem oral foi inspirada na repetição do fado indígena, explica Fábio, que partiu do li-

vro 'A Queda do Céu', do xamã Davi Kopenawa e do antropólogo Bruce Albert.

Mesmo envolvidos em uma animação, os atores trazem interpretações realistas, num tom de tragédia, explica o diretor Nelson Baskerville. Uma forma de aproximar a história à realidade. "É uma teoria totalmente plausível, muito próxima dos problemas que a gente está vivenciando."

Os 3 Mundos

Teatro do Sesi - Centro Cultural Fiesp, av. Paulista, 1.313. Qui a sáb, 11h, 18h, 20h, 21h. R\$ 16/12. Grátis (reservas pelo site: org.br/mou-3m). 14 anos

OPERA DO MALANDRO – 2014

Publicado em 06/08/2014 às 17h06

“Minha Geni é bandida como Madame Satã”, diz Kleber Montanheiro que estreia Ópera do Malandro

Recomendar < 1

Twóot 26

8 1 0

Tags: bob souza, ccbb, chico buarque, cia da revista, geni, kleber montanheiro, ópera do malandro, r7, reportagem, teatro

1 Comentário

Fotos BOB SOUSA

Diz a letra da canção que Geni é boa pra apanhar, boa pra cuspir e, claro, que ela dá pra qualquer um. A personagem maldita de *Ópera do Malandro* volta a ganhar vida nos palcos paulistanos a partir desta quinta (7) no CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil), na montagem da Cia. da Revista para o espetáculo criado em 1978 pelo hoje setentão Chico Buarque de Holanda.

Cabe ao diretor da trupe, Kleber Montanheiro, que deu ar atemporal à encenação, viver a polêmica personagem travesti. Ele diz que sua Geni “é mais marginal, mais bandida”.

Conta que se “inspirou livremente em Madame Satã”, o emblemático boêmio carioca que nos cinemas foi vivido por Lázaro Ramos. Assim, sua Geni é mais barra pesada. Não é feminina, mas “andrógina”, com a personagem transitando entre “a masculinidade e a leveza feminina”, define.

Ao todo, no palco, estão 18 atores — 13 da companhia e cinco convidados — e 16 canções executadas. Flávio Telezani vive o malandro Max. O grupo conta que o excesso de preto no figurino é homenagem a estilistas potentes como Jean Paul Gaultier, Alexander McQueen e Coco Chanel.

Além de Montanheiro e Telezani, no elenco de *Ópera do Malandro* ainda estão Heloísa Maria, Adriano Merlini, Natália Quadros, Pedro Henrique Carneiro, Pedro Bacellar, Paulo Vasconcelos, Gabriel Hernandez, Gabriela Segato, Daniela Flor, Bruna Longo, Lúzia Torres, Nina Hotimsky e os convidados Gerson Steves, Erica Montanheiro, Alessandra Vertamatti e Mateus Monteiro.

Os atores cantam ao vivo, acompanhados pelos músicos Gabriel Hernandez (violão), Nina Hotimsky (acordeom), Demian Pinto (piano), Chico Filho (sax) e Beto Dodré (percussão).

Após cumprir a curta temporada de 22 sessões de quarta a segunda no CCBB, na Sé, o musical irá para a nova sede da Cia. da Revista, na alameda Nothmann, 1.135, no bairro de Santa Cecília, centro paulistano, onde estreia em 13 de setembro.

Estética brasileira

O diretor do CCBB-SP, Marcos Mantoan, declara que a montagem segue o fluxo de musicais nacionais no espaço, que já abrigou *Vingança*, com músicas de Lupicínio Rodrigues, e vai ser palco, no segundo semestre, de musicais sobre Cássia Eller e Odair José. Ele diz que o objetivo é “valorizar a cultura e a estética brasileira”.

Mesmo estreando *Ópera do Malandro*, a Cia. da Revista já prepara novo espetáculo: *Reconstrução*, que estreia em 18 de setembro em sua sede.



Elenco de *Ópera do Malandro* ocupa o palco do CCBB-SP até o fim do mês - Foto: Bob Souza

Ópera do Malandro

Quando: Quarta a sábado, 20h; domingo, 19h; segunda, 20h. 150 min. Até 31/8/2014 (Não haverá peça nos dias 25 e 27/8)

Onde: CCBB-SP (r. Álvares Penteado, 112, Sé, São Paulo, tel.0/xx/11 3113-3651)

Quanto: R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia-entrada)

Classificação etária: 12 anos

Curta nossa página no Facebook!

Crônicas de Cavaleiros e Dragões – O Tesouro dos Nibelungos - 2013

Crônicas de Cavaleiros e Dragões - O Tesouro dos Nibelungos

Publicada em: 20/03/2013

Trata-se de grande produção, com 9 atores, dragões que sobrevoam a plateia e soltam fumaça



Pela primeira vez, Tatiana Belinky, troféu Joca Pato 2012, uma das mais importantes escritoras infanto-juvenil contemporâneas, tem um livro adaptado para o teatro. Para comemorar o aniversário da autora que completa 94 anos, Crônicas de Cavaleiros e Dragões - O Tesouro dos Nibelungos estreia no Teatro do Sesi-SP dia 20 de março, quinta-feira, às 21 horas, com direção de Kleber Montanheiro.

A saga do herói Siegfried e suas conquistas de dragões, tesouros e amores é uma das mais marcantes lendas medievais do mundo. Trata-se da famosa epopeia germânica, escrita por volta do século 13 e ambientada em meados do século 4 d.C. O mito

nórdico - que originou histórias como O Senhor dos Anéis - também inspirou Tatiana Belinky na obra A Saga do Siegfried – O Tesouro dos Nibelungos, escrito em 1993 e que agora é adaptado para o teatro por Paulo Rogério Lopes.

No mesmo elenco os atores Ricardo Gelli, Natália Quadros, Rogério Brito, Luiza Torres, Adriano Martini, Nílves Diegues, Jozé Campos, Daniela Flor, Bruna Longo. Cenário e figurino são de Carlos Colabone. Iluminação de Kleber Montanheiro, trilha sonora de Aline Meyer, criação e confecção de bonecos de Márcio Pontes e direção de manipulação de bonecos de Henrique Silchin. Idealização, pesquisa e produção de Deborah Corrêa e Eider Fraga.

Nascida na Rússia, em São Petersburgo, no dia 16 de março de 1919, Tatiana Belinky chegou ao Brasil aos 10 anos de idade. Recebeu a cidadania brasileira e está radicada em São Paulo há mais de oitenta anos. Em toda sua longa e frutífera carreira, a autora - que iniciou a partir de 1972 com crítica de literatura infanto-juvenil e de teatro - tem mais de 250 livros publicados entre textos próprios, adaptações e traduções de clássicos, histórias do folclore brasileiro, textos para dramatização e literários (poemas, contos, do cinco versos, geralmente sobre coisas ou situações enigmáticas).

Sinopse

Inquieto com a vida pacata da corte, o príncipe Siegfried viaja pelo mundo em busca de aventura e conquistas. Na trajetória para se tornar herói, o jovem nobre ganha um anel do anão ferreiro, recompensa recebida por ter matado o dragão. Ao perceber que o monstro não escondia o Tesouro dos Nibelungos, o anão lança uma maldição sobre Siegfried.

A partir de então, o príncipe envolve-se em aventuras fantásticas: doma cavaleiros selvagens, quebra o feitiço de uma princesa adormecida, elimina o dragão guardião do Tesouro dos Nibelungos, desperta a filha de vilões e vence batalhas para conquistar sua amada.

Dragões e criaturas fantásticas

São três bonecos em cena. O primeiro é um dragão da floresta, que solta "fumaça", de asas curtas e corpo mais pesado (com 5,5 metros de comprimento e 35 quilos). O segundo é um dragão da montanha, com asas mais longas e um corpo sinuoso (com 7 metros de comprimento e 20 quilos). E o terceiro é o cavalo (3 metros de comprimento e 2 de altura, com aproximadamente 20 quilos), um

porcel indomável, em que Siegfried cavalga.

FICHA TÉCNICA

Autores: Tatiana Belinky. Ideia e Pesquisa: Deborah Corrêa e Eider Fraga. Adaptação: Paulo Rogério Lopes. Direção: Kleber Montanheiro. Direção de Manipulação: Henrique Silchin. Elenco: Ricardo Gelli, Natália Quadros, Adriano Martini, Luiza Torres, Rogério Brito, Nílves Diegues, Jozé Campos, Daniela Flor, Bruna Longo. Cenário e Figurino: Carlos Colabone. Iluminação: Kleber Montanheiro. Trilha Sonora original: Aline Meyer. Criação e confecção dos bonecos: Márcio Pontes. Assistência de Direção: Heloisa Maria. Fotos: Vivian Fernandez. Preparação corporal e lutas: Daniela Flor e Bruna Longo. Design Gráfico: André Cassiano. Direção de Produção: Deborah Corrêa e Eider Fraga. Realização: Sesi-SP e D&E Produções Artísticas.

SERVIÇO

Espetáculo Crônicas de Cavaleiros e Dragões - O Tesouro dos Nibelungos. Teatro do Sesi-SP (av. Paulista, 1.313, Metrô Triunfo-Vesp). Estreia para convidados: 16 de março, às 21h. Temporada: de 20 de março a 30 de junho. Datas e horários: às quartas, às 21h; aos sábados e domingos, às 16h. Agendamentos escolares e de grupos: de segunda a sexta-feira, das 10h às 13h e das 14h às 17h, pelo telefone (11) 3145-7439. Capacidade: 450 lugares. Gênero: Drama. Duração: 75 minutos. Classificação indicativa: 12 anos. Informações: (11) 3145-7405. Entrada franca - a distribuição dos ingressos tem início a partir da abertura da bilheteria, no dia do evento. Podem ser retirados até dois ingressos por pessoa. Horário de funcionamento da bilheteria em março: de quarta a sábado, das 10h às 21h; e aos domingos, das 13h às 20h. Horário de funcionamento da bilheteria a partir de abril: de quarta a sábado, das 13h às 21h; e aos domingos, das 11h às 20h.

Fonte:Anupikal Comunicação

CARNAVALHA – 2012 – presente

'Carnavalha', novo espetáculo da Cia da Revista estreia dia 5 de novembro no Minitatro

por LUIZ HENRIQUE LEÃO – 2 DE NOVEMBRO DE 2011
PUBLICADO EM: TEATRO



Com direção e cenário assinados por Kleber Montanheiro, A Cia da Revista estreia o espetáculo adulto **Carnavalha**, dia 5 de novembro, às 21 horas, no Minitatro. Com dramaturgia de Bruna Longo, a peça conta a história de integrantes de uma trupe circense, fugitivos da lei: Madame Leoní, Willy e Arabela, fundam uma cidade chamada País do Sol, uma espécie de paraíso para aqueles a quem o Eden foi negado pela Igreja. No elenco, Bruna Longo, Daniela Flor, Deborah Penafiel, Heloisa Maria e Paulo Vasconcelos. Inspirado em *Ascensão e Queda da Cidade de Mahagonny*, de Bertolt Brecht, **Carnavalha** é a primeira parte de *Crônicas do País do Sol: Cabeça de Papelão*, novo espetáculo da Cia que estreia em janeiro de 2012.

Inspiração em Brecht, que usa a música ao vivo como um importante elemento cênico, Kleber Montanheiro optou por despir a montagem de características operísticas. O diretor usa canções conhecidas americanas gravadas com arranjos diferenciados, como por exemplo, *Somewhere Over The Rainbow* em uma versão Rock and Roll. Os figurinos de Márcio Bueno Dias são baseados no carnaval circense americano, com cores fortes. A montagem investiga na cena outras possibilidades de quebra da unidade da forma teatral dramática. Como princípio de construção estética, o distanciamento abrange o trabalho do ator em sua atitude com relação ao texto, ao espaço e à plateia. A iluminação é assinada por Natália Quadros. Outras fontes para criar as imagens de **Carnavalha** vieram do desfile carnavalesco de *Joãozinho Trinta Ratos e Urubus Larguem Minha Fantasia*, os 50 anos de Brasília (a corrupção está em cena) e ainda o Teatro de Revista (como linguagem).

"Carnavalha é o nome que a Cia da Revista batizou o espetáculo, inspirado nos 'carnivals' americanos, onde artistas circenses viajam com seus números bizarros pelo país, se apresentando de parada em parada. A mulher barbada, a vidente, o atirador de facas, são algumas personagens que inspiraram a direção da nossa montagem. Outra grande referência foi Mahagonny, de Bertolt Brecht e a própria obra que o dramaturgo alemão nos deixou. Como dizia Brecht, queremos entreter, mas fazendo a plateia refletir sobre o mundo contemporâneo, a metrópole na qual estamos inseridos e o poder do capital, que nos controla de forma avassaladora", comenta o diretor, Kleber Montanheiro.



Carnavalha

Estreia dia 5 de novembro, sábado, às 21h, no Minitatro.

Temporada – Sábados às 21h e domingos às 20h.

Elenco: Bruna Longo, Daniela Flor, Deborah Penafiel, Heloisa Maria e Paulo Vasconcelos.

Direção e Cenografia: Kleber Montanheiro.

Dramaturgia: Bruna Longo.

Assistência de Direção: Adriano Merlini.

Figurinos: Márcio Bueno Dias.

Iluminação: Natália Quadros.

Realização: Cia. da Revista.

Ingresso: R\$ 30,00 e R\$ 15,00 (meia).

Censura: 14 anos.

Teatro. Em cartaz

O PAPELÃO DOS BACHARÉIS

Comédia em tom absurdo de Ana Roxo satiriza a mentalidade brasileira do jeitinho

* Crítica: Jefferson del Rios

Cabeça de Papelão é uma louca comédia de humor absurdo com raízes na formação social brasileira e em certa psicologia de classe que vem dos tempos coloniais e se sedimentou na burocracia do Império e na República dos bacharéis. Já foi estudada academicamente (*Ritmo do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e *Os Donos do Poder*, de Raymond Faoro) e satirizada pelos melhores escritores de todos os tempos. Ana Roxo encontrou um caminho divertido e cortante de expor essa mentalidade parassitária. Um olhar cético sem cair na lamúria conservadora do “esse país não vai para frente”. Deixa claro que colocou no mesmo caldeirão o gangsterismo das peças de Brecht e o que Brasília simboliza em termos de acertos duvidosos. É divertido porque ela refaz tudo isso de forma calculadamente exagerada a partir das crônicas e livros de João do Rio (1881-1921) sobre a sociedade carioca começo do século 20.

Por coincidência, ele e Lima Barreto, crítico mais sofrido e talvez por isso mais agressivo diante das mesmas mazelas, nasceram no mesmo ano de 1881. O “cabeça de papelão” do enredo é o cidadão Antenor, que demora em aprender os mecanismos de como se aceitar na vida mediante negócios intramuros, casamento arranjado, o mel de deutor e um lugarzinho no serviço público, e assim por diante. Como ele é meio lento, trocam-lhe a cabeça por uma de papel e assim, em meio à bagunça

do “País do sol” tudo se arranja com cordialidade e brandos costumes. Mas sempre algo pode sair ao contrário e o humor delirante mais um grão de loucura fazem sua parte na obra de Ana Roxo sob a direção de Kleber Montanheiro conduzindo um ótimo elenco. A comédia a serviço da inteligência numa indignação desafogada e risos na diante da instabilidade gerada em solo pátrio desde que Macunaima bradou “pouca saúde e muita saúva, os males do Brasilão”.

Há um sutil tratamento psicológico dado no entrecho. O plano existencial ganha relevância e al-

terranças começam sem manifestos exaltados e que a mediocridade cotidiana só será alterada “a partir do nosso pensamento, nossas crenças e nossa posição perante o pequeno mundo que nos cerca”. Mas não é nenhum convite ao sofrimento, ao contrário. Ana Roxo, ao fazer a livre incursão ao original de João do Rio, busca a quase esquecida *Revista Musical*, e teve parceiros a altura. Só é pena o elenco aparecer no programa sem os respectivos papéis. Não se sabe quem é quem (como, ao contrário, se sabe da direção e que Montanhei-

re responde também pelos excelentes figurinos, cenário e iluminação) e a parte musical é o Adilson Rodrigues, Gabriel Hernandez e Nina Potimsky. São três dos bons embora se consiga registrar a bela e convincente presença de Heleiza Maria. O Miniteatro é um lugar impátrio e um projeto artístico inteligente apesar do esquema de recepção com uma comanda de despeço (o termo é um bar) com o alertameador de tupa elevada e caso de perda do cartão. Seria melhor outra solução, coerente com o bom humor que o palco irradia com bastante talento.

uma abstração está presente. Ana Roxo demonstra uma vontade diante de João do Rio que demonstra o reconhecimento ao original, mas se permite a trabalhar na contemporaneidade de sua visão de dramaturgia. O contrário seria algo arqueológico, como encenar *Mistérios do Rio de Benjamin Castaldi (1897-1961)* no clima de uma sociedade que passou por enormes mudanças para o bem e para o mal. O personagem Antenor é mostrado em ritmo de riso solto, porém convervendo um fundo de seriedade que é um dos suportes do Teatro do Absurdo (sobretudo em Ionesco e Vaclav Havel). Encenação no mar huihamente o pouco espaço do Miniteatro leva o público a uma lei de antiguidades, café literário ou sótão de casa antiga onde tudo lembra miniatura.

O museu das ilusões do protagonista, o típico exemplar da mentalidade perplexa e mediana até se descobrir um joguete e reagir. Sua cabeça adquire o formato de TV ou Laptop (tentativa de associar a cabeça com o aparelho de

FESTIVAL Cia. Revista, de SP, encena peça *Cabeça de Papulão*, na qual público é convidado a assistir a montagem do palco; capacidade é para 80 pessoas

Plateia 'invade' palco do Losso Netto

NASARA LIMA
nasara@jornal.com.br

Depois de três dias de espetáculos na rua e em teatros, ao todo sete peças, o 7º Festival (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba) continua com *Cabeça de Papulão*, da Cia. Revista, de São Paulo, às 20h, que traz uma novidade no formato: a plateia vota a montagem de cena do palco do Teatro Municipal. Losso Netto, que dividirá com os outros, a capacidade de público é de 80 pessoas. A entrada é gratuita e os ingressos doações a ser distribuídos uma hora antes da atuação.

A proximidade com o público é a principal característica deste tipo de montagem. Cordão e estalite são temas, não da Cia. da Revista, a comunicação com a plateia é o principal objetivo. "Em São Paulo apresentamos em cinco dias, em um contexto. Quando vamos para outros espaços, utilizamos que o local também tenha uma característica. Aqui já apenas deixo ao critério

do qual fui convidado, mas principalmente porque acreditamos que a comunicação do elenco com a plateia é muito maior, saindo de uma perspectiva apenas contemplativa", adensa.

A crítica aos espetáculos sociais renova o *Cabeça de Papulão* duas indicações ao Prêmio Shell 2012, nas categorias Dramaturgia e Direção

Musical. Criação da Cia. da Revista, a montagem marca os 15 anos de existência da tropa piracicabana. "Dois meses e dois meses em cena para retratar a trajetória de Antônio, cidadão de São Paulo, que

por falar a verdade e pensar livremente, é discriminado por seus companheiros. O pensamento de um excluído do convívio social e do trabalho, recebendo constantes ameaças de que ele não tem sua cabeça. Ao conhecer Maria Antônia, Antônio descobre a política e decide mudar sua cabeça.

Responsável pela direção do espetáculo, Kleber Montanheiro diz que a obra possibilita uma reflexão sobre a cidade que habita e as possibilidades de mu-



Atores e plateia entram em cena para retratar a trajetória de Antônio, homem que é discriminado por falar a verdade

tações. "A cidade não muda, quem muda somos nós, por isso, de nossos pensamentos, crenças e opiniões perante o mundo que não cessa. Precisamos olhar realidades e começar", concluiu.

CRÍTICAS — A partir de hoje o leitor do *Jornal de Piracicaba* poderá acompanhar as melhores críticas de espetáculos já apresentadas no Festival, analisadas pelo professor do Instituto

de Artes da Unesp, Alexandre Maia. Sua matéria estará publicada

ENDIÇA — 7º Festival — Espetáculos: *Cabeça de Papulão*, com a Cia. da Revista. Hora: às 20h, no Teatro Municipal de Piracicaba, no centro

Independência, 277. Contato: O responsável pelo festival e montagem é o jornalista Carlos Roberto de Almeida, sob o nome: Capulão. E para mais informações, pelo endereço eletrônico: www.festival.com.br ou pelo telefone (19) 3433.4702.

**Veja São Paulo
Recomenda**

Cabeça de Papulão. Depois de ganhar a cena no ano passado com o monólogo *Dentro da Noite*, a obra do cronista carioca João do Rio (1883-1921) volta aos palcos. Carregada de ironia, a Cia. da Revista apresenta uma versão musical para o conto *O Homem da Cabeça de Papulão* (1921) e enfatiza a veia satírica e politizada do autor. Na juventude, Antônio (interpretado por Pedro Bacellar, Adriano Merlim e Rafael Presto, em fases distintas) tentou ser fiel aos ideais de bom moço. Mas bastou encontrar obstáculos para esquecer suas convicções. A adaptação de Ana Roxo prende a plateia nos altos da história e na costura das canções. No Miniteatro, os espectadores assistem a um desfile de situações que reafirmam a proposta do grupo dirigido por Kleber Montanheiro. A essência do teatro de revista, reproduzindo a realidade com uma dose de diversão, está representada por dez atores e dois instrumentistas. Pág. 96

As melhores peças

		Pag.
1	0000 Doze Homens e Uma Sentença	100
2	0000 Tim Maia — Vale Tudo, o Musical	104
3	000 Vermelho	103
4	000 Eu Era Tudo pra Ela e Ela me Deixou	100
5	000 Um Violinista no Telhado	105
6	000 Equus	100
7	000 Mistério Buffo	102
8	000 A Família Addams	100
9	000 Bichado	102
10	000 Cabeça de Papulão	96

CRÍTICA | Cada Qual no Seu Barril

Espetáculo sem diálogos faz releitura de livro

► Mônica Rodrigues da Costa

férias



Mônica Rodrigues da Costa

As atrizes Bruna Longo e Daniela Flor, que estão na adaptação da obra de Ruth Rocha

Com figurino flexível, as atrizes de "Cada Qual no Seu Barril" impressionam a plateia ao pular para dentro e para fora de dois barris ancorados em uma ilha deserta, em cenas de teatro físico e improvisação.

Bruna Longo e Daniela Flor representam, sem diálogos, naufragos trapalhões arquitetando armadilhas um contra o outro. Noite e dia e o barulho do mar: almoço, pesca, brigas, conversas.

A cenografia parece cartola de mágico. De cortininhas nas laterais, os barris contêm objetos usados na narrativa. Mas fica difícil identificar o ambiente da história.

Por essa razão, o espetáculo funciona melhor

para quem conhece o livro de Ruth Rocha "Dois Idiotas Sentados Cada Qual no Seu Barril..." (1983), que inspirou a peça, porque infere rapidamente o lugar do enredo. Além disso, algumas cenas poderiam ser mais sintéticas para reforçar o aspecto cômico.

Mas isso não impede o divertimento do público com as palhaçadas da dupla de atrizes, que integra a premiada Cia. da Revista.

A direção é de Kleber Montanheiro.

Avaliação: ótimo.

Indicação do Guia: de dois a seis anos

Miniteatro - pça. Franklin Roosevelt, 108, Consolação, região central, tel. 2855-3955. 50 lugares. 50h. e dom.: 16h. Até 25/9, 45 min. Não recomendado para menores de 5 anos. Ingr.: R\$20. 13.

Literatura no teatro: dois ótimos livros, duas ótimas peças

Cada Qual no Seu Barril e A Volta ao Mundo em 80 Dias são as indicações de Dib para este fim de semana

Dib Carneiro Neto



Hoje, quero indicar **dois espetáculos** que estão quase encerrando suas temporadas em São Paulo e sobre os quais ainda não tive oportunidade de escrever. Ambos são inspirados em livros famosos, clássicos literários para crianças.

O primeiro é **Cada Qual no Seu Barril**, baseado em uma obra muito conhecida da veterana Ruth Rocha, *Dois Idiotas Sentados Cada Qual no Seu Barril*. Intransigência e poder fazem dois vizinhos – Igor e Vladimir – transformarem sua convivência numa verdadeira guerra. Pesado? É um tema que, se bem explorado, como o fez Ruth Rocha, pode atrair o interesse das **crianças** para um assunto de fato bem sério, mas de forma brincalhona, lidando mais com **metáforas** e sugestões do que com um enredo linear.

Muitos encenadores de **teatro infantil** já usaram o livro como base. Desta vez, os responsáveis pela montagem são os premiados integrantes da Cia. da Revistinha, braço vespertino da Cia. da Revista, instalada em sua aconchegante sede da Praça Roosevelt, o Miniteatro.

Duas atrizes – Bruna Longo e Daniela Flor, ótimas – fazem os papéis dos vizinhos, explorando gags de histórias em quadrinhos, linguagem de clowns, humor físico, mímica e tantas outras sacadas espertas, dominadas com precisão pelo diretor Kleber Montanheiro. E é tudo sem texto, com as ações pontuadas por eficiente trilha sonora. Vale reparar na quantidade de trechos e cacarecos que as duas atrizes vão tirando de dentro de seus barris cenográficos: o público se surpreende e sai se perguntando como é que cabe tanta coisa ali.

Miniteatro busca levar público infantil para a Praça Roosevelt

Por Kyra Piscitelli

A Praça Roosevelt é a morada de diversos teatros. Situada no centro de São Paulo, suas salas são menores, intimistas e mais simples do que a maioria dos luxuosos e caros espaços distribuídos pela cidade. Consagrada como um lugar onde se pratica a arte de forma aberta e criativa, a praça atrai muitos intelectuais, alternativos e boêmios. Mas, o Miniteatro quer mostrar que lá não é só para quem já assiste teatro e gosta de seus diferentes e premiados espetáculos. Eles querem conquistar os pequenos.

Essa é uma missão dura e difícil, ainda mais para um teatro que como os outros da Praça Roosevelt têm dificuldades em conseguir apoio, patrocínio e incentivo. Mas, ainda assim, eles encararam o desafio e estrearam a peça infantil **"Cada Qual no Seu Barril"**, dirigida por Kleber Montanheiro – diretor de outros espetáculos infantis da companhia.

A peça é um sucesso de crítica – com nada menos do que seis indicações ao Prêmio Coca-Cola Femsa de Teatro Infantil e Jovem, de São Paulo. A história concorre nas mais diversas categorias: melhor espetáculo, melhor cenografia, melhor trilha sonora, melhor atriz e até na categoria especial – por fazer uma adaptação dos desenhos para o teatro. Isso mesmo, dos desenhos para o teatro.

"Cada Qual no Seu Barril" é inspirado em consagrados desenhos como Tom e Jerry e Papa-Léguas e Colote. Além disso, a história é uma adaptação da Cia, da Revista para **"Dois Idiotas Sentados Cada Qual no Seu Barril"**, da escritora Ruth Rocha.

Em 45 minutos de espetáculo, dois naufragos (interpretados pelas atrizes Daniela Flor e Bruna Longo) são obrigados a conviver em uma ilha deserta e a relação dos dois vira uma verdadeira guerra. O mais interessante é que as duas atrizes – devidamente trajadas de homens – não falam e trabalham muito bem com mímica e barulhos (fruto de uma selecionada e divertida trilha sonora). **"Cada Qual no Seu Barril"** não é só sucesso de crítica; é também de público. A peça, ao contrário da maioria dos infantis, agrada muito os meninos e também as meninas (e falo por experiência própria). Quando fui, uma das crianças tinha ido para o teatro praticamente arrastado pela tia, que me acompanhava. A cara de bode foi evidente durante todo o trajeto. O menino mal falava. No entanto, nos primeiros cinco minutos de espetáculo, ele já era outro. Ria, brincava, fazia gestos de luta e participava – gritando para os personagens. E essa era a reação de todas as crianças presentes. Claro, que o ambiente meio escuro justifica a indicação do espetáculo para maiores de cinco anos. É ainda mais legal do que agradar meninos – já que, geralmente, os contos de fadas melosos imperam no teatro infantil – é que o espaço pequeno e intimista do Miniteatro permite que as crianças brinquem com os objetos e com os barris, ao final do espetáculo.

Por isso, convoco (em primeira pessoa mesmo) que todos levem seus filhos para prestigiar um teatro de qualidade. Desses que faz uma criança virar um adulto expectador. Vamos apoiar o teatro, que sobrevive de plateia. O centro é uma região que foi revitalizada na última década e quer e merece um novo público.

Hoje, há polícia, há calçada nova, há diversas opções. Lá é lugar para todo mundo e o Miniteatro mostrou isso com **"Cada Qual no Seu Barril"**. - Não deixem o bom teatro morrer e nem esse pedaço de São Paulo se apagar, logo agora que está rescendendo. Ensinemos isso aos nossos filhos.

Pecinha é a Vovozinha! teatro

Os meus melhores do teatro infantil em 2011

Quem se destacou nos palcos e nesta coluna durante o ano que termina? Com vocês, o Prêmio *Pecinha É a Vovozinha* em 34 categorias diferenciadas

DIB CARNEIRO NETO

Hoje, última coluna do ano de 2011, tomo a liberdade de oferecer a vocês um balanço do que houve de melhor nos palcos de teatro infantil e jovem em São Paulo. Para tanto, não preparei um texto convencional. Mas está longo. Distribuo pela primeira vez os Prêmios **Pecinha É a Vovozinha** (nome da coluna) em 34 categorias. Mas também não são as categorias comuns nesse tipo de prêmio — são novas categorias inventadas por mim, para dar conta de falar de tudo o que quero. Qual foi a melhor lição de moral para as crianças? Qual a melhor cena de perseguição do ano? Qual foi o maior estímulo à diversidade? E a peça de maior delicadeza em cena? Quem foi o queridinho da temporada? Quem foi o maior vilão? E a maior ousadia? E o melhor uso de telão, a melhor confecção de bonecos, a melhor abertura de espetáculo, os melhores cacarecos em cena, a melhor trucagem tecnológica? Acompanhe agora e feliz 2012. Parabéns aos vencedores.

TROFÉU PECINHA É A VOVOZINHA DE MELHORES CACARECOS EM CENA:

Cada Qual no Seu Barril, da Cia. da Revista, com direção de Kleber Montanheiro. Era inacreditável a quantidade de trocos e adereços que as ótimas atrizes Bruna Longo e Daniela Fior tiravam de dentro de seus barris cenográficos: o público se surpreendia e saía se perguntando como é que cabia tanta coisa ali. Grande sacada visual, nesta adaptação sem texto do livro já clássico de Ruth Rocha.



Cena de *Cada Qual no Seu Barril*

UR-HAMLET – 2006/2009



Ur-Hamlet

A performance by Eugenio Barba based on *Vita Amlethi* by Saxo Grammaticus (1200 A.D.)

Saxo, the monk, unearths Hamlet's skeleton from the basements of the castle, evokes his life and interprets it in Latin. He addresses the spectators in this archaic and defunct language, unveiling and commenting the vile intentions of the characters and of their deeds. He wanders through the performance, is at the centre of the action, identifies himself with its development and struggles to avoid its uncontrolled events, seeking a way of escape.

The bare space is lightened by torches that can be both portable and fixed to the ground. These moving flames modulate the intensity of the actions and the perception of the space. The actors move amidst a labyrinth of torches, they carry them and use them to underline – as in a painting by Rembrandt – the fragment of a scene or a detail.

The stage action follows Saxo's storyline, punctuated by Hamlet's outbursts of folly. Moments of indolence are interspersed with frantic crises, while assassins or credulous accomplices run after Hamlet to interpret his behaviour. At times, the whole reality becomes a delirium. The events take place in a castle which is besieged not by the Other World and its ghosts, but – much more concretely – by the outside and its subsoil.

From the subsoil rats emerge, carriers of plague. These enemies of the human race surface as miasmas from the dark and underground layers of an orderly society.

Invasers are expected from the outside. Up to now, wretched and hungry people have been arriving, looking for refuge. Are they going to be contaminated by the plague or are they its carriers? The castle's dwellers get rid of them methodically yet without anger: a mere territorial cleansing operation. In the cemetery, a few graves are always open in readiness. The gravediggers try to keep order in this kingdom in which lethal forces scurry around.

While corpses burn and the mad night of revenge seems ended, Hamlet, as in a solitary prayer or a hymn of war, proclaims new rules invoking the name of his father. It is not his father's ghost that appears, but a child, ready to fight for his New Order.

2009 Ensemble:

On Stage: Akira Matsui (Japan), Yalan Lin (Taiwan), Ni Nyoman Tjandri, I Wayan Bawa, Ni Wayan Sudiani and 30 performers and musicians from the Gambuh Desa Batuan Ensemble (Bali): I Ketut Buda Astra, I Ketut Lida, I Ketut Sandi, I Ketut Suwana, I Ketut Karwan, I Made Budiana, I Made Merta, I Made Renanta, I Made Suamba, I Made Suteja, I Made Lesit, I Nyoman Doble, I Nyoman Suwida, I Wayan Bawa, I Wayan Kader, I Wayan Marca, I Wayan Martawan, I Wayan Naka, I Wayan Purnawan, I Wayan Rawa, I Wayan Suamba, Ida Bagus Made Kertayasa, Ni Kadek Ariantini, Ni Luh Anik Windasari, Ni Made Partini, Ni Made Srimpi, Ni Nyoman Juniali, Ni Nyoman Tjandri, Ni Wayan Nugini, Ni Wayan Phila Widari Eka Tana, Ni Wayan Sudiani, Milvia Terenzi, Pino Confessa (Bali), Brigitte Ciria (France), Augusto Omolú and Cleber da Paixão (Brazil), Annada Prasanna Pattanaik (India), Magnus Errboe (Denmark), Odin Teatret (Denmark), and the Foreigners' Chorus (52 performers from 22 countries): Aeran Jeong (South Korea), Agnieszka Masternak, Agnieszka Sosnowska (Poland), Alberto Martínez

Guinaldo (Belgium), Aleksandra Marzec (Poland), Alessandro Curti (Italy), Alvaro Iván Hernández Rodríguez (Colombia), Ana Laura López Morales (Mexico), Andrea De San Juan Hazen (Spain), Antonello Motta (Italy), Bruna Longo (Brazil), Carlos Carmona (Mexico), Carolina Paola Balduzzi (Argentina), Christina Kyriazidi (Greece), Da mian Borowiec (Poland), Dawid Gudol (Poland), Deise Nunes (Brazil), Devrim Evin (Turkey), Dominique Serena Antignano (Italy), Edyta Kutnik (Poland), Ewa Piotrowska (Poland), Felipe Vergara (Colombia), Francesca Guillén (Mexico), Francisco Villicaña Maldonado (Mexico), Giuseppe Leonardo Bonifati (Italy), Isabela Paes (Brazil), Isadora Pei (Italy), Juliana Zancanaro (Brazil), Linda Cunningham (Ireland), Liza Urbanová (Czech Republic), Loren O'Dair (Great Britain), Luciana Martuchelli (Brazil), Magdalena Ptasznik (Poland), Małgorzata Gajdemska (Poland), Marcelo Gomes Miguel (Brazil), Michal Dawidowicz (Poland), Monserrat Montero Cole (Costa Rica), Paweł Leszczyński (Poland), Piotr Filonowicz (Poland), Rachael Lindsay (Ireland), Roberto Aldorasi (Italy), Sofija Ristevska (Macedonia), Soon-Heng Lim (Malaysia), Stefan Adamski (Poland), Stephanos Regueros Savvides (Cyprus), Steve Rice-Khan (Great Britain), Thadd McQuade (USA), Vanna Kårfors (Sweden), Wioletta Farkowska (Poland), Wout van Tongeren (The Netherlands), Yuval Dishon (Switzerland), Zofia Dworakowska (Poland).

Ur-Hamlet

(2006)

[Share](#) [Tweet](#)

OTA - Odin Teatret Archives >>

Read more about Ur-Hamlet here (documents, images, videos).

Programme

English (2006)

English (2009) Updated
Insert to the 2006
programme

Poster



2006 Ensemble

On Tour

2009: Poland

2006: Denmark, Italy

International Festivals

The World as a Place of Truth, Wrocław, Poland (2009)

Hamlet Sommer, Helsingør, Denmark (2006)

Ravenna Festival, Italy (2006)

THE MARIAGE OF MEDEA - 2008

THE MARRIAGE OF MEDEA

With the participation of: Odin Teatret (Denmark), Gambuh Desa Batuan Ensemble (Bali), Augusto Omolú and Cleber da Paixão (Brazil), and The Jasonite Family (33 performers from 23 countries) - **Music:** Based on the actors' improvisation and classical Balinese - **Scenic space:** Odin Teatret - **Costumes:** Odin Teatret - **Props and puppets:** Fabio Butera, Odin Teatret and Gambuh Desa Batuan - **Light design:** Odin Teatret - **Technician:** Fausto Pro - **Production:** Luciana Bazzo - **Director assistants:** Julia Varley, Cristina Wistari Formaggia, Ana Woolf, Anna Stisgaard - **Literary adviser:** Nando Tavianí - **Dramaturgy and direction:** Eugenio Barba.

GAMBUH DESA BATUAN ENSEMBLE (Batuan, Bali): Cristina Wistari Formaggia, Ni Wayan Sudiani, Ni Wayan Nugini, Ni Nyoman Juniati, Ni Kadek Ari Antini, Ni Luh Anik Windasari, Ni Made Srimpi, Ni Made Partini, Ni Nyoman Tjandri, Ni Wayan Phia Widari Eka Tana, I Wayan Bawa, I Wayan Purnawan, I Wayan Martawan, I Made Suteja, I Wayan Suamba, Ida Bagus Kertayasa, I Made Lesit, I Ketut Lida, I Made Merta, I Made Suamba, I Wayan Kader, I Wayan Naka, I Ketut Karwan, I Nyoman Doble, I Ketut Suwana, I Ketut Sandi, I Made Budiana, I Made Renanta, I Wayan Rawa, I Wayan Marca, I Nyoman Suwida, I Ketut Buda Astra. - **ODIN TEATRET (Holstebro, Denmark):** Tage Larsen, Augusto Omolú and Julia Varley. - **THE JASONITE FAMILY:** Adam Horowitz, Aeran Jeong, Alberto Martinez Guinaldo, Alessandro Curti, Alvaro Iván Hernández Rodríguez, Andrea De San Juan Hazen, Boryana Ivanova, Bruna Longo, Christina Kyriazidi, Devrim Evin, Felipe Vergara, Francesca Trueba Guillén, Francesco Vellei, Gabriella Sacco, Giuseppe Leonardo Bonifati, Isabel Balboa, Isabela Paes, Isadora Pei, Juliana Johanidesova, Juste Ruskyte, Loren O'Dair, Marcelo Gomes Miguel, Marco Galati, Mary Vastaki, Mira Noltenius, Monserrat Montero Cole, Mykallie Bielinski, Paulina Almeida, Roberto Aldorasi, Sabera Shaik, Soon-Heng Lim, Stephanos Regueros Savvides, Ya-Lan Lin.



(Top) Clotho (Julia Varley) ready to sever the thread of life. Rehearsals in Holstebro.
(Bottom) Dionysus (Augusto Omolú) pursuing the Jasonites. Photo: Tommy Bay.